

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



Supervisão e Orientação da Prática Pedagógica de Educadores no Jardim de Infância, faixa etária (3-5) e (5-6) anos, com foco na organização do ambiente educativo, as planificações e as rotinas diárias.

Lamine Corbum

MESTRADO EM EDUCAÇÃO
Supervisão e Orientação da Prática Profissional

Trabalho de Projeto Orientado pelo Professor Doutor Luís Alexandro Tinoca e co-orientado pelo Professor Doutor Everton Dalmann

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



Supervisão e Orientação da Prática Pedagógica de Educadores no Jardim
de Infância, faixa etária (3-5) e (5-6) anos, com foco na organização do
ambiente educativo, as planificações e as rotinas diárias.

Lamine Corbum

MESTRADO EM EDUCAÇÃO
Supervisão e Orientação da Prática Profissional

Trabalho de Projeto Orientado pelo Professor Doutor Luís Alexandro Tinoca e co-
orientado pelo Professor Doutor Everton Dalmann

2020

Este trabalho, integrado no Mestrado em Educação, Especialidade em Supervisão e Orientação da Prática Profissional, do Instituto de a Educação da Universidade de Lisboa, desenvolveu-se nas instalações da Universidade Católica da Guiné Bissau (UCGB), nos anos letivos de 2018/2019 e 2019/2020. Faz parte do Projeto “Cultura i nô balur - uma estratégia de Educação para a Cultura na Guiné-Bissau” que decorre entre junho de 2016 a agosto de 2020, na Guiné-Bissau. Foi promovido pela ONG FEC – Fundação Fé e Cooperação e subsidiado pela União Europeia, Misericórdia e Instituto Camões.

Agradecemos a todos os que criaram as condições para que este mestrado se realizasse nas melhores condições possíveis e em particular à Reitora da UCGB, Professora Zaida Pereira e ao assessor pedagógico da FEC Professor Doutor Everton Dalmann

Site do projeto: <http://www.fecong.d.org/project/cultura-i-no-balur/>

Agradecimentos

Obrigado Deus Misericordioso que sempre estas presente na minha vida e dos meus familiares. Obrigado

Ao êxito, devo-o aos meus bases que me acompanharam no percurso deste caminho. Assim, agradeço:

Aos meus pais, Isuf Braima Baldé Corbum (falecido) e Maimuna Djaló, pela dedicação e esforço para que pudesse ser bem-sucedido. Pela minha mãe que me acompanhou neste longo percurso. Por acreditar em mim e nunca me deixou desistir, mostrando sempre que o melhor caminho é ir à luta pelo que realmente gostamos e não desistirmos logo à primeira. E porque sem eles este percurso académico e esta investigação não teria sido possível.

Aos meus filhos e minha esposa, Sílvia Haydée Maimuna Tavares Corbum, Isuf Khalid Tavares Corbum e Maimuna Jaló, pelo tempo que não lhes dediquei, pelas brincadeiras, pelo amor, pelos passeios e pelos momentos que estive ausente quando eles precisavam. Desculpem e amo-vos.

Aos meus segundos Pais, Inspetora Geral da Educação Arcângela Graça que me deu todo o apoio e carinho incondicional, sem se ter em conta do prejuízo da minha ausência no local de serviço de vez em quando fala-me: “oi filho não vais para aula hoje?”. Mamãe meu muito obrigado de fundo de coração. E Augusto Frederico Gomes de Barros (SÔS grande) e que também não me falta o seu apoio e carinho, meu muito obrigado SÔS.

Ao meu orientador e coorientador, Prof. Doutor Luís Alexandre da Fonseca Tinoca e Prof Doutor Everton Dalmann, cuja orientação foi determinante para o avanço progressivo deste trabalho. Também pela disponibilidade e auxílio que demonstraram ao longo da execução deste estudo.

A coordenadora do projeto de mestrado a Professora Doutora Guilhermina Lobato Miranda, meu muito obrigado professora, pela sua pronta capacidade em encontrar soluções flexíveis aos diferentes problemas que nos têm aparecido ao longo do processo e em especial os apoios que me tem dado para a consolidação deste projeto.

À minha família e os meus irmãos, Eng. Albino Tchernó Embaló, Dr. Idriça Djaló, Mestre Mamadu Ude Bá (Aladje), Adrahime Djaló (Veté) e Muhamed Amado Só, pelo apoio e

carinho demonstrado ao longo deste percurso, sobretudo, Fatumata Só, Djenabu Só, Braima Só e minha querida cunhada Mariama Djaló.

As minhas amigas, Carla Jauad, Patrícia Rosa, Cindy Mustschen de Carvalho, pelos apoios na tradução de resumo e no fornecimento dos materiais para consulta, livros, cópia dos textos...E em especial meu melhor amigo irmão, Dr. Ernesto Cabral Júnior (SÔS zinho), quem me acompanhou durante todo este percurso. Quem aturou os meus desassossegos, mas nunca deixou que estes me atrapalhassem durante o caminho e por estar sempre ao meu lado tanto nos momentos bons como nos momentos menos bons.

À Instituição-Jardim, diretora, educadoras e inspetor de IGE com quem tive o privilégio de trabalhar durante este processo, demonstraram sempre disponíveis. E todas as educadoras do Jardim muito obrigado a todos.

Aos professores do curso de Pós-graduação e do Mestrado da Universidade de Lisboa - Instituto de Educação, e aos financiadores do Projeto Cultura i no Balur, da FEC: União Europeia, Instituto Camões e Miserior, pela disponibilidade que sempre manifestaram, bem como aos meus colegas de estudo e de profissão pela motivação e incentivo. E por último, não menos importante, o meu muito obrigado às Universidades: Universidade de Lisboa - Instituto de Educação (IE) e Universidade Católica da Guiné-Bissau (UCGB).

A todos um bem-haja!

Índice

Resumo	i
Abstract	ii
Lista de Figuras	iii
Lista de Quadros	iv
Abreviaturas e Siglas	v
Introdução.....	1
Capítulo 1 - Enquadramento Teórico.....	4
Origens do Conceito de Supervisão Pedagógica	5
Os Modelos de Supervisão Clínica e Reflexiva	7
O modelo de supervisão clínico	7
O modelo de supervisão reflexivo	9
O Processo de Supervisão em Educação de Infância	12
A Supervisão no Jardim-de-Infância e no Pré-Escolar no Contexto da Guiné-Bissau ...	15
Legislação sobre a Supervisão e Inspeção em Vigor no Contexto da Guiné-Bissau	17
O Foco na Educação de Infância	23
Abordagem Sistemática e Ecológica na Organização do Ambiente Educativo	24
Organização do Espaço.....	25
Organização do Grupo	25
A organização do tempo	26
A planificação	27
As Rotinas	29
Capítulo 2 - Metodologia	32
Abordagem Metodológica.....	33
Participantes no Estudo	34
Caracterização dos entrevistados	35
Técnicas de Recolha de Dados.....	37
Observação.....	37
Entrevista	39
Procedimentos de Recolha de Dados	41
Técnica de Análise de Dados	43
Análise de conteúdo.....	43
Capítulo 3 - Apresentação e Análise dos Resultados.....	46
Dados da Caraterização do Jardim	46
Recursos Humanos.....	50

Caraterização das Educadoras do Jardim	50
Caraterização das Crianças.....	52
Apresentação, análise e interpretação dos resultados das entrevistas.....	52
Síntese das características dos participantes entrevistados.....	53
Dados de Opiniões Recolhidos por Meio de Entrevistas.....	54
Observação.....	87
O acompanhamento da prática pedagógica (APP)	88
Observações da Prática Pedagógica (OPP).....	90
Fichas de supervisão da prática pedagógica das aulas observadas	100
Conclusões.....	109
Considerações finais.....	115
Limitação do estudo	118
Linhas de investigação futuras.....	118
Apresentação de uma proposta de melhoria da situação encontrada – Projeto de melhoria	119
Referências Bibliográficas	125
Apêndices	129

Resumo

De que forma as práticas da supervisão pedagógica da Guiné-Bissau podem contribuir para melhorar as condições de aprendizagem das crianças, nas práticas do Jardim e Pré-escolar com foco nas seguintes dimensões: “supervisão da organização de ambiente educativo, as planificações e as rotinas?”, foi esta a questão que nos levou ao presente trabalho de investigação, cujo objeto de estudo centra-se no trabalho que os participantes da investigação desenvolvem no jardim, de modo a compreender as dificuldades pedagógicas e analisar as práticas de supervisão existente no jardim, principalmente nas três dimensões acima mencionadas. Este trabalho levou-nos a fazer estudo do campo acerca do jardim como lugar dinamizador da aprendizagem da prática profissional docente, próxima da criação do conhecimento profissional, das dimensões da supervisão, da observação e da reflexão repartida como estratégias configuradoras de percursos de ensino e de aprendizagem. Levou-nos a discutir as medidas caracterizantes da supervisão enquanto estratégia metacognitiva de progresso e a perspetivar o supervisor como um recurso estratégico de autoformação e, assim, de desenvolvimento pessoal e profissional. O trabalho empírico-qualitativo reflete-se numa análise explicativa e incidiu sobre quatro atores do processo de ensino: uma diretora e duas educadoras, e um inspetor da Inspeção Geral da Educação. O estudo enquadra-se numa abordagem metodológica de carácter descritivo, iminentemente qualitativa. Recorremos principalmente a entrevistas semiestruturadas e aos registos escritos de observação de aulas. As conclusões do estudo confirmam a importância do jardim/sala de atividade como espaços de reflexão e formação; potencialidades da supervisão e complexidade do papel do supervisor como recurso de (auto) formação e (re) aprendizagem da docência, com vista à constante melhoria dos atos pedagógicos e da supervisão enquanto estratégia promotora de mecanismos cognitivos e metacognitivos de desenvolvimento pessoal e profissional, que potencializa as aprendizagens das crianças.

Palavras-Chave: supervisão; organização do ambiente educativo; planificação; rotinas.

Abstract

How can Guinea-Bissau's pedagogical supervision practices contribute to improving children's learning conditions, in kindergarten and pre-school practices with a focus on the following dimensions: “Supervision of the educational environment organization, planning and routines”? This was the question that led us to the current research, whose object of study focuses on the work that the research participants develop in kindergarten, in order to understand the pedagogical challenges and analyze the existing supervisory practices, mainly regarding the three dimensions mentioned above. This work led us to carry out a field study of the kindergarten as a dynamic place of learning professional teaching practices that is close to the creation of professional knowledge, supervision, observation and shared reflection as strategies to configure teaching and learning paths. It led us to discuss the measures that characterize supervision as a metacognitive strategy for progress and to see the supervisor as a strategic resource for self-training and, thus, for personal and professional development. The empirical-qualitative work is reflected in an explanatory analysis and focused on four actors in the teaching process: a principal, two educators and an inspector from the General Inspection of Education. The study makes use a descriptive methodology with a qualitative nature. The main data sources were, semi-structured interviews and written records of classroom observations. The conclusions confirm the importance of the kindergarten/activity room as a space for reflection and training; the potential of supervision, and the complexity of the supervisor's role as a resource for (self) training and (re) learning of teaching, with a view to constantly improve pedagogical acts and supervision as a strategy that promotes cognitive and metacognitive mechanisms for personal and professional development, which enhances children's learning.

Key words: supervision; organization of the educational environment; planning; routines.

Lista de Figuras

Figura I – Edifício do jardim

Figura II – Salas para atividades das crianças

Figura III – Refeitório

Figura IV – Espaço exterior

Lista de Quadros

Quadro 1 – Estatuto Pessoal e Profissional dos Docentes- Participantes no estudo

Quadro 2- Calendário das Entrevistas

Quadro 3 – Caracterização das Educadoras por Grau Académico e por Sexo

Quadro 4- Perfil Pessoal e Profissional dos Participantes nas entrevistas

Abreviaturas e Siglas

APP - Acompanhamento da Prática Pedagógica

DGE - Direção Geral de Ensino

E2- Educador 2

EPT - Educação para Todos

ETR - Equipas Técnicas Regionais

EUA- Estados Unidos de América

FEC - Fundação Fé e Cooperação

G.B- Guiné-Bissau

GLEPI - Grupo Local da Educação para o pré-escolar e para a pequena infância

IE – Instituto de Educação

IG- Inspeção Geral (Portugal)

IGE- Inspeção Geral da Educação

INDE - Instituto Nacional para o Desenvolvimento

JI – Jardim de Infância

LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo

LCD- Lei da Carreira Docente

ME- Ministério da Educação (Portugal)

ME/DEB – Ministério de Educação-Departamento de Educação Básica

MEN- Ministério da Educação Nacional

MICS3- Inquéritos aos Indicadores Múltiplos

NEE- Crianças com Necessidades Especiais

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico

OPP - Observação da Prática Pedagógica.

PA1- Participante A1

PA2- Participante A2

PA3- Participante A3

PE2- Participante E2

PCTP - Presidente de Conselho Técnico Pedagógico

PEE- Pais Encarregados de Educação

RESEN. - Rapport d'Etat sur le Système Éducatif National

RGPH - Recenseamento Geral da População e Habitação

SAB - Setor Autónomo de Bissau

SOPP- Supervisão e Orientação da Prática Profissional

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para Infância

Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação na especialidade Supervisão e Orientação da Prática Profissional e expressa um trabalho de investigação sobre Supervisão e Orientação da Prática Pedagógica de Educadores no Jardim de Infância, faixa etária (3-5) e (5-6) anos, com foco na organização do ambiente educativo, as planificações e as rotinas diárias.

Neste sentido, iniciou-se com a seguinte questão de partida: “de que forma as práticas da supervisão pedagógica da Guiné-Bissau podem contribuir para melhorar as condições de aprendizagem das crianças no setor autónomo de Bissau nas práticas do Jardim e Pré-escolar com foco nas seguintes dimensões ‘Supervisão da Organização de Ambiente Educativo, as planificações e as rotinas?’” E que tem por objetivo primordial entender com base nos fundamentos educacionais o fenómeno de Supervisão da Prática Pedagógica, conhecer as dificuldades pedagógicas dos Educadores e analisar as práticas de supervisão existente no Jardim da Infância.

A escolha deste tema presta-se sobretudo à crescente procura da educação de infância nos últimos anos na Guiné-Bissau e sua relevância no desenvolvimento de crianças dos 0 aos 6 anos.

No panorama das grandes alterações das políticas educativas na Guiné-Bissau, a supervisão tomou importância e adotou novos perímetros, em virtude das novas verdades, nomeadamente por duas razões: porque os educadores e professores e o seu papel nas organizações assumem uma importância e porque, no panorama da reflexividade, a supervisão se orienta para uma abordagem metodológica formativa e formadora, circundando o estudo para o aperfeiçoamento do ensino e da aprendizagem e

para o progresso profissional e pessoal, ligando o pessoal com o organizacional, no espaço de novas formas de progressão ou desenvolvimento.

Entretanto, o presente trabalho está organizado em cinco capítulos segundo a descrição que segue.

Nesta “Introdução”, fazemos a apresentação da problemática e do objeto de estudo, em que o presente trabalho se centra, a sua pertinência, atualidade e contextualização; referimos ainda a estrutura deste trabalho.

Após a “Introdução”, o segundo capítulo refere-se ao “Enquadramento teórico” neste capítulo apresentamos o conceito de supervisão pedagógica dando ênfase ao contexto do jardim-de-infância e do pré-escolar em função da realidade guineense. Para o efeito explanamos primeiramente o conceito de supervisão pedagógica, a seguir explicamos os primórdios deste conceito e apresentamos os modelos clínico e reflexivo de supervisão. Continuando revelamos como a supervisão e a inspeção são percebidos na Guiné-Bissau, em função da legislação vigente neste país. Por fim apresentamos a importância da supervisão na educação de infância.

Entretanto o capítulo seguinte refere-se a “Metodologia”. Neste capítulo são apresentadas e explicadas as abordagens e procedimentos metodológicos que orientaram o estudo. Está subdividido em oito pontos. O primeiro ponto descreve a opção metodológica e o objetivo geral do estudo; o segundo ponto descreve o jardim onde ocorreu o estudo, os participantes e a sua caracterização; o terceiro ponto dá atenção às técnicas aplicadas na recolha de dados; o quarto ocupa-se das técnicas adotadas na análise de dados; o quinto ponto fala dos procedimentos aplicados na recolha de dados; o sexto preocupa-se com a forma como foi conduzido o inquérito por entrevista; o sétimo ponto foca-se nas técnicas aplicadas para análise de dados; e por último, o oitavo ponto, ocupa-se das técnicas adotadas na análise de conteúdo.

Na terceira parte apresentaremos os resultados principais deste Trabalho de Projeto que se inicia com a descrição da caracterização do jardim. A seguir revelamos os dados de opiniões recolhidos através das entrevistas e da análise de conteúdos das mesmas. Por último descrevemos o processo de observação das aulas realizadas que foram observadas.

Finalmente, encontram-se no presente Trabalho de Projeto o capítulo das “Conclusões” relativas a cada uma das situações levantadas e que constituíram os objetivos de investigação traçados. As informações reveladoras da importância do jardim/sala de aula como espaços de reflexão e formação; da complexidade e dimensões do conhecimento docente; potencialidades da supervisão e exigência do papel do supervisor como recurso de aprendizagem da docência. Este último, ou seja, o papel do supervisor, com vista à constante melhoria dos atos pedagógicos e da supervisão enquanto estratégia promotora de mecanismos cognitivos e metacognitivos de reaprendizagem da profissão e do desenvolvimento pessoal e profissional. E por último a proposta de melhoria das situações encontradas ao longo da investigação.

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

No presente capítulo apresentamos o conceito de supervisão pedagógica dando ênfase ao contexto do jardim-de-infância e do pré-escolar em função da realidade guineense. Para o efeito explanamos primeiramente o conceito de supervisão pedagógica, a seguir explicamos os primórdios deste conceito e apresentamos os modelos clínico e reflexivo de supervisão e continuando revelamos como a supervisão e a inspeção são percebidos na Guiné-Bissau, em função da legislação vigente neste país. Por fim apresentamos a importância da supervisão na educação de infância.

Assim, o conceito de supervisão pedagógica tem conhecido uma evolução de significado, o que se projeta no alargamento da sua abrangência. No contexto Guineense há grande confusão na forma de encarar e interpretar a supervisão. Para Gaspar, Seabra e Neves (2012, p. 30) a etimologia da palavra supervisão, integra dois étimos com raiz latina: “super” com o significado de “sobre” e “video” com o significado de “ver”, fato que se alinha com a sua interpretação linear, dando oportunidade à sua ligação com a ideia inspecionar, fiscalizar, controlar, avaliar, comandar, chefiar, entre outros termos que se parecem a essa opinião.

Na perspetiva de Cavalcanti (2018) a supervisão escolar assume um caráter de liderança, de esforço cooperativo para alcançar objetivos, com valorização dos processos de grupos na tomada de decisões. O supervisor assume, então, como objeto de seu trabalho o desenvolvimento qualitativo da organização escolar por meio de aprendizagens individuais e coletivas (p. 16).

O conceito da supervisão é um fenómeno que ainda não ganhou na Guiné-Bissau uma dinâmica ou vivacidade plausível nas instituições escolares, fato que obrigou os inspetores a desempenharem os dois papéis do sistema de ensino: inspecionar e supervisionar. A maior parte dos inspetores trabalhou com a organização da FEC, organização essa que ofereceu competências no domínio da supervisão da prática pedagógica.

Proença (1999, citado por Cabral, 2010, p. 40) afirma que, a supervisão e a inspeção “pressupõem estilos, atitudes e comportamentos comuns, contêm elementos e métodos semelhantes, bem como apresentam finalidades convergentes, designadamente a de contribuir para a garantia da qualidade do serviço de educação”.

Cabral (2010, p. 22) aponta que hoje a inspeção e consequentemente os inspetores têm as suas competências bem delineadas e concentradas no acompanhamento das escolas e professores/educadores. Ainda que estas ações ocupem a maior parte das atividades desenvolvidas pelos mesmos, o certo é que o controlo e a instauração de processos disciplinares também fazem parte das suas funções.

Pretende-se com esta investigação tornar nítidas as interpretações à volta dos conceitos principais deste trabalho: Supervisão e Orientação da Prática Pedagógica de Educadores no Jardim de Infância, faixa etária (3-4) e (5-6) anos, com foco na organização do ambiente educativo, as planificações e as rotinas diárias. Neste molde, vai-se estudar o conceito da supervisão em suas diferentes dimensões, isto é, i) entender com base nos fundamentos educacionais o fenómeno de Supervisão da Prática Pedagógica reconhecendo as dificuldades pedagógicas dos Educadores e ii) analisar as práticas de supervisão existente no Jardim da Infância, no processo de desenvolvimento profissional e de melhoria de condições de aprendizagem das crianças, nas práticas do Jardim e Pré-escolar à luz do contexto educativo da Guiné-Bissau.

Origens do Conceito de Supervisão Pedagógica

O conceito supervisão é um termo recentemente incrementado no setor educativo. Medina (2002, citado por Laranjeira, 2016, p. 7) considera que a palavra supervisão teve origem no séc. XVII, sendo utilizada em diferentes áreas, algo que

levou à ausência de uma definição concetual até àquela altura, embora ocupasse um grande espaço nos debates daquele tempo.

A nível internacional, a designação da supervisão no domínio da educação remonta aos anos 30, tendo-se, contudo, vulgarizado a partir da década de 50 com o modelo Supervisão Clínica nos EUA, afirmou Laranjeira (2016, p. 8).

Nesta perspetiva, segundo a abordagem de Gaspar, Seabra e Neves (2012, p. 31) “o conceito de supervisão, no campo pedagógico, limitou-se, tradicionalmente, à formação inicial de professores.”

Falando ainda do surgimento do conceito de supervisão, dentro do espaço educativo português, refere-se que em Portugal, o tema surgiu em 1987, por intermédio de Alarcão e Tavares (Pita, 2012, p. 6). Passados quinze anos, dá-se a sua redefinição, associada à ideia da “escola reflexiva”, que vamos desenvolver ao longo do trabalho. Futuramente, a supervisão começou a ganhar espaço na formação continua e no desenvolvimento institucional. Daí, resultaram os conceitos desafiantes de autorreflexão, autoformação, autoquestionamento e autoavaliação.

Mantendo ainda na procura de originalidade do fenómeno de supervisão no contexto educativo português, foi considerada Isabel Alarcão como pioneira, em Portugal, ao introduzir pela primeira vez, em alternativa à designação de orientação da prática pedagógica, o conceito de supervisão em contexto de formação dos professores (Laranjeira, 2016, p. 8).

Sendo assim Alarcão e Tavares (2003) entendem este processo

como um processo em que um professor, em princípio mais experiente e informado, orienta outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.

Depreende-se desta noção que a supervisão tem lugar num tempo

continuado, pois só assim se justifica a sua definição como processo.

Tem um objetivo: o desenvolvimento profissional do professor. E situa-se no âmbito da orientação de uma ação profissional (p.16).

Estes fatos evidenciam que, se o fenómeno da supervisão foi um conceito novo no setor educativo nos EUA e, mais tarde, nos espaços europeus, é ainda muito mais novo no sistema educativo africano, desde que o progresso do ensino no continente africano. Este é uma muitas vezes uma mera fotocópia, menos clara, do ensino europeu e de algumas partes do continente americano.

Entretanto, após a organização de algumas investigações orientadas por Alarcão na Universidade de Aveiro em 2007, conclui-se em 2009 que a supervisão aumentou o seu espaço de interferência, passando a atuar em todas as medidas da vida profissional docente (Laranjeira, 2016, p. 8).

Isabel Alarcão e José Tavares (2003, p. 16) agruparam nove cenários para a prática da supervisão, que são: o cenário da imitação artesanal, da aprendizagem pela descoberta guiada, da behaviorista, do clínico, do psicopedagógico, do pessoalista, do reflexivo, do ecológico e do dialógico. Dentre os quais vamos enfatizar os cenários ou modelos clínico e reflexivo.

Os Modelos de Supervisão Clínica e Reflexiva

Considerando a importância analisar os conceitos presentes nos modelos de supervisão clínica e reflexiva pretende-se demonstrar primeiro o cenário do modelo clínico, que originariamente precedeu o modelo reflexivo e depois dar ênfase a este segundo modelo que norteia o presente trabalho.

O modelo de supervisão clínico

Falando no modelo clínico, os autores Cogan, Goldhammer e Anderson (2003, citados por Alarcão e Tavares, p. 24-25) desenvolveram o modelo de supervisão clínica, na Universidade de Harvard no final dos anos 50 “como tentativa de resposta ao desafio lançado pelos alunos do *Master of Arts in Teaching* que se queixavam que os seus supervisores não conseguiam ensiná-los a ensinar”. Alarcão e Tavares (2003) afirmam consistentemente que a mera observação e discussão de aulas eram estratégias insuficientes porque, exteriores à pessoa do professor, não iam ao encontro das suas reais dificuldades e, portanto, não se comprometiam com o processo de mudança. Estes investigadores decidiram experimentar um modelo em que o professor fosse, ele próprio, o agente dinâmico, relegando para o supervisor a missão de ajudar a analisar e a repensar o seu próprio ensino. Este modelo implicava um espírito de colaboração entre o supervisor e o professor/educador, e que englobasse a planificação e avaliação conjuntas para além da observação e análise.

O modelo proposto pelos autores alinhavava com o pensamento de Alarcão e Tavares (1987, p. 34, citados por Gaspar, Seabra e Neves, 2012, p. 31), que referem que “ensinar os professores a ensinar deve ser o objetivo principal de toda a supervisão pedagógica.”

Continuando na linha de estudo deste modelo clínico Alarcão (1987, citada por Alarcão e Tavares, 2003, p. 25) espelha a influência do modelo clínico na formação de médicos em que a prática do curso se realiza no hospital. No caso dos professores/educadores, a clínica é a sala de aula.

Ainda a mesma autora afirma que nos EUA o conceito normal de supervisor (não o de supervisor clínico) refere-se a um educador que tem por missão verificar o bom funcionamento das escolas e a ação dos professores/educadores, mas também

disseminar e avaliar inovações curriculares para além de disseminar a organização de ações de formação contínua.

O modelo de supervisão reflexivo

Terminado o esboço do conceito da supervisão do modelo clínico, avançamos para outro modelo muito produtivo nos processos supervisivos que é o da reflexão, justamente aquele que é priorizado no presente trabalho. Na verdade, o processo de ensino e aprendizagem exige um compromisso de cada educador ou professor para com o seu exercício profissional enquanto docente munido de vontade de aprender no dia-à-dia e de se auto formar, na perspetiva de identificar as dificuldades e tentar superá-las no exercício das suas funções.

Podemos considerar que a reflexão é uma expressão muito próximo da noção de investigação sobre a prática. Se não vejamos, no cumprimento da sua tarefa, o educador ou professor atua a diversos níveis: dirigindo o processo de ensino-aprendizagem, avaliando os alunos/crianças, participando na elaboração do projeto educativo da escola e no desenvolvimento da relação comunidade-escola. Em todos os níveis ele, “o professor”, defronta-se constantemente com situações e problemas. Esses problemas que aparecem são, de maneira geral, enfrentados com boa vontade e bom senso, considerando a sua experiência profissional, mas, nem sempre, isso leva a soluções cabais. Daí que seja imperativo a necessidade de o professor se envolver em investigação que o ajude a lidar com os problemas da sua prática. Com isso, queremos referir Alarcão (2001, citado por Ponte, 2002, p. 6) que sustenta que todo o bom professor tem de ser também um investigador, desenvolvendo uma investigação em íntima relação com a sua função de professor.

Segundo Ponte (2002, p. 12), o conceito de professor reflexivo admite interpretações bastante diversas. Para alguns, todo ser humano é reflexivo e, por isso, todo o professor é necessariamente reflexivo. Para outros, ser reflexivo implica diversas condições, que variam conforme os quadros teóricos dos seus proponentes.

Inspirando-se em Dewey e na observação reflexiva sobre o modo como os profissionais agem, Schön (1983, 1987, citado por Alarcão e Tavares, 2003, p. 34-35) defendeu uma abordagem reflexiva na formação dos professores que veio a ter enorme repercussão na formação dos professores. Esta abordagem baseia-se no valor da reflexão na e sobre a ação com vista à construção situada no conhecimento profissional que apelidou de epistemologia da prática.

Ainda no modelo reflexivo, o papel dos supervisores é fundamental para ajudar os estagiários a compreenderem as situações, a saberem agir em situação e a sistematizarem o conhecimento que brota da interação entre ação e o pensamento. “O supervisor deverá encorajar a reflexão na ação, a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão na ação” Schön (1983, 1987, citado por Alarcão e Tavares, 2003, p. 35).

Quando se fala no modelo de supervisão do professor reflexivo, é como se falássemos de uma escola reflexiva, partindo da leitura feita da obra dos autores portugueses, Isabel Alarcão e José Tavares (2003, p. 133) sobre o conceito da escola reflexiva, que definem escola reflexiva como uma escola inteligente, autónoma e responsável que decide o que deve fazer nas situações específicas da sua existência e regista o seu pensamento no projeto educativo que vai pensando para si e experienciando. Afirmam que uma escola reflexiva se pensa no presente para se projetar no futuro e na comunidade, sempre renovada, da sua história. Não ignorando os problemas presentes, resolve-os no enquadramento histórico e cultural que lhes dá

sentido e numa visão de melhoria e desenvolvimento futuro (Alarcão & Tavares, p. 133).

Com base nesta definição, conclui-se que a prática supervisiva pretende que os professores/educadores, enquanto investigadores reflexivos, transformem os estabelecimentos de ensino numa escola reflexiva, para permitir uma maior dinâmica do desenvolvimento do projeto educativo e, entre outros programas, com vista aferir o processo de ensino e de aprendizagem.

Alarcão e Tavares (2003, p. 71) realçaram que a supervisão deve caracterizar-se por uma relação interpessoal dinâmica. Daí que, no olhar desses autores, é necessário definir os objetivos do supervisor que devem apontar às capacidades dos formandos.

Mesmo definindo esses objetivos, os autores mostram que, não se atingem de uma só vez a supervisão na sua íntegra, por isso mesmo, parece-nos que nunca é de mais realçar que a supervisão é uma ação multifacetada, faseada, continuada e cíclica. Em que o processo de crescimento profissional se desenrola em movimento helicoidais. O processo deve acompanhar de perto e com ligação à prática profissional dos seus formandos (Alarcão & Tavares, 2003, p. 80).

Os mesmos autores consideram quatro fases, ou momentos, no ciclo da supervisão: encontro pré-observação; observação propriamente dita; análise de dados; e encontro pós observação. Para tal, deve realizar-se este ciclo supervisivo de tempos-a-tempos, podendo considerar-se uma quinta fase, de balanço ou avaliação do próprio processo.

Comparando esta conceção com a teoria dos autores Gaspar, Seabra e Neves (2012)), vemos que também propõem quatro fases. Nas suas palavras “a supervisão, no campo da educação, solidificada em quatro aspetos essenciais: orientação, acompanhamento, liderança e avaliação” (p. 30). Na verdade, o primeiro momento de

pré-observação serve para o supervisor apoiar a planificação de atividades (APP - Acompanhamento da Prática Pedagógica), dando opiniões valiosas ao educador/professor. O segundo momento, de observação, acompanha e analisa a ação pedagógica em curso (OPP - Observação da Prática Pedagógica), registando os aspetos positivos e aspetos a melhorar e, por fim, fazer uma reflexão partilhada, liderada pelo supervisor e finalizando com um feedback avaliativo à atividade pedagógica do supervisionado.

Como a função ou papel do supervisor é um processo contínuo, os autores Alarcão e Tavares (2010, citados por Gaspar, Seabra & Neves, 2012), recomendam que os supervisores numa escola reflexiva, assumam cargos de líderes das comunidades aprendentes em que se encontram inseridos e, nesta competência, devem “provocar a discussão, o confronto e a negociação de ideias, fomentar e rentabilizar a reflexão e a aprendizagem colaborativas, ajudar a organizar o pensamento e a ação do coletivo das pessoas individuais” (Alarcão & Tavares, 2010, citados por Gaspar, Seabra & Neves, 2012, p. 49).

O Processo de Supervisão em Educação de Infância

Alarcão e Tavares (2003), propõem que se reflita acerca da supervisão como melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Este processo, no âmbito deste estudo, será focalizado na aprendizagem de adultos (educadores) e das crianças, no que concerne a saberes no âmbito da prática educativa. De acordo com Meirinho (2012, p. 11), “A supervisão é um requisito fundamental para a construção da qualidade das experiências educativas proporcionadas às crianças em educação de infância”.

Na verdade, a supervisão é um processo contínuo, que gira em torno de um círculo desempenhando função de reciprocidade/feedback entre o supervisor e o

supervisionado, para construção ou desenvolvimento humano e profissional. Entretanto, é essa reciprocidade que se pretende também para o jardim-de-infância, a fim de promover um ambiente saudável e de competências que proporcionam condições de entrada das crianças no primeiro ano do 1º ciclo.

Os mesmos autores (Alarcão & Tavares, 2003, p.45) enfatizam que a supervisão se tem concentrado fundamentalmente na orientação da prática pedagógica. A prática pedagógica incide diretamente sobre o processo de ensino/aprendizagem que, por sua vez, pressupõe e facilita o desenvolvimento do aluno e do professor em formação. Mas também o supervisor ou orientador da prática se encontra, ele próprio, num processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Independentemente da relação entre o supervisor e o supervisionado, realça-se ainda o componente mais importante, que ambos desenvolvem aprendizagens que se vão refletir diretamente no desenvolvimento das crianças.

Entretanto, queremos fundamentar o conceito de “qualidade” com a ideia dos autores Alarcão e Tavares, quando estes “sugerem que se pense a supervisão como melhoria da qualidade das aprendizagens.” Assim intercalamos as ideias das autoras, Cindy Mutschen Carvalho e Gabriela Portugal (2017, p. 19), para quem o conceito de qualidade é complexo e está no centro de muitos debates na área da educação em geral, e na educação de infância em particular. Embora existam muitas perspetivas diferentes sobre o que é, e como deve ser medida a qualidade, muitos autores defendem que o processo de avaliação da qualidade deve obedecer ao critério de validade ecológica de Bronfenbrenner (1996). Este autor afirmou que uma perspetiva ecológica envolve olhar para a criança como parte de diversos sistemas que influencia e pelos quais é influenciada.

Entretanto, hoje em dia, a educação de infância é assinalada por uma gigantesca velocidade de desenvolvimento e aprendizagem. Katz (2006) e Oliveira Formosinho (2008) afirmam que presta, forçosamente, ser escoltada ou acompanhada por adultos cientes das suas ações. Neste sentido é importante falar da supervisão da prática pedagógica, realçando o conceito de qualidade e do processo de avaliação.

No presente estudo colocamos o foco nos temas de supervisão na organização do ambiente educativo, nas planificações e nas rotinas diárias. Sabemos que, para que haja qualidade no processo de ensino e aprendizagem, é necessário um processo de avaliação, independentemente da sua natureza. Os temas propostos para o presente estudo não fogem de suscetíveis avaliações, como por exemplo, a planificação diária. Esta tem os seus componentes: área de conteúdo; objetivos; recursos e materiais; descrição de atividades; avaliação; e não só, também as rotinas.

Segundo Meirinho, (2012, p. 1) “a realidade do sistema educativo, os saberes evidenciados pelas crianças e as necessidades educativas por elas exigidas invocam práticas educativas de qualidade”. É neste contexto que as práticas educativas em jardim-de-infância se ambicionam de qualidade, gerando oportunidades educativas para essa descoberta e compreensão.

No contexto guineense do ensino no Jardim-de-Infância, os educadores ainda têm pouca familiaridade com a prática educativa. Neste sentido é necessária uma preparação do educador de infância para desenvolver “mais e melhor prática profissional”. Assim, a ideia supracitada pelos autores, tem uma ligação intrínseca com o presente trabalho de investigação.

É indubitável que o desenvolvimento das boas práticas educativas na educação infância e das atividades desenvolvidas de forma lúdica, promovem o ensino de qualidade (Fernandes et al., 2018). Entretanto, o estudo cruza duas dimensões: as

práticas educativas no Jardim-de-Infância e a supervisão. O desenvolvimento profissional dos educadores de infância e consequentemente a melhoria da ação pedagógica no domínio da prática educativa foram considerados objetivos do presente projeto.

Autores como Katz (2006), Oliveira-Formosinho (2008) e Oliveira-Formosinho, Kishimoto e Azevedo (2002) confirmam que cuidados e apoios recebidos por uma criança em termos de boa saúde, nutrição, cuidados psicossociais e proteção são cruciais na formação e desenvolvimento da inteligência, personalidade e comportamento social, isso é, as três grandes dimensões do desenvolvimento na infância: físico, cognitivo e psicossocial.

Falando nestes conceitos (qualidade e avaliação), subescreve-se que o conceito de qualidade está dependente de avaliação, assim sendo, a supervisão é o caminho para materialização destes conceitos, desde já que ela tem papel de acompanhar, apoiar, ajudar, avaliar a prática pedagógica, que no final de todo o processo se alcance a qualidade que se espera. Na verdade, no jardim-de- infância a supervisão é constante, mesmo que os educadores não se aperceberem, devido a característica do próprio sistema de ensino que é praticado no jardim. Porque as avaliações que se realizam nos jardins, na maioria são avaliações de observação e registo. Daí que, observar e apoiar, é fazer supervisão.

A Supervisão no Jardim-de-Infância e no Pré-Escolar no Contexto da Guiné-Bissau

Na Guiné-Bissau, a situação de educação da primeira infância nos últimos vinte anos teve uma grande mudança de mentalidade e da prática pedagógica de forma progressiva dentro da cidade de Bissau e em algumas regiões em que houve a

intervenção da Fundação Fé e Cooperação (FEC), que tem os seguintes eixos estratégicos: Educação, Conhecimento e Competências; Boa governação e advocacia; e Cidadania global e direitos humanos (FEC, 2017).

O nosso estudo pretende focalizar o eixo de educação pré-escolar, mais concretamente no trabalho dos educadores, principalmente nos temas mencionados. Essa tem sido também a área de intervenção da FEC há mais de dez anos. A FEC e outras organizações como a Plan Internacional e a Unicef têm trabalhado juntos, onde a FEC ocupava a componente formativa e as outras instituições se responsabilizavam pela parte financeira. A intervenção formativa teve como objetivo dar formação aos educadores na competência da matéria de plano curricular com respetivas temáticas, isto é, melhoramento das práticas educativas, do ambiente educativo, das rotinas e principalmente na planificação. Essas competências são acompanhadas pelos formadores da FEC no terreno através das formações, dos acompanhamentos das práticas pedagógicas (APP), observação das práticas pedagógicas (OPP) e reflexões sobre as práticas.

Segundo a “Caraterização do pré-escolar na Guiné-Bissau. Levantamento Nacional” (FEC, 2019) a distribuição da rede de educação pré-escolar, de jardins-de-infância é muito heterogénea nas diferentes regiões, com uma clara dominância do Setor Autónomo de Bissau (34%). Cacheu e Oio destacam-se como duas das regiões com maior prevalência de jardins-de-infância (17% e 14% respetivamente), enquanto Bolama e Tombali se apresentam como as regiões com menos estabelecimentos (com 3% cada).

No mesmo levantamento foram identificados 744 jardins-de-infância, onde foi possível recolher informação sobre 1050 educadores.

Em termos de coordenação e supervisão pedagógica dos 407 jardins-de-infância que afirmaram ter a figura de Coordenador Pedagógico, 396 cumpriam, de acordo com os inquiridos, as suas funções. Essas funções passam, essencialmente, pela coordenação e pela supervisão. É importante observar que os coordenadores pedagógicos referiram assumir, de forma representativa, a dimensão pedagógica como o essencial das suas tarefas diárias. No sentido oposto, a única tarefa administrativa referida é o controlo de assiduidade. Se por um lado, é positivo verificar o foco na dimensão pedagógica é também verdade que este quadro de análise pode remeter para a fraca implementação administrativa nas escolas, que poderá incorrer numa fraca regulação das mesmas. Finalmente, outro aspeto relevante é a preocupação em referir os programas como instrumento de trabalho que orienta a ação do docente (FEC, 2019).

Para terminar, segundo o mesmo levantamento, no jardim onde ocorreu o nosso estudo a diretora é que assume funções de diretora pedagógica, supervisionando as educadoras e apoiando as suas tarefas diárias.

Legislação sobre a Supervisão e Inspeção em Vigor no Contexto da Guiné-Bissau

Este tópico visa registar a relevância dada pela lei guineense à carreira docente, que reserva objetivos diferentes à supervisão pedagógica e à inspeção escolar como duas entidades com carências de formação especializadas. A Supervisão Pedagógica visa qualificar o pessoal docente no exercício de funções de orientação e supervisão pedagógica dos professores e educadores de jardim. A Inspeção Escolar visa qualificar o pessoal docente para a fiscalização, controle e auditoria nas vertentes administrativa técnica e –(LCD, Artigo 40º, ponto 2, alíneas c) e d) da lei nº 6/2018- Lei da Carreira Docente).

A propósito desta legislação e na vertente da promoção, pode-se ler no artigo 22º, ponto 2 que refere a promoção do docente aos diferentes escalões depende da verificação cumulativa dos seguintes requisitos: a) cumprimento obrigatório dos requisitos de tempo; b) participação em concurso público nas vagas existentes; e c) frequência de, pelo menos, uma ação de formação com avaliação positiva certificada pelo MEN – Ministério da Educação Nacional. Entretanto, mantendo ainda no mesmo artigo 22º do seu ponto 3, refere que para a inexistência dos requisitos previstos nas alíneas b) e c) alheia à vontade do docente, não prejudica a sua progressão para classe seguinte.

Ainda a mesma lei, no seu artigo 32º alínea e) prevê qualificação do pessoal docente, por intermédio da formação especializada, para o exercício de cargos, funções ou atividades educativas especializadas de natureza pedagógica ou administrativa com impacto direto no funcionamento do sistema educativo e das escolas. Esta forma de qualificação facilitaria o processo de supervisão pedagógica, visto que quanto maior for o nível dos professores em termos pedagógicos, maior será a facilidade no desenvolvimento das práticas pedagógicas e na supervisão das mesmas práticas.

Posto isto, a LCD, na vertente de formação do pessoal docente, no seu artigo 36º prevê três seguintes modalidades de formações: formação inicial, especializada e contínua, nos pontos 2, 3 e 4 do mesmo artigo. Ainda no artigo 30º da função do pessoal docente, nas suas alíneas: d) que compreende o acompanhamento e apoio à realização do período probatório; e e) que foca na orientação da prática pedagógica supervisionada a nível da escola. Estas e demais funções são tarefas específicas dos professores.

Nos documentos oficiais da Guiné-Bissau da Constituição de República no seu artigo 16º ponto 1 se afirma que “a educação visa a formação do homem. Ela deverá manter-se estreitamente ligada ao trabalho produtivo, proporcionar a aquisição de

qualificações, conhecimentos e valores que permitam ao cidadão inserir-se na comunidade e contribuir para o seu incessante progresso”. E ainda do mesmo artigo 16º no seu ponto 2 “a firma que o estado considera a liquidação do analfabetismo como uma tarefa fundamental” (Constituição da República, princípios fundamentais- Da natureza e fundamentos do estado artigo 16º ponto 1 e 2, 1996). Em conformidade com a constituição da República, o artigo 49º no seu ponto 1 e 2 dos direitos, liberdades, garantias e deveres fundamentais, consagra o direito de todos os cidadãos à educação e o dever que compete ao estado de promover “gradualmente a gratuitidade e a igual possibilidade de acesso de todos os cidadãos aos diversos graus de ensino”.

Todos os cidadãos devem ter acesso à educação independentemente de a zona do país onde habitarem e da idade. Isto implica, que mesmo ao nível de Jardim-de-Infância deve haver uma oferta educativa de qualidade extensiva a todas as regiões do país.

Segundo a Lei de Base do Sistema Educativo - LBSE guineense (LBSE, 2011) o pré-escolar é uma das etapas a ser considerada, ela não especifica as diretrizes para o funcionamento do ensino pré-primário no país e não especifica os requisitos de cuidados e apoio para crianças de 0 a 3 anos. Estas são lacunas importantes que deixaram a operacionalidade dos serviços de educação pré-primária/pré-escolar mais nas mãos de operadores privados ou iniciativas comunitárias sem diretrizes ou padrões adequados. O presente fato ou situação sublinha a necessidade urgente de uma ação governamental em termos de disposições regulamentares adequadas para responder à situação no terreno.

De acordo com Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) cabe ao governo regular/regulamentar e supervisionar as estruturas de resposta a educação pré-escolar (3-5). No entanto, verifica-se uma grande ausência de documentos orientadores para os

prestadores destes serviços, Ministério de Educação, Ensino Superior, Juventude, Cultura e Desportos, Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE, 2011).

As preocupações com o pré-escolar na Guiné-Bissau contribuíram para a tomada da consciência dos diferentes autores, o que motivou a criação do Grupo Local da Educação para o pré-escolar e para a primeira infância (GLEPI) para o cumprimento das disposições da Convenção sobre os Direitos da Criança e dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável reconhecidos pelo Estado da Guiné-Bissau como membro signatário, Ministério de Educação, Ensino Superior, Juventude, Cultura e Desportos e FEC.

No enquadramento do Grupo Local da Educação para o pré-escolar e para a primeira infância (GLEPI) foi elaborado um Guia de Critérios Mínimos para o Funcionamento dos Serviços Pré-Escolares- Direção de Serviço do Pré-escolar e Primeira Infância- MEES (no prelo). Este documento em fase de aprovação pelo Ministério da Educação, serviu de ponto de partida para o presente levantamento quer ao nível da caracterização dos jardins-de-infância, quer ao nível da formação de educadores e gestão e administração escolar dos estabelecimentos.

Por essa razão foram desenvolvidas normas mínimas de procedimento para o funcionamento destes. Agora apresentadas, enquanto Guia de Critérios Mínimos para o Funcionamento dos Serviços Pré-Escolares, que é um documento que define e tutela os jardins-de-infância como instancias que atendem crianças dos 3 aos 5 anos de idade Jardins de infância e dos 5 aos 6 anos Pré-escolar, e é fundamental para as políticas públicas no que refere ao desenvolvimento do setor da educação pré-escolar. O conteúdo do documento reflete quer recomendações nacionais quer internacionais que visam uma prestação efetiva e positiva dos serviços de oferta pré-escolares.

A Inspeção Geral da Educação na Guiné-Bissau foi criada em 1986, sendo definida como um serviço destinado a apoiar, controlar e avaliar as atividades pedagógicas, administrativas, financeiras e patrimoniais ao nível dos estabelecimentos escolares e instituições ligadas ao Ministério de Educação com o objetivo de melhorar o ensino-aprendizagem e a prevenção das irregularidades ou fraudes. A instituição evoluiu ao longo dos anos, sendo atualmente definida como um serviço de supervisão e controlo do funcionamento do sistema educativo, prosseguindo os objetivos primordiais da garantia da qualidade dos mesmos e da salvaguarda do interesse público na matéria da Educação (IGE, 2018).

Na redefinição das áreas de atuação da Inspeção Geral da Educação segue-se de perto a organização do sistema educativo em diferentes níveis de educação e ensino consagrada na Lei de Bases do Sistema Educativo (2011) e abrangem-se também os serviços centrais e regionais do Ministério da Educação, proporcionando um melhor conhecimento e avaliação daquele sistema. Com isso se coopera para a garantia da qualidade da gestão pedagógica nas diversas Instituições de educação e ensino e da eficiência da gestão dos recursos humanos, físicos e materiais necessários para a concretização da educação escolar.

Ainda no seu estatuto orgânico, no artigo 2º- a IGE tem como Finalidade: a) contribuir para a melhoria e qualidade da Educação em todos os níveis do sistema; b) manter uma comunicação estreita e permanente entre as diferentes estruturas e níveis do sistema e a comunidade educativa; e c) assegurar a unidade e a coerência do sistema educativo em conformidade com a política do Governo e as orientações vigentes do Ministério de Educação.

Ainda no artigo 4.º “Competências e atribuições”, no seu ponto 3, o domínio de prestação de apoio Técnico e Pedagógico compete à IGE:

a) apoiar no âmbito Pedagógico, Administrativo e financeiro os órgãos da direção administrativa e gestão dos estabelecimentos do ensino e Direções Regionais do Ministério de Educação;

b) assegurar, em colaboração com as estruturas competentes e regionais existentes, o processo de ensino-aprendizagem através do apoio técnico pedagógico e informativo direto aos docentes.

Até aqui, percebe-se que a inspeção geral na sua redefinição de competências ou campo de intervenção, mostra que o componente de supervisão está vigente, mas carece de uma definição clara em termos de intervenção dos inspetores no campo da supervisão. Fato que levou o ministro da educação na reunião do conselho diretivo, a pedir aos técnicos que trabalhassem esta parte da supervisão pedagógica e que definissem bem as competências supervisivas a realizar nos estabelecimentos educativos, pelos inspetores. Entretanto, até este preciso momento de conceção deste estudo, os inspetores assumem papel de supervisores nas escolas, daí que são denominados inspetores-supervisores ou inspetores enquanto supervisores, do Ministério da Educação Nacional e Ensino Superior.

Entretanto, há 20 anos atrás o sistema de ensino guineense só tinha 60 inspetores para cobrir o território nacional, um inspetor inspecionava na sua área de jurisdição todos os níveis e eram vistos como inspetores policiais. Dada a exigência e necessidade de reformular e reconstituir o corpo inspetivo, o Ministério da Educação Nacional e Ensino Superior, através da Inspeção Geral da Educação, a partir de um concurso público, recrutaram-se novos inspetores em 2017, totalizando hoje mais de 200 a nível do País.

Podemos comparar a apreciação que os atores educativos têm dos inspetores na Guiné-Bissau à apreciação que os portugueses tinham destes há algumas décadas atrás, ou seja, em Portugal, no início do advento da supervisão em contexto educativo os inspetores eram percebidos como fiscalizadores, quase como “polícias”, e não como supervisores e isto ainda é a perceção que muitos guineenses têm da inspeção em contexto educativo. Independentemente de os dois critérios, o de supervisão e o de inspeção, que devem ser entendidos e distintos. Atualmente, em Portugal, os papéis de inspetor e supervisor são distintos e claros, ou seja, o inspetor fiscaliza e o

supervisor orienta. Na Guiné-Bissau, como o inspetor acumula estas duas funções, ainda são percebidos como “polícias” e não como “mentores”.

Acerca da inspeção no contexto de jardim e pré-escolar, podemos dizer que não existia inspeção neste setor, porque os inspetores na altura não contemplavam os jardins, a inspeção que se fazia era só até ao ensino básico. Com a intervenção da FEC ao longo dos anos, foram formados 14 formadores na matéria de jardim e pré-escolar, isto é, supervisão da prática pedagógica, entre outras temáticas.

Estes formadores que hoje integraram o corpo inspetivo na área de jardim e pré-escolar através de um concurso público, e receberam a formação na área de inspeção feita pela I.G.E. em colaboração com INDE e parceiros do Ministério da Educação. Apesar de que, este é um número muito insignificante, devido à proliferação dos jardins a nível nacional. Estes inspetores não conseguem cobrir cabalmente todos os estabelecimentos do ensino pré-escolar no País.

Para finalizar o enquadramento legal, afirma-se que, tudo o que foi narrado neste trabalho de projeto tem uma base legal, e o conhecimento está a luz da comunidade educativa, apesar de estar ausente do contexto prático da comunidade escolar. A LCD, mostra uma diferença rígida em termos de funções de um supervisor pedagógico à de um inspetor escolar.

O Foco na Educação de Infância

A UNESCO (2007, p. 8) apela para a importância assumida pelos jardins-de-infância, referindo que “é fundamental que as crianças tenham uma experiência positiva nesses centros e, portanto, há que garantir que as suas práticas se adaptem à idade das crianças e às suas características culturais”. Um serviço de qualidade para crianças implica duas vertentes indissociáveis: a atenção/cuidados e educação na primeira infância.

Assim, espera-se que a “educação de infância amplie não só as capacidades e competências cognitivas das crianças, mas também que fortaleça e promova o desenvolvimento social, emocional, ético e moral, promovendo a dignidade humana através do respeito pelos direitos e liberdades fundamentais das crianças” (Román & Torrecilla, 2010, citado por Meirinho, 2012, p. 3).

Abordagem Sistemática e Ecológica na Organização do Ambiente Educativo

Para que a educação de infância promova os valores acima mencionados, este estudo pretende trazer algumas definições importantes dos conceitos focados no projeto, mas tudo na perspectiva da supervisão.

Para que a Educação Pré-Escolar encontre as respostas mais adequadas para os que a frequentam, a organização do ambiente educativo deve ter em conta diferentes níveis de interação, o que aponta para uma abordagem sistemática e ecológica da educação pré-escolar (Ministério da Educação, Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e Desportos. Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar, 2011, p. 14)

Dentre as diversas valências da educação de infância, neste estudo em particular, dada a experiência que tivemos, sentimos uma sensação de que no jardim-da-infância, se queremos atingir competências de crianças e prepará-las para melhor frequentarem o 1º ciclo, necessitamos que o JI reúna condições das três dimensões abaixo discriminados. Sabendo que no JI, quando se fala da prática pedagógica refere exatamente as três dimensões, portanto, pretendemos que elas sejam acompanhadas através de um processo sistemático de supervisão, para podermos ter o JI de qualidade. São motivações, que condicionaram decisão de focalizar a relação da supervisão com 3 dimensões particularmente relevantes no contexto da Educação de infância na Guiné:

organização do ambiente educativo, planificação e rotinas que se apresentam de seguida.

Organização do Espaço

Os espaços da educação pré-escolar podem ser diversos. O tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida o que as crianças podem fazer e aprender. A organização e a utilização do espaço refletem as intenções educativas e a dinâmica do grupo (Ministério da Educação, Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e Desportos. Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar, 2011, p. 14).

Considerando a Organização do Espaço por áreas de Interesse da Criança, as crianças aprendem com mais facilidade quando estão envolvidos em ambientes organizados e que vão ao encontro dos interesses. Por este motivo, é importante organizar o espaço de modo a que a criança possa fazer escolhas. Uma forma de organizar o espaço é a criação de áreas de interesse das crianças. O educador deve identificar quais os interesses das crianças para depois criar as áreas da sala. A sala organizada e bem definida por áreas de interesse permite que as crianças possam estar organizadas em grupos mais pequenos e a realizar diferentes atividades durante o mesmo período de tempo (FEC, 2017b). Por exemplo as áreas de: “cantinho” onde as crianças fazem brincadeiras de “faz de conta”, simulando o ambiente familiar; “leitura” onde as crianças podem ler, sem perturbar as demais e nem serem perturbadas; “garagem” onde podem simular brincadeiras com motas, carros, caminhões, etc...

Organização do Grupo

A maioria das aprendizagens das crianças em contexto de educação pré-escolar acontece a partir das relações que elas estabelecem com outras crianças e com os adultos. É

importante que cada agente educativo ofereça condições para que as crianças aprendam a conviver, a saberem estar com os outros e consigo mesmas, numa atitude de respeito e de confiança para com o outro. Por este motivo, na educação pré-escolar, para além do trabalho individualizado, deve ser estimulado o trabalho em grupos, pequenos ou grandes.

O trabalho em grupos contribui para o desenvolvimento e para aprendizagens das crianças, porque permite à criança confrontar-se com os pontos de vista dos outros e colaborar na resolução de problemas ou dificuldades colocadas por uma tarefa que deve ser realizada com a cooperação de outras.

Enquanto a tipologia de organização do grupo, o agente educativo, pode trabalhar com o seu grupo de diferentes formas: em grande grupo; em pequenos grupos; a pares; e individualmente (FEC 2016, 2017).

A organização do tempo

A vida das crianças no estabelecimento de educação pré-escolar é orientada por horários. Como habitualmente, existe o horário de funcionamento geral do estabelecimento e o horário das atividades da sala de atividades. É importante que o agente educativo conheça o horário do estabelecimento, para poder planear as atividades e as rotinas respeitando o tempo disponível. Na rotina diária de uma sala devem existir diferentes momentos, que devem estar organizados de acordo com uma sequência estabelecida pelo agente educativo.

Por outro lado, nos diferentes momentos da rotina, devem estar presentes: os cuidados (higiene, alimentação,...); as brincadeiras (atividades livres); e as situações de aprendizagens orientadas (atividades orientadas pelo agente educativo). O tempo educativo deve atender, de forma equilibrada, aos diversos ritmos de aprendizagem das crianças e aos tipos de atividade exploradas.

Os diferentes momentos do dia devem ter em conta a forma como o grupo trabalha em sala, seja em grande grupo, pequeno grupo ou individualmente.

Uma organização adequada do tempo educativo permite oportunidades de aprendizagens variadas, que devem estar sempre articuladas com as atividades propostas pelo agente educativo e pelas crianças (FEC 2016, 2017).

A planificação

Planificar, implementar e avaliar são ações fundamentais para que todos os agentes educativos possam fazer a gestão pedagógica dos seus grupos de crianças. A gestão pedagógica em Educação Pré-escolar tem características próprias. Por este motivo, a gestão pedagógica em Educação Pré-escolar é diferente da gestão que é realizada noutros níveis de ensino (FEC, 2017a, p. 3).

A planificação é um instrumento essencial para que o agente educativo possa organizar, implementar e avaliar a sua prática pedagógica (FEC, 2017a, p. 3).

A planificação do educador é a principal determinante daquilo que é ensinado. O programa é modificado e adequado pelo processo de planificação através de acrescentos, supressões e interpretações e pelas decisões do professor sobre o ritmo, sequência e atenção mais demorada dada a um conteúdo relativamente a outro.

Planificar refere-se à capacidade que cada educador possui para prever e organizar o trabalho que irá realizar com as suas crianças. A planificação é um instrumento cuja finalidade é rentabilizar. O professor tem a função de selecionar, priorizar e de justificar os objetivos de aprendizagem. Para isso, tem de considerar a situação concreta das crianças a quem se dirige, procedendo a uma seleção de objetivos que seja relevante no âmbito da área curricular, motivante e ajustada as crianças, viável

no tempo e recursos de ensino disponíveis, devidamente sequenciada no ritmo de progressão que se julga adequado.

Este tipo de planificação deve iniciar-se após o diagnóstico das necessidades das crianças, isto é, do seu estado de desenvolvimento, interesses e nível de informação que possuem. Deste modo, deve ser elaborada uma lista de conteúdos a serem tratados, para atingir os objetivos gerais dos conteúdos ou áreas.

Na organização escolar, há três níveis de concretização da planificação curricular, respetivamente:

(1) Administração Educativa, (2) Escolas e (3) Educadores

(1) O primeiro nível de concretização da planificação diz respeito às decisões relativas: às finalidades do sistema educativo; às propostas curriculares para os diferentes níveis de escolaridade; à organização de todo o sistema educativo e escolar.

(2) O segundo nível de planificação refere-se às decisões assumidas em cada escola a propósito da adaptação, ou contextualização, das propostas curriculares da Administração Educativa. Este segundo nível é tanto mais importante quanto reflete o exercício da autonomia que, por Lei, está consignada às Escolas.

(3) O terceiro nível refere-se às decisões (políticas) que, no marco das decisões tomadas nos níveis anteriores, as equipas docentes e os professores assumem para as suas intervenções educativas concretas.

Seja qual for a modalidade utilizada os educadores elaboram planos com a intenção de prepararem, por períodos mais ou menos longos, o trabalho que pretendem

executar. Aparecem citadas a “planificação a longo prazo”, a “planificação a médio prazo” e a “planificação a curto prazo”.

A *planificação a longo prazo* assume geralmente a forma de *plano anual* e integra os conteúdos programáticos, os objetivos gerais, as orientações metodológicas, recursos, previsão das formas de avaliação e gestão do tempo. Para vários autores, esta modalidade de planificação deve ser precedida pela análise da situação do contexto educativo onde vai ser aplicada com particular relevo para a avaliação das necessidades das crianças e identificação dos recursos educativos.

A *planificação a médio prazo* pode aparecer como “plano de período” ou de uma macrounidade de ensino-aprendizagem que requer um tempo de desenvolvimento considerável. A este nível, a planificação deverá especificar os temas em estudo e os objetivos do programa direcionando-os para a aquisição de competências.

A *planificação a curto prazo*, planos de unidades curtas “semanais, quinzenais” ou planos de aulas, deve definir os objetivos operativos em termos de competências a adquirir ou a desenvolver, os conteúdos a estudar e as tarefas consideradas mais adequadas e especificar os recursos, a gestão do tempo e as formas de avaliação.

Planificar, quando se baseia numa correta gestão do programa, é uma forma de responder a algumas questões que se colocam a todos os educadores: para quê desenvolver este trabalho? Como vou organizar o trabalho? Que temas vou ensinar? Com que materiais? Quanto tempo vou gastar? Quais os resultados que espero obter?

As Rotinas

A rotina baseia-se na repetição de atividades e ritmos, na organização espaço-temporal da sala e desempenha importantes funções na configuração do contexto

educativo, (Ministério da Educação, Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e Desportos. Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar, 2011, p. 26 - 27).

‘As rotinas contribuem para o desenvolvimento das crianças, pois oferecem-lhes a oportunidades de explorar, auto-organizar-se, ter conhecimentos da realidade e uso funcional dos seus recursos, autonomia e tomada de decisões (Ministério da Educação, Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e Desportos. Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar, 2011, p. 26 - 27)

Em suma, este projeto de supervisão, destina-se a apoiar os agentes educativos a desenvolverem competências na gestão da sua prática pedagógica ao nível de:

- Organização e Reorganização do Ambiente Educativo; -
- Planificação/Avaliação;
- Rotinas Diárias, de situações educativas em contexto de jardim-de-infância e educação pré-escolar.

Com este projeto de supervisão pretende-se contribuir para que os diferentes atores envolvidos no processo de educação pré-escolar organizem o ambiente educativo; planifiquem e avaliem, que definam a organização espaço e o desempenho das crianças utilizando princípios, procedimentos e instrumentos adequados às faixas etárias a que se destinam. Entretanto, não se deve esquecer a supervisão ou acompanhamento dos Pais Encarregados de educação, a que chamamos de envolvimento parental, segundo a Unicef (2017), junto com o seu parceiro tradicional neste caso, o Ministério da Educação, desenvolveram um projeto de sensibilização junto dos pais encarregados de educação, a chamada campanha 6/6, que significa que as crianças aos 6 anos devem começar a escola.

Segundo a percepção das autoras Bassedas, Huguet e Solé (1999) as relações entre a família e o centro educativo devem proporcionar que os pais e as mães possam compreender, aceitar e valorizar a tarefa educativa da escola (p. 289).

Capítulo 2 - Metodologia

A metodologia é uma exposição que o pesquisador faz sobre os passos a serem seguidos no desenvolvimento do trabalho, com a identificação dos métodos “como fazer ação” e técnicas “que ferramentas usar para conduzir a pesquisa” a serem usados para tal, (Lundin 2016, p. 39). Quando se fala do conhecimento científico falamos em Ciência. Certamente que nem todo o conhecimento que possuímos, e que diariamente utilizamos, se pode incluir dentro da classificação do conhecimento científico. No entanto, as nossas decisões mais pensadas, e sobretudo enquanto profissionais, serão tanto mais adequadas quanto mais validadas pelo conhecimento científico (Almeida & Freire 2017, p. 11). Um trabalho desenvolvido de forma científica e com rigor, permite uma avaliação interna e externa. Queremos focalizar-nos no método científico que deu origem à ciência moderna - o método experimental, embora existam outros métodos que são muito usados nas ciências sociais como os métodos mistos e os métodos qualitativos.

Neste capítulo são apresentadas e explicadas as abordagens e procedimentos metodológicos que orientaram o estudo. Está subdividido em oito pontos. O primeiro ponto descreve a opção metodológica e o objetivo geral do estudo; o segundo ponto descreve o jardim onde ocorreu o estudo, os participantes e a sua caracterização; o terceiro ponto dá atenção às técnicas aplicadas na recolha de dados; o quarto ocupa-se das técnicas adotadas na análise de dados; o quinto ponto fala dos procedimentos aplicados na recolha de dados; o sexto preocupa-se com a forma como foi conduzido o inquérito por entrevista; o sétimo ponto foca-se nas técnicas aplicadas para análise de dados; e por último, o oitavo ponto, ocupa-se das técnicas adotadas na análise de conteúdo.

Abordagem Metodológica

Trata-se de uma investigação de carácter descritivo, iminentemente qualitativa, que se orienta para o paradigma interpretativo, numa perspetiva de estudo de caso. Optámos pela metodologia qualitativa pelas vantagens que nos sugere pois, segundo Fernandes, (1991, p. 3, citado por Mucopela, 2016, p. 124), “o foco da investigação qualitativa é a compreensão mais profunda dos problemas, é investigar o que está ‘por trás’ de certos comportamentos, atitudes ou convicções. Neste tipo de investigação, não há, em geral, qualquer preocupação com a dimensão das amostras nem com a generalização de resultados”.

Optámos pelo estudo de caso pois este consiste na observação detalhada de um contexto, de um indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico (Merrim, 1988, citados por Bogdan & Biklen, 1994, p. 89).

Esta abordagem qualitativa, foi suportada pela pesquisa bibliográfica e documental e por entrevistas i aplicadas aos atores que estão envolvidos no processo do ensino guineense.

O estudo foi orientado pela seguinte questão de partida; De que forma certas práticas da supervisão pedagógica realizadas na Guiné-Bissau podem contribuir para melhorar as condições de aprendizagem das crianças do Jardim-de-Infância e do Pré-escolar? Práticas essas focadas na organização do ambiente educativo, nas planificações e as rotinas.

Os autores Erasmie e Lima (1989, p. 44) referem três componentes da investigação participativa que consistem em:

1. Um processo de investigação de problemas sociais, através da participação ativa de comunidade em todas as fases do processo.

2. Um processo educativo através do qual a comunidade adquiere consciência, não só dos problemas concretos com que depara, mas também das causas estruturais desses problemas.
3. Um processo de incrementar ações que possam conduzir a soluções para um problema, quer seja de longo ou de curto prazo.

Estes autores expõem ainda as condições da investigação participativa, salientando que, muito embora possa parecer que este tipo de investigação oferece possibilidade de desenvolvimento frutuoso, a verdade é que não se trata nunca de um método fácil de dominar. Há algumas condições que têm de ser preenchidas. Este método exige muito do investigador.

Participantes no Estudo

Para Tuckman (2012, p. 468) o grupo-alvo constitui a população do estudo e a primeira etapa da amostragem é definir a população. O investigador seleciona então uma amostra, ou grupo representativo de sujeito extraídos dessa população para servirem de participante ou respondentes.

Ainda Tuckman (2012, p. 469) afirma que a população, ou grupo-alvo, utilizados num estudo em que se recorre à entrevista é o grupo sobre o qual o investigador tem interesse em recolher informação e extrair conclusões. E por fim, o mesmo autor define a população como um processo que estabelece as condições-limite que especificam quem estará incluído ou será excluído da população.

Sendo assim, neste estudo não se fez uma escolha aleatória, nem inqueriu as pessoas cujas experiências não vão ao encontro da matéria que o projeto pretende clarificar. Ao contrário, seleccionámos um dos jardins-de-infância que, pela sua

experiência, dinâmica e a característica oferece a população em termos do ensino, principalmente as crianças, e os participantes entrevistados capazes de nos fornecerem as informações pertinentes com vista a responder às interrogações do nosso estudo.

Trata-se de uma amostra de conveniência e de um estudo de caso.

Os dados foram recolhidos através de entrevistas e de observação de aulas, para permitir a compreensão dos leitores sobre os resultados ou descobertas alcançadas no percurso deste trabalho.

Caracterização dos entrevistados

Os participantes para o efeito de entrevistas foram escolhidos por conveniência respeitando os critérios de: função desempenhada, anos de experiência em função supervisiva, conhecimento do sistema educativo guineense e por último o género. No estudo participaram os seguintes elementos ou membros da comunidade escolar:

- Um Inspetor, de 34 anos de idade, licenciado em ciências de educação com especialidade na Gestão e Administração e Planificação Escolar nos Camarões, com 12 anos de experiência, 10 como docente e 2 como inspetor. Este entrevistado servirá de informante em função da sua experiência em algumas situações de supervisão pedagógica;
- A diretora da instituição, de 53 anos de idade, licenciada em educação de infância, com mais de 20 anos de experiência como educadora, assim como diretora;
- Uma educadora, de 29 anos de idade, com curso médio da educação de infância, com 10 anos de experiência, como educadora e como coordenadora pedagógica;

- Uma educadora, de 39 anos de idade, com curso intensivo na área de educação de infância promovida pela FEC e atualmente estudante de 1º ano de Educação de Infância, para o curso médio, e com 10 anos de experiências, como educadora e, também como auxiliar na secretária do JI.

Salienta-se ainda, que a diretora independente de desempenhar as funções de supervisora-diretora, gestora financeira e conduzir o jardim-de-infância na gestão de relacionamento, também desempenha funções de diretora pedagógica.

Pode-se verificar no quadro 1 as características dos participantes das entrevistas realizadas.

Quadro 1

Estatuto pessoal e profissional dos docentes participantes no estudo

Função	Anos de Serviço	Docência	Grau de Formação	Área
Diretora	20	Educadora	Licenciada	Educação de Infância
Inspetor	2- Como inspetor + de 10 como professor	Pedagogia, Gestão, Administração e Planificação escolar, Psicologia, etc...	Licenciado em pedagogia com especialização em Administração e Planificação escolar.	Pedagogia
Educadora A2	10	Educação	Bacharelato em Educação de Infância	Educação de Infância
Educadora E2	10	Educadora	Estudante de 1º ano de educação de infância	Educação de Infância

Entre os participantes, o inspetor dispõe de formação inspetiva e teve durante o seu curso uma cadeira de teoria e prática de supervisão. A diretora e a educadora não

dispõem de formação nestas áreas de supervisão pedagógica muito menos da inspeção escolar.

Técnicas de Recolha de Dados

Independentemente do trabalho realizado no terreno, da recolha de dados essenciais, realizou-se um inquérito bibliográfico por forma a receber contributos teóricos de outros méritos/investigadores e reviu-se documentos normativos da Constituição da Guiné-Bissau, da Inspeção Geral Educação, Lei de Bases do Sistema Educativo e Guia de Critérios Mínimos para Educação de Infância todos documentos de Guiné-Bissau, que sustentarem a descrição do capítulo 1.

Para a recolha de dados usou-se: (i) a ficha de caracterização do jardim-de-infância e a ficha de caracterização de ambiente educativo, que permitiram a descrição de dados estruturais como: recursos matérias, financeiros e humanos; (ii) e entrevistas semiestruturadas aos participantes referidos anteriormente; (iii) a observação de aulas. O preenchimento das fichas de caracterização fez-se mediante os tempos disponíveis dos participantes.

Observação

As observações de aulas foram realizadas em função da ficha de observação (anexo 9). Esta ficha de acompanhamento foi adaptada a partir das fichas da FEC, e foi usada, porque espelha todos os elementos que permitam recolher as informações pertinentes, sobre a observação de uma aula, desde do ambiente educativo, planificação e as rotinas. Onde os itens que foram observados e analisados na ficha de supervisão da prática pedagógica são os seguintes:

I. Planificação observou os seguintes itens, se:

- A planificação identifica com coerência as componentes essenciais (objetivos, tempo, recursos, etc.);
- A planificação tem em conta os interesses e o nível de desenvolvimento das crianças;
- As atividades propostas são adequadas ao grupo de crianças em termos de recursos e organização do tempo e do espaço.

II. Observação observou os seguintes itens, se:

Implementação da Planificação

- Implementa as atividades de acordo com o planificado;
- Gere o tempo de forma adequada, valorizando as necessidades de crianças;
- É flexível e capaz de reajustar a ação em função das necessidades da criança e do contexto.

Domínio dos Conteúdos

- Domina os conteúdos a abordar;
- Na abordagem dos conteúdos promove a experimentação, atividades práticas, apresentação de exemplos, etc...;
- Coloca questões e dá exemplos que encorajam as crianças a pensar e a resolver problemas.

Comunicação

- Comunica com as crianças de forma clara, objetiva, com volume suficiente e velocidade adequada;
- Domina a língua portuguesa;
- Comunica na língua materna introduzindo progressivamente a língua portuguesa;

- Usa de forma funcional os materiais de apoio (quadro, imagens, mapas, calendário, etc.);
- Circula pela sala e comunica com as crianças através da linguagem verbal e não-verbal (contacto visual, gestos, etc.);

Relação Educadora – Criança

- Cria um ambiente positivo e facilitador de aprendizagens;
- Estimula e valoriza a participação das crianças;
- Reforça e valoriza no momento certo o desempenho das crianças;
- Mostra sensibilidade e mobiliza esforços quanto aos cuidados de higiene/saúde/alimentação e/ou negligência ou maus-tratos;

III. Pós-Observação observou os seguintes itens, se:

Reflexão

- Analisa criticamente o seu desempenho;
- Identifica e refere pontos positivos;
- Identifica e refere pontos a melhorar;
- Identifica estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que devem melhorar.

Para melhor facilitar a identificação das educadoras, e o preenchimento da ficha de observação de atividades, atribui-se o código para as educadoras - A2 e E2. Sem esquecer que a participante A2, que foi inquerida também para entrevista do projeto, por isso se mantém o seu código para melhor facilitar o leitor.

Entrevista

Segundo Tuckman (2012, p. 447-448) as questões que se devem apresentar numa entrevista refletem a informação que se procura encontrar, ou seja, as hipóteses ou

questão de investigação. Para determinar o que se quer medir é necessário apenas formular as designações de todas as variáveis que estão no estudo.

Com vista a uma maior abrangência na recolha de dados de pesquisa, optámos por uma combinação de métodos tidos como passíveis de fornecer informações pertinentes ao estudo. Para o efeito, recorremos a entrevistas semiestruturadas e aos documentos de base orientadores do processo de ensino e de aprendizagem no Sistema Nacional de Educação Guineense, por julgarmos mais relevantes para os objetivos da pesquisa. Com estes instrumentos procedemos à recolha dos dados propostos no guião de entrevista orientadora do presente estudo. E baseamos no conhecimento dos fatos reais e de estudo da revisão bibliográfica, que, entretanto, aparecem dezanove blocos temáticos ou categorias, e ainda permitimos os entrevistados que estejam livres, tranquilos e à vontade na expressão e emissão das suas opiniões, a partir das suas palavras. A opção pela técnica de entrevista semiestruturada deve-se ao fato de esta proporcionar ao entrevistador melhor entendimento e captação da perspectiva dos entrevistados.

Assim o guião de entrevista que usámos está estruturado em dezanove (19) blocos:

A- Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado; B- Perfil do entrevistado (percurso académico); C- Identificação das condições do Jardim; D- Finalidades e objetivos; E- Currículo/Experiências de Aprendizagem; F- Estratégias de Ensino e Aprendizagem; G- Apoio, Planeamento, Avaliação e Registo; H- Educadora /Pessoal; I- Espaço e Materiais; J- Relações e Interações; K- Igualdade de Oportunidades; L- Participação dos Pais e da Comunidade; M- Monitorização e Avaliação; N- Receber quais as conceções que têm de Supervisão e Avaliação; O-

Figura de Supervisor; P- As vantagens da Supervisão; Q- A importância da Supervisão Pedagógica; R- Apoio concedido aos Educadores; e S-Inspetor/Pessoal

Os dados recolhidos por meio das entrevistas aplicadas à diretora, a uma educadora, e ao Inspetor, foram tratados com base em procedimentos de análise de conteúdo. Para sintetizar, gostaríamos de salientar que os blocos são indicadores ou linhas que nos orientaram, e permitiram-nos inteirar-nos das informações que pretendíamos para alcançar os nossos objetivos.

Para tal, os dois primeiros blocos (A e B) permitam agradecer e informar objetivos do estudo, solicitar a colaboração do entrevistado, explicitar a sua importância para o estudo em curso, assegurar o anonimato das suas opiniões, solicitar a autorização para gravar a entrevista e por último caracterizar o participante. Os blocos (C, D, E e F), permitiram compreender a pertinência do jardim-de-infância, as estratégias pedagógicas próprias deste nível de ensino, a missão e a visão, e o resto dos blocos são aspetos do problema, que este estudo dispõe no centro de convergência de análise de dados em geral. Assim formulámos os objetivos específicos e algumas interrogações a fazer a cada participante ou entrevistado, para cada bloco. O formato e os problemas levantados nos guiões das entrevistas variaram em função das condições dos entrevistados.

Procedimentos de Recolha de Dados

Mediante o plano de trabalho, primeiramente contactou-se a diretora por via telefónica para marcação do encontro. De seguida realizou-se este encontro onde se informou sobre o trabalho de projeto e o seu objetivo, e solicitou-se a assinatura da carta acordo (anexo 1) e pediu-se permissão para o início do preenchimento das fichas de caracterização da educadora que posteriormente será selecionada para o trabalho. Nesta ocasião pediu-se também autorização para conversar com as educadoras para

esclarecimento da ideia do projeto e marcação de acompanhamento da prática pedagógica e consequentemente a observação de aulas (observação da prática pedagógica). E, nos encontros para o preenchimento das fichas serviram de oportunidades para a marcação das entrevistas. O inspetor foi da mesma forma que o contatámos e marcámos a entrevista.

No quadro 2 pode observar-se o calendário para realização das entrevistas e observação de aulas.

Quadro 2

Calendário das entrevistas e da observação de aulas

Entrevistas	Local	Tempo	Data
Diretor	No seu gabinete	9:00- 10:08	18/02/2020
Educadora	Na sua residência	14:00- 14:50	23/02/2020
Inspetor	No seu gabinete na IGE	16:00- 17:05	20/02/2020
Observação de aulas	Local	Tempo	Data
Acompanhamento da prática pedagógica	No Jardim	2 horas	07/02/2020
Observação da prática pedagógica e reflexão da mesma	No Jardim	1 h 00 e 30 minutos	11/02/2020
Observação da prática pedagógica e reflexão da mesma	No Jardim	1 h 00 e 30 minutos	14/02/2020

As entrevistas foram gravadas em Smartphone, e tiveram uma duração entre 50 a 68 minutos em função de flexibilidade e do ritmo de resposta de cada entrevistado, como se mostra o quadro 2. Diferente dos demais participantes, a entrevista à educadora teve lugar na sua residência, foi num final de semana - domingo, para permitir uma maior tranquilidade, porque nos dias úteis de trabalho não havia possibilidades de efetuar a entrevista por causa do trabalho que se realiza durante todo o dia.

Técnica de Análise de Dados

Os dados estruturais recolhidos a partir das fichas, foram resumidos e em alguns dos casos fez-se descrição mais aprofundada do conteúdo. Enquanto aos protocolos aos das entrevistas fez-se análise de conteúdo, baseando na metodologia de Bardin (2018).

Para apresentação dos resultados ou contribuições dos participantes do estudo, realizou-se uma abordagem qualitativa de explicações/respostas de cada participante, e prosseguimos a comparação tanto entre os participantes como destes com as dos outros estudiosos cujo trabalho são caminhos de orientação para esta pesquisa. Para cada interrogação referimos o acento tónico de respostas de cada entrevistado, assim como também de obras de outros autores revistos para cobrir teoricamente o trabalho.

As informações fornecidas pela diretora merecerão o primeiro cerco de análise, tanto em apreciação dos dados estruturais como dos de opinião. De seguida proceder-se-á com a apreciação dos dados característicos e de opinião da educadora e, por fim, com a apreciação dos dados característicos e de opinião do inspetor. Teremos em consideração os dados recolhidos por meio da observação de aulas.

Análise de conteúdo

Considerando que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas da análise das comunicações, o presente estudo utilizou análise temática e contagem de frequências pois considera-se mais acessível para a primeira abordagem a esta técnica de análise às comunicações (Bardin, 2018).

Começámos por considerar:

A categorização, que consiste no “processo pelo qual os dados brutos são transformados e agregados em unidades que permitem uma descrição exata das

caraterísticas relevantes do conteúdo” (Amado, 2014, p. 312). Com efeito, todo “o método de análise de conteúdo se apoia sobre tais critérios de pertinência, havendo evidentemente vantagem em explicitá-los”. (Ghiglione & Matalon, 1992, citados por Amado, 2014, p. 312).

Segundo Amado (2014, p. 313)

o primeiro grande objetivo da análise de conteúdo é o de organizar os conteúdos de um conjunto de mensagens num sistema de categorias que traduzam as ideias-chave veiculadas pela documentação em análise. Para isso, há que começar por espalhar os textos nas unidades de sentido que se considerarem pertinentes em função das caraterísticas do material a estudar, dos objetivos do estudo, e das hipóteses formuladas. (...). Entretanto, apresentação e interpretação dos dados da análise de conteúdo, poderá ser feita combinando texto descritivo-interpretativo com tabelas, quadro sinópticos e matrizes que revelem o sistema de categorias e suas particularidades. Sugere-se, deste modo, que a estrutura do texto de apresentação dos dados siga muito aproximadamente a estrutura da matriz; isto é, os temas, as categorias e as subcategorias poderão vir a constituir capítulos, subcapítulos, alíneas do texto. Por outro lado, se os indicadores constituíram como já se sugere anteriormente, um primeiro esboço do texto, a atenção a eles e à ordem da sua disposição facilitará a escrita. Esta atenção é ainda um fator de aprofundamento da análise.

Em suma a análise de conteúdo é um procedimento que pode ser utilizado no quotidiano por qualquer sujeito ou individuo, enquanto leitura e interpretação. Mas, para se transformar numa metodologia de pesquisa científica, tem de acompanhar um

conjunto de acontecimentos que lhe garante o rigor e a validade. Para além disso, comporta uma prática muito dependente do treino, persistência e experiência do pesquisador. É consensual a anuência de que estamos diante de um método adequado ao estudo de dados qualitativos, em que o pesquisador quer apreender e aprender algo a partir do que os sujeitos da pesquisa lhe confiam, nas suas falas, ou que o próprio pesquisador regista no seu caderno de campo durante um exame participante, ou ainda, a partir de documentos escritos para serem observados ou retirados de qualquer cartório.

A observação de cada protocolo cingiu-se na ordem crescente das interrogações visadas para cada bloco temático dos guiões. Assim, iniciando com o protocolo da entrevista da diretora, seguiu-se o do inspetor e por fim o da educadora.

Para melhor se compreender, controlar e orientar em análise de conteúdo dos três participantes construiu-se uma grelha com quatro colunas que incluíam: categorias, subcategorias, unidades de registo e frequência.

Para a diretora e a educadora foram criados doze blocos ou categorias e nove para o inspetor, que correspondem à natureza de cada unidade de agrupamento de interrogações formuladas nos guiões das entrevistas.

Fez-se uma breve interpretação de conteúdos das unidades à claridade do contexto do jardim-de-infância e da revisão bibliográfica e documental. Entretanto, depois das interpretações isoladas das opiniões dos entrevistados procedeu-se com uma análise interpretativa e comparativa das definições dos participantes à luz do quadro conceptual de referência, respeitando o nível de conhecimento que têm sobre as conceções ou conceitos. E por fim, através de discussão intercalou-se as opiniões dos entrevistados entre si e entre grupo e os resultados das pesquisas documentais e bibliográficas.

Capítulo 3 - Apresentação e Análise dos Resultados

No capítulo 3 apresentaremos os resultados principais deste Trabalho de Projeto que se inicia com a descrição da caracterização do jardim. A seguir revelamos os dados de opiniões recolhidos através das entrevistas através da análise de conteúdos das mesmas e por último descrevemos o processo de observação das aulas realizadas que foram observadas.

A caracterização do jardim e os recursos humanos e financeiros, só foram possíveis graças as fichas de recolha de dados, onde conseguimos ter informações sobre o objeto deste Trabalho de Projeto, que é: a supervisão e orientação da prática pedagógica de educadores no jardim de infância, faixa etária (3-5) e (5-6) anos, com foco na organização do ambiente educativo, as planificações e as rotinas diárias, partir das entrevistas efetuadas. Entretanto, os documentos consultados e a revisão da literatura são elementos que facilitaram o enquadramento e interpretação das opiniões dos nossos participantes entrevistados.

Dados da Caracterização do Jardim

O Trabalho de Projeto foi desenvolvido num jardim de iniciativa privada, situada na cidade de Bissau e funciona há 10 anos, abre das 8 horas e fecha às 16 horas, com exceção das sextas feiras, em que o jardim fecha há 12 horas. E tem como carga horária 40 horas semanal, que está adequadamente definida ou reestruturada por rotinas diárias de cada sala de atividade. O jardim recebe crianças com idades desde 2 até aos 5 anos de idade, isto é, a partir do jardim de infância (JI) até ao pré-escolar. O Jardim, pertence à congregação cristã, mas acolhe crianças de diferentes confissões religiosas.

O estabelecimento estudado está organizado de forma centralizada e da seguinte maneira: uma supervisora; uma diretora que desempenha outras funções, tais como de

diretora pedagógica e de gestão de relacionamento; e uma secretária que também desempenha função de gestora financeira. O jardim possui uma associação de pais e de encarregados de educação, mas não possui associação das crianças dada a sua natureza.

Em relação ao pessoal não docente, a instituição tem uma secretária, dois mulheres cozinheiras, três mulheres de limpeza e um porteiro.

Referimos que o jardim é de iniciativa privada. No entanto, são os pais que custeiam o pagamento das propinas dos seus educandos. Neste sentido foram estimados o custo da propina por criança, mês e ano em diferentes faixas etárias.

No jardim de infância, para faixa etária creche de 0 até 2 aninhos, o custo é de 15.000,00 francos cfa mensalmente e anualmente 150.000,00 francos cfa, e para os 3, 4 e 5 aninhos o custo é de 14.000,00 francos cfa mensalmente e anualmente 140.000,00 francos cfa. As educadoras são pagas através das propinas cobradas dos pais encarregados de educação.

O jardim começou a funcionar desde ano 2010 com três (3) pavilhões de doze (12) salas, que está dividido da forma a seguir especificada.

Dois pavilhões que têm nove salas, onde as atividades com as crianças são desenvolvidas em oito (8) salas entre as quais, uma sala de 2 anos-creche; três salas de 3 anos; duas salas de 4 anos; e duas salas de 5 anos. A última sala destes pavilhões, que é a maior, funciona como secretaria e tem gabinete da diretora, da secretária, sala de receção, sala de arrecadação dos materiais de apoio pedagógico e por fim tem casa de banho dos hóspedes, ou seja, visitantes. Esses pavilhões onde funcionam as salas de atividades têm casas de banhos para as educadoras, assim como para as crianças.

O terceiro pavilhão tem três (3) salas: refeitório, cozinha e dispensa, onde guardam os produtos alimentícios.

O edifício do jardim (de acordo com a Figura I) é uma construção definitiva relativamente nova, em boas condições de conservação e tem acesso à água canalizada.



Figura I – Edifício do Jardim

As salas de atividades (como nota-se na Figura II) dispõem de quadros negros móveis, têm ventiladores, carteiras individuais, mesas para os trabalhos, esteiras, sala dos 5 anos tem um televisor e resto das salas têm computadores, etc.



Figura II - Salas para atividades das crianças

A secretaria dispõe de um computador pessoal, uma máquina fotocopiadora, uma impressora e armário para os arquivos, no gabinete da diretora existe um computador portátil e um armário para os arquivos, o refeitório (Figura III), casas de banhos das educadoras e das crianças estão bem limpas e organizadas.



Figura III – Refeitório

Tem espaço exterior (Figura IV) bem organizado, conservado e coberto e, é usado no mínimo três (3) vezes por dia, sob vigilância das educadoras. Tem materiais existentes como: bolas, campo de jogo adaptado, baloiços, escorrega, piscina móvel, horta, plantas/flores e cavalinhas. E ainda garante segurança física às crianças, mas não só. Também garante segurança em termos de materiais e utensílios para alimentação, limpeza, repouso (caminhas, espumas, lençóis etc...), kit de primeiros socorros, e de apoio pedagógicos, estes se encontram suficientemente e adequadamente organizados.



Figura IV – Espaço exterior

Recursos Humanos

Caraterização das Educadoras do Jardim

Podemos observar o número das educadoras existentes no jardim no letivo 2019/2020, a partir do quadro 3. Neste apresentamos o total das educadoras por grau académico, salienta que não se verifica situação de género neste jardim, todo o corpo docente são as mulheres.

Quadro 3

Caraterização das educadoras por grau académico e por sexo

				Grau			
Total	Sexo	%	Curso auxiliar de educadores	Bacharel	Licenciado/a	Mestre/a	Doutor/a
14	M- 00	00%	00	00	00	00	00
	F- 14	100%	13	01	00	00	00

Salientamos que duas dessas educadoras já concluíram curso de licenciatura, uma na área de jardim de infância outra na área de jornalismo e comunicação, mas, também têm curso auxiliar de educadores, mas ambas estão a espera para receberem os seus certificados e diplomas. Resto das onze educadoras com a exceção da educadora com bacharelato, maioria estão a concluir o curso de bacharelato na educação de infância, segundo a exigência dos responsáveis do estabelecimento do jardim. lembrando que esses responsáveis têm curso superior na mesma área de JI. E por fim o jardim conta com três estagiárias que também estão em formação na área de JI.

Podemos constatar no quadro 3 que 100% dos docentes são de género feminino, e independentemente de maioria estar a tirar curso na área JI, todas têm o curso de auxiliar de educadores. Apenas duas das educadoras, entre as 14, acumulam trabalho com outra escola pública, ou seja, têm vínculo com estado, e, é de salientar que jardim possui corpo docente próprio, e são contratadas pela direção do jardim.

No que se refere a contratação, todos os educadores, passam por três fases de seleção: seleção documental, entrevista e o estágio. Importa referir que a diretora do Jardim não passa por estas fases, sendo nomeada pela Madre provincial de congregação a que pertence.

O jardim como dissemos tem 14 educadores e 8 salas, o rácio crianças/educadoras é de 17/1, sabendo que em cada sala há 2 educadoras, 1 principal e 1 auxiliar ou ajudante, e ainda têm 3 estagiárias que coadjuvam os trabalhos pedagógicos.

As educadoras moram longe do estabelecimento escolar, e percorrem 2 a 7 km para chegarem ao jardim a tempo. para algumas educadoras a situação obriga, que levanten às 5 horas da madrugada para poderem estar a tempo no jardim.

Caraterização das Crianças

Neste ano letivo 2019/2020, o jardim tem 265 crianças distribuídas de seguinte forma: sala dos 2 anos 33 crianças; dos 3 anos tem 99 crianças, isto é, 33 por cada sala; dos 4 anos 66 crianças, isto é 33 por cada sala; e dos 5 anos, pré-escolar 67 crianças, isto é, 33 sala dos coelhinhos e 34 sala das borboletas.

A instituição tem atualmente 265 crianças dentre os quais 2 crianças com necessidades educativas especiais. Destas 265 crianças são, 145 meninos e 120 meninas, com a lotação máxima por sala de 33 crianças. Esses dados não facilitam a criação de mapa estatística de “altas e baixas”, ou seja, “matricula inicial e final”, porque de momento que se estava a desenvolver o trabalho do projeto, as atividades ou aulas estavam em curso, e não se podia preencher os dados no meio do ano letivo.

Apresentação, análise e interpretação dos resultados das entrevistas

Agora de forma geral apresentamos os resultados da análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos participantes, iniciando por uma síntese dos participantes entrevistados.

Síntese das características dos participantes entrevistados

Detalhamos a primeira e segunda categoria em resumo, no quadro 4, apesar que a primeira categoria, está desenvolvida na metodologia do trabalho concretamente na caracterização de população. Por isso iniciamos a análise na terceira categoria.

Salientamos que ainda a segunda categoria não foi descrita de forma sucinta, porque trata-se simplesmente da legitimidade ou autorização do entrevistado/a.

Quadro 4

Perfil pessoal e profissional dos participantes entrevistados

Subcategorias	A1	A2	A3
Legitimação de Entrevista	Aceito	Aceito	Aceito
Idade e gênero	53 F	29 F	34 M
Situação profissional	20 anos (+) de docência	10 anos	+ de 10 anos como professor diretor, e 2 anos como inspetor-supervisor. 12 anos (+)
Experiência profissional	20 anos em função de diretora	10 anos como educadora e	2 anos como inspetor-supervisor
Atual função	Diretora do jardim	Educadora	Inspetor-supervisor e Coordenador da área pedagógica na Inspeção Geral do Ministério da Educação
Formação profissional	Licenciada em Educação de Infância, educadora de infância desde 1999	Bacharelato em Educação de Infância	Licenciado em Pedagogia com especialização em Gestão, Administração e Planificação escolar
Formação na área de Supervisão	Nenhum	Nenhum	Tem uma cadeira de teoria e prática de supervisão. E também teve curso de inspetor em que foi submetido as técnicas e práticas de supervisão

Dados de Opiniões Recolhidos por Meio de Entrevistas

De seguida podemos ver a análise de conteúdo das questões colocadas aos nossos entrevistados (cuja grelha de análise de conteúdos encontra-se no anexo 8), que foram identificados por códigos de A1 (diretor), A2 (educadora) e A3 (inspetor), sobre a supervisão e funcionamento da prática pedagógica na educação pré-escolar. As categorias de análise de conteúdo foram criadas a partir das perguntas dos respetivos guiões que antecederam as respostas. Apresentar aqui brevemente os títulos das categorias que emergiram da análise e que vão aparecer nas próximas secções

Condições do jardim

Entretanto acerca da categoria C “condições do jardim” a participante A1 considera que é importante que as crianças frequentam o jardim, pois ali desenvolvem suas aprendizagens. Questionadas se consideram que a instituição da resposta há necessidades das crianças e dos pais, as participantes A1 e A2, consideram que sim. Questionadas sobre as principais preocupações face as crianças e aos pais, para a participante A1, é de fazer elo de união e de harmonia entre educadores e crianças, e promover o envolvimento parental dos pais no processo de desenvolvimento de aprendizagem dos seus filhos. E para a participante A2, a preocupação face as crianças é de conseguir desenvolver as aprendizagens ou competências nas crianças.

E ainda se perguntou se a instituição tem projeto educativo, a participante A1 (diretora) afirma que sim. E o porquê de um projeto educativo, ainda a participante A1 salienta que é um documento que orienta o plano do jardim, atividades e o seu funcionamento.

E por fim se questionou quem são autores que elaborarem este projeto educativo, a participante A1 conta que são: ela na pessoa da diretora, educadores e associação dos

pais encarregados da educação/comunidade educativa. Para terminar esta categoria, questionou-se das principais linhas orientadoras do projeto educativo, assim como a sua concretização, a participante A1 respondeu que se assenta nos princípios e valores da educação e são concretizados a partir das atividades desenvolvidas no jardim.

Finalidades e Objetivos

Enquanto a categoria D “Finalidades e objetivos” a participante A2 (Educadora), única participante que foi inquerida acerca desta categoria, considera as suas principais preocupações, independentemente de atingir os seus objetivos, quer que as crianças a percebam como uma segunda mãe e jardim como uma segunda casa. Ou seja, em suas palavras “as crianças sintam o jardim como a segunda casa e eu mesma, como segunda mãe” (A2).

Currículo/Experiências de aprendizagem

Na categoria E “Currículo/Experiências de aprendizagem” questionadas que tipos de atividades/experiências são proporcionadas para as crianças, os participantes A1 e A3 consideram que são diversas atividades, essas atividades desenvolvem áreas de competências como: formação pessoal e social, expressão e comunicação e conhecimento do mundo. E ainda continuando na mesma lógica, a participante A2 considera que as atividades organizadas tanto dentro da sala de atividades e como fora elas dão respostas as necessidades das crianças, porque promovem o processo de desenvolvimento e de aprendizagem.

Questionados também se consideram que as atividades desenvolvidas no jardim respondem as necessidades das crianças, a participante A1 considera que sim dá resposta, mas em função das atividades que se desenvolvem e das aprendizagens. Em relação a isto, o participante A3 (inspetor) também concorda que sim, dá resposta, mas

desde que os educadores passaram pelas escolas de formação dos educadores de infância e que utilizam programas resultantes do currículo escolar estabelecido.

De seguida na mesma linha de pensamento, perguntou-se o desenvolvimento dessas atividades que considerarem que dão respostas as necessidades das crianças, facilitam a passagem para o nível seguinte da escolaridade, a participante A1 afirma que desenvolvendo bem as três dimensões do desenvolvimento, cognitivo, físico e psicossocial, facilita a passagem para o nível seguinte. Ao passo que, o participante A3, desde que os educadores passaram pelas escolas de formação dos educadores de infância e que utilizam programas resultantes do currículo escolar estabelecido, sim facilita o processo de passagem para o nível seguinte.

Questionadas se a instituição adota algum modelo/método pedagógico, as participantes A1 e A2 afirmam que a instituição adota método expositivo centrado nas crianças (aprendizagem e ensino), participativo e principalmente trabalhos de grupos, grande, pequenos e pares.

Para finalizar a categoria “Currículo/Experiências de aprendizagem” questionado sobre, o que acha que as crianças devem aprender no jardim, o participante A3, único participante para o qual foi feita esta pergunta dentro desta categoria, acha que devem aprender todos os conteúdos ligados ao seu desenvolvimento integral, obedecendo os três domínios do desenvolvimento humano: físico, cognitivo e psicossocial e respeitando a sua idade mental ou psicológica.

Estratégias de Ensino e Aprendizagem

Para a categoria F “Estratégias de Ensino e Aprendizagem” se perguntou como são organizadas as salas e as rotinas das crianças, a participante A1 afirma que são organizados de seguinte forma: “temos oito salas; uma sala de 2 anos, três salas de 3

anos, duas salas de 4 anos e duas salas de 5 anos e cada sala tem duas educadoras, com exceção de três salas com 3 educadoras estagiárias. Essas estagiárias não permanecem no jardim todo o dia saem em tempos alternados”. Ao passo que a participante A2 conta que organiza em forma de um círculo e sentam a volta da roda do círculo, para poderem ver uns aos outros. Em termos de dinâmicas, divide o grande grupo em dois grupos, “desta forma facilita o meu trabalho, assim como aprendizagem das crianças”.

Questionada sobre áreas de conteúdos/temas mais e menos valorizadas no jardim, a participante A1 afirma

valorizamos a Escrita, Matemática, Expressão Plástica, Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Histórias etc.... E os menos valorizados é corrida das crianças, mas também se forem bem reestruturados, trabalhados e postos em prática, promovem o processo de desenvolvimento de ensino e de aprendizagem. Em suma todos os conteúdos são importantes e valorizados.

Continuando na categoria “Estratégias de Ensino e Aprendizagem” perguntada se é dada a devida importância à aprendizagem da língua da escolarização, o português, a participante A1 considera que sim, porque é base fundamental para permitir as crianças a socializarem e familiarizarem com a linguagem.

Questionada como valoriza o trabalho dos educadores, a participante A1 responde que as educadoras são valorizadas e são muito importantes para o processo. Nota-se o esforço e a boa vontade delas em continuar a aperfeiçoar os seus trabalhos profissionais, com vista a traduzir as experiências e os ensinamentos na prática do dia a dia em prol das crianças e valorizadas a partir destas dinâmicas.

Interrogada se acha que as atividades e experiências de ensino que são proporcionadas para crianças são as mais adequadas, a participação A1 diz que

“queremos que sejam adequadas e proporcionadas. Ora reestruturamos os métodos, nos adaptamos/adequamos de forma que poderá trazer ainda mais o benefício para as crianças. Porque o nosso objetivo é que as atividades e os métodos que vão ser usados sejam adequadas para elas”. E ainda questionada se acha que existe uma preocupação com a aprendizagem de todas as crianças e de não deixar nenhum ficar para atrás, a participante A1 responde que sim, pretende que “todas as crianças saiam daqui [do jardim] bem preparadas e formadas com base nos princípios e valores que regem o processo de ensino e de aprendizagem”.

Ainda, continuando na categoria “Estratégias de Ensino e Aprendizagem”, interrogada sobre os tipos de atividades que as crianças realizam todos os dias na sala; se estas atividades contribuem para a aprendizagem delas, a participante A2 responde que “são linguagem, histórias, conversas em grupo. Pretende-se com essas atividades enriquecer os seus vocabulários e desenvolver a oralidade. Claro que essas atividades contribuem no desenvolvimento da oralidade-pronuncia e falar”.

Questionada se existe uma preocupação permanente em cada aula com aprendizagem das crianças, a participante A2 responde que “sim preocupo-me bastante e faço dinâmicas motivadoras e estimulantes, para atingir os objetivos”. A participante A2 considera que para saber se as crianças estão envolvidas nas aprendizagens, costuma fazer sempre observações e registos para ver o nível de envolvimento e de aprendizagem.

Para finalizar esta categoria, questionou-se acerca das estratégias adotadas para as crianças com dificuldades de aprendizagem nos conteúdos desenvolvidos, a participante A2 afirma que lhes retira e coloca-as num pequeno grupo para trabalhar com elas.

Apoio, Planificação, Avaliação e registo

Para a categoria G “Apoio, Planificação, Avaliação e registo” a participante A1 considera que o projeto educativo é planeado e avaliado de três em três meses, mas se há uma necessidade de fazer correções faz-se. a participante A1, enquanto há a existência de um plano anual, afirma que “existe plano anual, trimestral, semanal e diário” (A1).

Questionadas como são feitos o planeamento e a avaliação em cada sala, a participante A1 considera que é feita a partir de um plano diário, em que se faz avaliação das atividades diárias, essas avaliações vão consubstanciando nas avaliações das competências das crianças. Ao passo que A2 afirma que planifica e avalia as suas atividades em função dos componentes da planificação. E ainda como faz o registo do trabalho e dos progressos das crianças, através do que instrumento, as participantes A1 e A2, são unânimes na resposta, através do instrumento da grelha de avaliação de competências, neste caso usados pelos educadores.

Foi questionada com que base planeia os conteúdos ou temáticas e quais são os componentes que considera mais importante numa planificação, a participante A2 respondeu que planifica com base no plano curricular e plano anual, enquanto os componentes da planificação todos são importantes.

Continuando na mesma categoria “Apoio, Planificação, Avaliação e registo” interrogada se as atividades realizadas são adequadas as faixas etárias das crianças, a participante A2 responde que sim. “É a base de uma planificação, saber para quem estamos a planear”. E ainda perguntou se interage com a sala através da linguagem verbal, não-verbal, contatos visual, gestos e outros, participante A2, disse que sim, usa-as todas, circula dentro de sala e movimentos corporais em todo o sentido.

Questionada se existe um trabalho entre educadores e a direção, ou seja, a participante A1, responde que “existem sim: formações de capacitação, reuniões entre outras”. Perguntado se recebe apoio da equipa de supervisores para facilitar o seu trabalho; e como avalia o trabalho de supervisão no desenvolvimento profissional e pessoal do seu trabalho, a participante A2 responde que “sim, no ano passado recebemos uma equipa portuguesa, que veio dar formação na área das atividades lúdicas, expressões, canções etc... para melhorar o nosso trabalho. E ainda independentemente dos apoios que recebemos da equipa portuguesa, que tem um impacto positivo na melhoria das nossas atividades; considero e avalio esses trabalhos de supervisão de forma superpositiva e é indispensável”.

Para finalizar a categoria “G” questionada se tem uma visão clara do que as crianças podem aprender com atividades previstas, a participante A2 diz que “sim, o plano é flexível, o previsto, assim como o imprevisto ambos promovem as aprendizagens, depende do contexto e a realidade em que se desenvolve os conteúdos”. E por fim, a participante A2 garantiu fornecer todos os instrumentos ou comprovativos que fundamentam as suas respostas, desde que estejam ao seu alcance.

Educadores/pessoal

Para a categoria H “Educadores/pessoal” quanto a contratação, a participante A1 considera que se faz mediante a um anúncio, concurso documental, entrevista e estágio. Ainda a participante A1, enquanto, quem cotrata, é a própria diretora e secretária. Com que critérios, a participante A1 afirma: “entrega das candidaturas - concurso documental”.

Questionada sobre o horário e como é feita a distribuição dos educadores e outro pessoal, a participante A1 revela que o horário abrange todos os trabalhadores docentes

e não docentes, com exceção do jardineiro que trabalha até as 13:00. Estão afetadas duas educadoras e mais um pessoal de limpeza por sala. Interrogada se é suficiente o número do educador e de outro pessoal para as necessidades do jardim, a participante A1 afirma que para as educadoras são suficientes, mas para pessoal de limpeza é insuficiente. Questionada sobre principais problemas existentes no jardim e no seio dos educadores, a participante A1 responde: “felizmente até neste momento, não tenho grandes problemas, graças à Deus”.

Seguindo na mesma categoria a participante A1 abordada acerca de como considera as técnicas usadas para promover o desenvolvimento profissional dos educadores e do outro pessoal, a participante A1 disse que costuma fazer diálogo franco, bom relacionamento e “nós mantemos o diálogo constantemente em ordens diferentes no que refere resolução dos problemas, troca de ideias e experiências, definição das estratégias e métodos para o trabalho”. Perguntada quais as ações de formações que educadores procuram mais, a participante A1 considera que as educadoras se interessam por todas as ações de formações que estão ligadas às suas respetivas áreas.

Questionada se acha mais importante a frequência de ações de formação no exterior ou as que se realizam ou poderiam realizar no jardim, na instituição, a participante A1 diz que a formação dentro ou fora da instituição, ambas são importantes na medida em que vão aumentar o conhecimento profissional e a mudança da prática profissional dos educadores.

Para concluir a categoria “Educadores/pessoal”, interrogou-se sobre o horário de trabalho, quantas horas trabalham por semana, quantos meses por ano, quantas crianças tem na sua sala, que faixa etária e quantas salas. A participante A2 respondeu que trabalha 8 horas diário; 40 horas semanal; 11 meses por ano, tenho 34 crianças (M-18;

F- 16); com faixa etária dos 5 anos e tem uma sala. Ainda questionada se tem preocupação em se atualizar, quer dizer, em fazer formação, a participante A2 responde “quero sim e quero muito”.

Por fim, perguntou se desde a sua última formação, frequentou uma outra formação contínua, que instituição promoveu: o seu jardim ou o Estado, a participante A2 afirma que “sim frequentei a formação na área de educação de infância que durou 3 anos, promovida pela Fundação Fé e Cooperação (FEC)”.

Espaço e Materiais

Enquanto a categoria I “Espaço e Materiais” questionadas sobre os espaços interior e exterior, salas se são adequados para as crianças, educadoras e o acolhimento dos pais; e se tem segurança, as participantes A1 e A2, são unânimes nas respostas, tal qual lê-se nas respostas de A1 e A2. “Dentro das nossas possibilidades sim, é suficiente e há aspetos ou cenários que nos permitam a fazer flexibilidade no uso do espaço, para respondermos as necessidades das crianças, dos pais ou em geral da comunidade educativa”, conforme expôs A1. “E também tem segurança porque o jardim é vedado e tem o portão principal que fecha quando as crianças entrarem, e abre só quando vão para casa”, segundo A2.

Interrogada do que gostaria de ter e de melhorar em relação aos espaços e materiais e recursos educativos, a participante A1 responde que “gostaria de melhorar em relação ao espaço, ter mais salas amplas ou seja grande; em relação aos materiais e recursos educativos, ter mais materiais em quantidade suficiente e se possível ter de sobra para os guardar”. A participante A2, ainda considera que a sala dos educadores é confortável para os acertos e preparação das aulas ou atividades.

Questionada se tem materiais suficiente para trabalhar com as crianças (papel, lápis, canetas, manuais, livros, jogos, cartolinas, abacos, tintas, pincheis, lápis de cores e de ceras) a participante A2 afirma que sim “temos materiais suficientes, e se encontram num bom estado de conservação”. Ainda perguntada se existem computadores no jardim para facilitar o trabalho e se as crianças têm computador ou telemóvel e como se faz o uso pedagógico dos mesmos, a participante A2 considera que sim, cada sala tem um computador para facilitar os trabalhos; mas as crianças não têm computadores e nem telemóveis individuais, “aproveitamos o computador que está na sala para vermos desenhos animados e ouvir músicas faço o uso destes materiais quando tivemos atividade que vai exigir o seu uso, usamos”.

E por fim, questionada se pensa na construção dos recursos pedagógicos através dos materiais reciclados, se tem construído ao menos um recurso, qual foi e solicitada a falar da experiência desta construção, a participante A2 afirma que “sim, sim nos construímos o *réki réki* que é um material de som. A experiência foi boa”.

Relações e interações

Para a categoria J “Relações e interações” questionada sobre que tipo de relações que procura estabelecer entre todos os educadores e restante pessoal, a participante A1 considera que a relação de confiança, de diálogo, de amizade, porque sem isso não há uma boa relação, esses fatores são indispensáveis na construção de uma relação sã e cordial. Enquanto a participante A2 questionada acerca da relação entre colegas, crianças e pais, afirma que procura sempre manter boas relações.

De seguida perguntou-se se existem reuniões periódicas, formais e informais, partilha de informação, a participante A1 considera que sim, “fazemos reuniões periódicas sempre, formais e informais em situação de imprevisto reunimos com a

urgência e partilha de informação sempre que necessário”. Para terminar esta categoria, questionada como vê o seu papel na promoção de um bom clima relacional entre elementos da instituição, a participante A1 diz “bom não posso julgar a mim mesma, mas sei que desempenho um papel de promoção de um bom clima relacional, através do diálogo, da aproximação, de atenção e de compreensão. Enquanto educadora o que faz para gerar um bom clima no JI, a participante A2 responde: “trabalhamos em equipe, dialogamos e ajudamos uns aos outros para encontrar soluções dos nossos problemas e no fundo há um bom clima de relacionamento”.

Igualdade de Oportunidade

Na categoria K “Igualdade de Oportunidade” quando questionadas se há uma preocupação na instituição em criar uma maior igualdade de oportunidades: étnicas, deficiência física e mental, língua, de género, as participantes A1 e A2 consideram que sim, há uma preocupação em criar uma maior igualdade, “procurámos não fazer as diferenças, e promover maior equilíbrio em termos de igualdades”.

Como fazem para pôr em prática esta igualdade, as participantes A1 e A2 afirmam que “envolvemos as crianças de forma integrante, através de desenvolvimento das atividades e dos jogos com base no respeito dos aspetos físicos, culturais e sociais”. Consideram o jardim como um meio de criar maior igualdade de oportunidade, as participantes A1 e A2 afirmaram que sim.

E por último quando questionadas porquê e como colocam em prática a igualdade de oportunidade a participante A1 respondeu “ele é um meio de criar igualdades de oportunidades, faz-se a partir do diálogo, aproximação, amizade, a nossa maneira de ser, e desenvolvimento das atividades e dos jogos”. Ao passo que a participante A2 diz “o jardim é um meio, porque é no base que se começa tudo, não

fazemos as diferenças, tentamos incluir todas as crianças nas atividades, independentemente da posição social, económica, étnica, religiosa por aí fora”.

Participação dos Pais e da Comunidade

Na categoria L “Participação dos Pais e da Comunidade” questionadas sobre relação a comunidade-escola e relação das famílias com o jardim e Serviços de saúde, associações e outras instituições, entre outros, a participante A1 considera que há uma boa relação, apesar de que é sempre difícil porque “alguns pais elogiam, outros criticam os trabalhos, aceitamos essas críticas construtivas, e transformamo-los num desafio com vista ao melhoramento do nosso jardim enquanto serviços de saúde, associação e outras instituições procuramos sempre que haja uma boa relação recíproca com os nossos parceiros”.

Na questão que se refere aos pais e encarregados de educação (PEE) se participam na vida do jardim, a participante A1 explica que “não, mas com a criação de associação dos pais encarregados de educação, a situação está a mudar paulatinamente, que de fato esta associação está a ajudar muito e (...) os pais estão a participar na vida do jardim e acompanham os seus filhos nas aprendizagens”.

E ainda foi questionada como está assegurada esta participação dos pais, a participante A1 afirma que “o asseguramento é feito a partir das diferentes atividades desenvolvidas pela direção do jardim, através dos convites, telefonemas, comunicados, etc...” No que diz respeito a forma de participação desenvolvidas, a participante A1 realça palestras, reuniões e atividades.

No mesmo sentido da pergunta questionada a participante A2, como faz para assegurar a participação dos pais e encarregados de educação na aprendizagem das suas crianças e que atividades desenvolve, respondeu que o jardim tem um calendário de

atividades diversas. Tipo semana mágica, carnaval infantil, 8 de março, etc..., “nos fazemos atividade de atendimento com os pais, isto se faz após da reunião trimestral. Aproveitamos este atendimento, para mostrar os trabalhos dos filhos, para os pais poderem ver o desenvolvimento dos seus filhos, quais são as dificuldades e tentamos também conversar com os pais sobre o comportamento dos filhos”, finalizou a participante A2 (educadora).

Monotorização e Avaliação

A respeito da categoria M “Monotorização e Avaliação” advertida se existe uma preocupação em melhorar as condições de aprendizagem das crianças, a participante A1 considera que sim. Sobre as condições de trabalho dos educadores, a participante A1 afirma que “para com os educadores: investir nas formações e assim como formação humana”.

E ainda questionada, como avalia a melhoria da qualidade das educadoras, a participante A1 (diretora) considera que avalia a melhoria da qualidade das aprendizagens dentro da sala, frequenta as salas constantemente, “veja como as educadoras desenvolvem as atividades e como as crianças estão a absorver as aprendizagens”. E também antes observa os planos diários e faz feedback, entretanto, esses são elementos que permitem fazer uma avaliação da qualidade.

Interrogada se tem uma preocupação com a qualidade do que as crianças aprendem no jardim, sobretudo nas suas aulas, a participante A2 considera que sim preocupa desenvolver competências nas crianças. Porquê, a participante A2 afirma que, tenta sempre observar as crianças que não conseguem desenvolver as suas competências, “arranjo outras estratégias para poder ajudar essas crianças”. De que

forma, ainda a participante A2 disse “a partir dessa observação vejo se os meus objetivos, se estão a ser cumpridas ou não”.

Por último, o que acha que podia fazer para melhorar, a participante A2 considera que, “se os meus objetivos não forem cumpridos, dali penso nos aspetos a melhoras, através das pesquisas, do apoio dos colegas, das novas dinâmicas ou trabalhar em pequenos grupos outra técnica”.

Perguntada como avalia a melhoria da qualidade das aprendizagens das crianças, a participante A2 responde da seguinte maneira: “faço-a mediante a um acompanhamento, em que avalio as competências linguísticas, motoras, socio-afetivo, cognitivas entre outras. Avalio as minhas crianças mensalmente, apesar que tenho caderno de ocorrência em que eu anoto as aprendizagens diárias, para permitir ver se atingiram os objetivos traçados”.

Ainda nesta categoria, questionada sobre o que é a supervisão, a participante A1 considera que, a supervisão é “apoiar, ajudar, aproximar e controlar os trabalhos dos educadores”. Ao passo que, a participante A2 considera que “a supervisão é apoiar e melhorar a prática pedagógica”.

Mantendo nesta categoria, questionada, a participante A2, se fazem supervisão entre eles-educadores, respondeu que sim “fazemos, apesar de que não é tão patente, mas subentende-se”. E por fim foi perguntada se pretende que seja avaliada de ano para ano e o porquê, a participante A2 considera que não, prefere que seja avaliada mensalmente, “assim poderia melhorar a minha atividade profissional”.

Questionada como responsável desta instituição quais são neste momento as suas maiores preocupações face as crianças, face aos educadores e face aos pais, a participante A1 responde: “a minha maior preocupação é sempre bem-estar social

dessas crianças, principalmente as suas aprendizagens e cuidados, e para as educadoras empenho, dedicação, formação e amor para com as crianças e por fim aos pais, o maior envolvimento parental e acompanhamento dos seus filhos ou educandos”.

Perguntou-se ao participante A1 se pode fornecer mais informações que achar conveniente e que não tenha sido questionado, simplesmente respondeu que não. E para terminar esta categoria, solicitou-se ao participante A1 se poderia fornecer cópia dos documentos ou instrumentos como: plano de atividade anual, plano curricular etc..., prontificou-se sem problemas de fornecê-los.

Conceções sobre supervisão e Avaliação

No tocante à categoria N “Conceções sobre supervisão e Avaliação” questionado segundo sua opinião, o que significa o conceito de Supervisão Pedagógica ou o que entende por Supervisão Pedagógica, o participante A3 considera que, na sua “modesta opinião e de forma sintética, a Supervisão pedagógica diz respeito a acompanhar de perto as atividades docentes no quadro de ensino e aprendizagem, por forma a detetar as eventuais lacunas e propor medidas de superação para os professores ou educadores, tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem”.

Questionado se tem formação na área da supervisão, o participante A3 afirma que, durante a sua formação, foi submetido aos estudos teóricos na área de supervisão pedagógica. Fez estágios em supervisão pedagógica numa das escolas de formação de professores denominado ENIEGE, na República dos Camarões. “Ainda durante a formação de Inspetores a que fui submetido em 2017 em Guiné-Bissau, fui submetido às práticas pedagógicas de supervisão nas escolas/jardins do país”.

Interrogado como define a supervisão, o participante A3 (inspetor), define na sua “visão particular, a supervisão como sendo seguimento e pontual correção de eventuais

falhas durante a implementação de umas atividades, em função do plano pré-estabelecido”.

Por fim perguntou-se das características que deve ter um supervisor pedagógico, o participante A3 afirma que, são entre outras: “Visão ampla e superior ao supervisionado, humilde, observador, crítico, imparcial, conhecimento da matéria, pesquisador, aberto às sugestões, capacidade de avaliação e autoavaliação”.

A figura do supervisor

No que diz respeito à categoria O “A figura do supervisor” perguntou-se das potencialidades como inspetor, o participante A3 considera que as suas potencialidades como supervisor são estas: “Imparcialidade, clareza, celeridade no processo, visão crítica e ampla, pontualidade e assiduidade, sigilo profissional, ética e deontologia profissional, capacidade colaborativa, entre outras”.

Questionado sobre dificuldades que tem no desempenho de suas funções como supervisor pedagógico, o participante A3 afirma “as dificuldades existentes são imensas, entretanto, sublinho as seguintes ou principais: acesso às instituições do ensino do país na sua totalidade devido a falta de meio de transporte (viaturas, motorizadas e vedetas/canoas); falta de meios financeiros para aquisição de equipamentos necessários para que o supervisionado faça cabalmente seu trabalho, incluindo as recomendações deixadas pelo supervisor; falta de tomada de decisões, por parte dos decisores, baseadas nas recomendações dos supervisores e politização da parte técnica dos serviços da educação”.

Para concluir esta categoria, questionou-se acerca das dificuldades e como têm sido ultrapassadas, a participante A1 afirma que “as tentativas de ultrapassar as

dificuldades se assentam na utilização de meios de transporte particular (motorizada) sustentada com combustível adquirido por meios financeiros próprios; insistências nas reuniões do conselho diretivo sobre as tomadas de decisões ao nível superior ligadas as recomendações dos supervisores e por outro lado, desenvolvo projetos para aquisição de vedeta para supervisão das atividades letivas nas ilhas”.

Vantagens da Supervisão

Para falar da categoria P “Vantagens da Supervisão” interrogado, no seu entender, sobre quais são os contributos da supervisão no ensino, o participante A3 considera que, a supervisão contribui de que maneira para a eficácia e eficiência dos docentes visando a qualidade do ensino no país.

Questionado acerca dos pontos fortes da supervisão para o desenvolvimento do ensino e das aprendizagens das crianças o participante A3 responde que “os pontos fortes se assentam no facto que a supervisão desenvolve a construção da dinâmica transitória e diferenciada, focaliza no processo de aprender baseada na reflexão, a liberdade e responsabilidade social da construção de uma sociedade desejada, e em fim o trabalho do supervisor é multifacetado”.

Para terminar esta categoria, questionou-se da intencionalidade/utilidade da Supervisão Pedagógica na melhoria da prática profissional dos educadores e na aprendizagem das crianças, o participante A3 disse que a supervisão pedagógica é útil para a prática profissional dos educadores e na aprendizagem das crianças visto que, ela desenvolve a qualidade do ensino dos educadores através de pontuais correções de eventuais falhas e preenchimento de lacunas supridas às dificuldades dos educadores. Automaticamente a qualidade do fazer aumentar e incidir diretamente na aprendizagem das crianças, melhorando assim os seus resultados qualitativos e quantitativos.

A importância da Supervisão Pedagógica

Para categoria Q “A importância da Supervisão Pedagógica” questionado para descrever em síntese sobre a supervisão pedagógica, o participante A3 afirma que “gostaria de trazer a vista uma visão retrospectiva da supervisão e uma visão corrente da mesma: a mudança que se insurge decorrente destas medidas regulamentadas, traz para o seio da escola o conceito de ‘supervisão’, até aos anos 90 utilizado apenas em contexto de formação inicial de professores, função atribuída ao inspetor cuja presença na escola se comparava àquela de um ‘polícia’, pronto a castigar quando não se exerce a tarefa como deve ser. Mas a partir dos anos 90 a ‘supervisão’, passou a designar a atividade que tem por objetivo o desenvolvimento e a aprendizagem dos professores que supervisionam e gerem o desenvolvimento e a aprendizagem dos seus alunos/crianças. E donde a sua magna importância como alavanca para a qualidade de qualquer sistema educativo ao nível mundial”.

Questionado sobre a importância da supervisão no jardim, o participante A3 considera que é importante supervisionar no jardim pois, só com a supervisão que se pode levar as educadoras a operarem dentro dos padrões nacionais de qualidade obedecendo as normas de guia de critérios mínimos para o funcionamento dos jardins-de-infância. A supervisão proporciona a qualidade do trabalho dos educadores visando um produto acabado de qualidade, as crianças.

Perguntando sobre o objetivo da supervisão pedagógico, o participante A3 disse que o objetivo da supervisão é de “ver se o processo está a decorrer de acordo com o plano traçado e se as metodologias e estratégias a serem implementadas estão a favorecer o alcance dos objetivos visados. Por outro lado, a supervisão visa a formação contínua e continuada dos supervisionados através de ajustes que se fazem no decorrer do processo”.

E ainda se interrogou acerca do trabalho prévio da supervisão, entre supervisor e educador, o participante A3 responde que o trabalho prévio entre o supervisor e educador se centra basicamente na sensibilização, apoio na seleção e organização dos materiais necessários e adequados para o seu trabalho, orientação ligados aos procedimentos e outros aspetos-chave para o sucesso do educador.

Entretanto, ainda mantendo na mesma categoria “A importância da Supervisão Pedagógica” questionado enquanto inspetor da IGE quais são os instrumentos utilizados na prática de supervisão, e se pode fornecer esses instrumentos, o participante A3 falou que, na prática de supervisão “utilizamos seguintes instrumentos: boletim de supervisão pedagógica e administrativa, acompanhadas de respetivos descritores, fichas de relatórios pós visita. E posso fornecê-los sem problemas, assim que terminamos a entrevista”.

E ainda se perguntou qual é o foco essencial destes instrumentos na prática de supervisão, o participante A3 considera que “o foco essencial é recolher informações sobre a atuação do educador na sala de atividade durante o processo por forma a avaliar a qualidade do seu trabalho mediante a quantificação por notas atribuídas a cada rúbrica avaliada. E de avaliar o funcionamento administrativo da escola ou jardim baseado nos padrões definidos no Guia de Critérios Mínimos para o funcionamento dos Jardins-de-infância”.

Questionado se o inspetor da IGE pode de alguma maneira interferir na plena aula do educador, o participante A3 afirma que o supervisor não é parte integrante da aula/atividade, não faz parte da equipa interna da sala, pelo que, não deve interferir em plena aula. Ainda se perguntou ao participante A3 o porquê, ele respondeu que “o inspetor da IGE, é um corpo estranho, sobretudo para as crianças”.

Questionando o participante A3 sobre de que maneira pode interferir, ele considerou que, no seu ponto de vista, “esta interferência, será apresentada e analisada só no momento de conferência pós aula, com o educador”.

Interrogado sobre quais são os procedimentos do desencadeamento de um processo inspetivo dentro da sala de aula/atividade, o participante A3 considera que os procedimentos são simples e são os seguintes: “após um aviso prévio à direção do jardim sobre a sua presença no jardim, o inspetor da IGE deve chegar o jardim antes ou junto com os educadores, sendo que nenhum deles sabe se é ele o visado, aguardando a sineta de entrada às salas. Este é o momento em que o supervisor deve começar a fazer anotações relativas a pontualidade, o supervisor não deve entrar depois da entrada do educador, para evitar constrangimentos e perturbações as atividades. Estando já na sala com o educador, pode começar a observar restantes aspetos durante a atividade”.

Questionado ainda, após observação o que se discute com o educador inspecionado ou supervisionado, o participante A3 (inspetor) afirma que “no final da supervisão, o supervisor cria uma mini-sessão denominada conferência, onde discute com o educador sobre os aspetos a serem melhorados nas próximas atividades com as crianças relativamente as metodologias, as técnicas e formas de abordar os temas com as crianças. E, contudo, o realço de pontos fortes/aspetos positivos do educador e apelo a perseverança”.

Ainda continuando nesta categoria, questionado como é que os educadores veem o inspetor da IGE na prática de supervisão, o participante A3 considera que, geralmente, a visão dos educadores em relação ao inspetor, varia de educador para educador, dependendo da conceção de cada um do termo inspetor da IGE. Entretanto, veem o inspetor da IGE como sendo um coadjuvante/auxiliar nos seus trabalhos quotidianos, de forma que desejam e as vezes solicitam a presença do inspetor da IGE.

Perguntando quantas vezes é que o inspetor visita um educador num ano letivo, o participante A3 respondeu o seguinte: “a frequência de visitas aos educadores durante o ano letivo varia de acordo com o número de escolas a serem supervisionadas num ano e dos turnos em que funcionam os jardins, entretanto, em média, o educador é visitado três vezes durante um ano letivo”.

Questionando sobre quais são para o participante A3, os aspetos mais críticos num processo de supervisão em educação de infância, respondeu assim: “os aspetos mais críticos num processo de supervisão são, na minha opinião, os momentos em que o supervisor terá que confrontar o educador, nos momentos finais após a conclusão de uma aula. O que requer do supervisor habilidades e humildade intelectual”.

Ainda se perguntou qual é para si (participante A3) a importância do supervisor pedagógico para o sistema educativo, ele (o participante A3) disse que “a importância do supervisor pedagógico para o sistema reside no facto que é o supervisor que assegura a qualidade do sistema educativo mediante o seu trabalho de supervisão diário com os educadores”.

Por último foi questionado se acha que a supervisão pode contribuir para a melhoria e eficácia do sistema educativo, o participante A3 considera que “na verdade a supervisão contribui para a melhoria e eficácia do sistema educativo. Aliás, é esse um dos objetivos primordiais da supervisão de qualquer que seja atividade educativa”.

Apoio Concedido aos Educadores

Enquanto a categoria R “Apoio Concedido aos Educadores” questionado sobre como ajuda os educadores à desenvolverem as suas competências profissionais na realização das suas atividades como sendo um inspetor da IGE e professor das escolas de formação de educadores, o participante A afirma que consegue ajudar os educadores

que já se encontram no terreno, através das sessões de seminários de capacitação e atualização dos conhecimentos “que organizo de vez em quando com ajuda de outros parceiros e/ou colegas além das conferências pontuais durante as visitas de supervisão”.

Por outro lado, enquanto professor das escolas de formação de educadores, aproveito não só os conhecimentos teóricos que ministro, mas também a partilha de experiências adquiridas durante o exercício da supervisão e/ou inspeção regulares às escolas”.

Perguntando ainda se considera a sua prática supervisão uma oportunidade de melhoria para os educadores, o participante A3 afirma: “considero a minha prática supervisiva como uma oportunidade para qualquer professor/educador/técnico da área da educação com quem já trabalhei e irei trabalhar, considerando as minhas qualidades e competências nesta matéria “.

Interrogado como adquiriu e desenvolveu as suas competências profissionais como inspetor/ supervisor pedagógico, o participante A3 respondeu que adquiriu as competências profissionais de forma muito fácil, eficaz e eficiente, independentemente da formação. Ele empenha bastante na aplicação prática de tudo que leu, ouviu, e aprende diariamente nas relações com outros profissionais de que já foram inspetores/supervisores pedagógicos. Segundo ele “a vontade acompanhada da experiência faz um profissional qualificado e competente “.

Para finalizar esta categoria foi ainda questionado o que no seu entender poderá ser feito para melhorar a formação dos supervisores pedagógicos como profissionais, o participante A3 finalizou assim: “além dos reforços de capacidades pontuais, deve-se criar condições para que os supervisores pedagógicos possam superar-se em matéria de supervisão podendo estar a altura de ter uma visão além da visão do supervisionado,

podendo assim, contribuir para a melhoria dos serviços da docência e para a qualidade do sistema no seu todo”.

Inspetor/Pessoal

Finalmente a categoria S “Inspetor/Pessoal” questionado como é feita a distribuição dos professores/educadores, o participante A3 esclarece que a distribuição dos professores/educadores é feita mediante o levantamento de guias onde constam a região e o nome do jardim em que o educador irá trabalhar, obedecendo as grelhas de necessidades levantadas por região, pelas equipas técnicas regionais (ETR).

Interrogado se acha que é suficiente o número de professores/educadores para todas as áreas, o participante A3 (inspetor) afirma que não, o número de professores/educadores é insuficiente para as áreas curriculares ministrados nas escolas ou jardins públicos do país.

Perguntado se há cooperação entre todo o corpo docente, o participante A3 afirma que “seria um pouco desonesto estar a afirmar que há cooperação entre todo o corpo docente, considerando a situação geográfica das localidades em que se encontram e a falta de comunicação entre eles. Por outro lado, não há nenhuma ocasião onde se reúnem todos para tratar de um assunto ligado a profissão que exercem (reforço de capacidade dos docentes). Mesmo aos docentes da mesma região, têm estado a enfrentar esta enorme dificuldade de cooperar entre si, as ondas de greves também nos mostram quão difícil é falar na cooperação entre todo o corpo docente” e o participante dispensou a resposta à questão de “Como é feita”.

Questionou-se sobre que problemas encontra com a falta de cooperação do corpo docente, ainda respondeu o participante A3: “falta de reuniões de reforço de capacidade, têm como consequência uma progressão muito deficiente do processo de ensino e

aprendizagem ao nível nacional, pois sem a cooperação, haverá enormes problemas de equidade em termos de conteúdos ministrados por diferentes professores/educadores da mesma área curricular”.

Prosseguindo na categoria “S” questionado como promove o desenvolvimento profissional dos professores/educadores, o participante A3 disse que “pessoalmente, tenho estado a promover o desenvolvimento profissional dos professores/educadores, ministrando seminários de capacitação e atualização dos conhecimentos dos professores/educadores em diversas matérias de Pedagogia”. Solicitado sobre quais as ações de formação que os professores/educadores necessitam e procuram mais, o participante A3 falou que as ações de formações que os professores/educadores necessitam e procuram mais, têm a ver com como ensinar os conteúdos selecionados (metodologias de ensino), considerando a diversidade das crianças numa sala de aula, Gestão e Controlo das salas de atividades, Avaliação do ensino e das aprendizagens, a didática e a abordagem psicopedagógica.

Ainda perguntado que ações de formação a escola promove para melhoria dos seus profissionais, o participante A3 considera que, as escolas que de vez em quando organizam sessões de capacitação dos professores/educadores por forma a promover melhoria da qualidade dos trabalhos dos seus docentes, são as escolas de natureza privada. Essas ações de formações decorrem em grande maioria, no final do ano letivo, semanas antes do início do novo ano letivo e ainda podem decorrer pontualmente ao longo do ano letivo nos intervalos docentes (pequenas férias).

Finalmente se questionou se o inspetor gostaria de dar informações que achar importante, e que não perguntamos, o participante A3 simplesmente finalizou assim: “não, penso que respondi quase todas as perguntas e também estou cansado são muitas perguntas”.

Agora seguem-se algumas discussões acerca da análise de conteúdo. A organização do ambiente educativo, resposta que a instituição dá para as crianças e os pais encarregados, as linhas orientadoras do projeto educativo e a preocupação de aprendizagem das crianças, fazem-na uma instituição com grandes valências na preparação das crianças, para entrarem no 1º ciclo - 1º classe, segundo opinião das participantes A1 e A2. Assim sendo, associamos o JI, a ideia de Alarcão e Tavares (2003, p. 133) sobre o conceito da escola reflexiva, que definem uma escola reflexiva é, pois, uma escola inteligente, autónoma e responsável que decide o que deve fazer nas situações específicas da sua existência e regista o seu pensamento no projeto educativo que vai pensando para si e experienciando.

Na nossa modesta opinião as dificuldades do jardim assentam-se no aprofundamento do projeto educativo por parte de algumas educadoras, onde as educadoras não fizeram parte da construção deste projeto educativo. Para tal, seria importante conhecerem missão, valores e objetivos do projeto educativo, para poderem bem se situar nos desafios do horizonte temporal do projeto.

Segundo revela a participante A2, esta tem estado preocupada com a aprendizagem das crianças, independentemente de visar os seus objetivos, gostaria que as crianças sentissem o JI como a segunda casa, e a ela A2, como uma segunda mãe. Isso se nota no relacionamento das educadoras com as crianças. Assim fazemos uma ligação com a ideia Estrela (2010, p. 10), que afirma, embora tradicionalmente se associe a escolha da profissão docente a uma vocação assente no amor à criança, a expressão considerada “conveniente” desse amor tem variado de acordo com a evolução dos costumes e da própria profissão. Entretanto, é necessário que as educadoras sejam recicladas na matéria da pedagógica e de envolvimento parental, para poderem

responder exigências sociais das crianças, assim como dos pais e encarregados de educação.

Segundo os participantes A1 e A3, consideram que são proporcionadas deferentes atividades ou temáticas que promovem competências nas áreas de formação pessoal e social, expressão e comunicação e conhecimento de mundo, que vão encontro de aprendizagem das crianças. Ainda revelam que desenvolvimento destas competências nestas áreas, facilitam a passagem para outro nível seguinte de escolaridade. E ainda o participante A3, foi mais longe afirmando, que torna mais fácil esta passagem, se as educadoras passaram pelas escolas de formação dos educadores de infância e que utilizam programas resultantes do currículo escolar estabelecido. Independentemente de formação e dos programas utilizados, é de suma importância realçar o papel de supervisão no desenvolvimento da prática profissional, daí que Pita (2012, p. 12), afirma que, é objetivo de a supervisão permitir o desenvolvimento do conhecimento e possibilitar o repensar de atitudes a partir da interrogação sobre o quê, como e porquê, não só ao nível da sala de aula, mas também ao nível da vida da escola. Assim sendo, permitirá a transição de um nível para outro. Concluímos que o JI, deve trabalhar na perspetiva de uma escola reflexiva segundo Alarcão e Tavares, permitindo assim o JI, promover formações continua as educadoras e permitir que elas reflitam sobre as suas práticas e assim como aprendizagem de crianças.

Os participantes A1 e A2, usam métodos expositivos centrado nas crianças “aprendizagem e ensino”, participativo e principalmente trabalhos de grupos: grande grupo, pequeno grupo e grupo de pares, esses métodos são importantes porque estão a promover os saberes nas crianças. São métodos micro que incidem diretamente aos objetivos ou competências de crianças.

Ainda para o participante A3, em termos de conteúdo, afirma que todas as temáticas ligadas ao seu desenvolvimento integral devem ser aprendidas, obedecendo os domínios de desenvolvimento humano, e respeitando a sua idade mental ou psicologia.

Constatamos que organização de sala é flexível dependendo da atividade e dinâmica que elas querem desenvolver com crianças, em suma a organização e a utilização do espaço refletem as intenções educativas e a dinâmica do grupo, segundo previsto nas (Orientações Curriculares para Educação pré-escolar, 2011, p. 14).

Ainda se percebe que as educadoras devem melhorar a dinâmica de organização de espaço e de grupo, visto que, sentem-se algumas dificuldades no momento de desenvolvimento das atividades, que está ligada com excesso de número de crianças por sala. O JI não funcionou com base do que foi plasmado no Critérios Mínimo de Funcionamento que prevê 25 crianças por sala.

É dada a devida importância da língua de escolarização, o português, porque é a base fundamental que permite as crianças socializarem e familiarizarem com a língua. Por outro lado, também são valorizadas as educadoras, porque são elementos chaves do processo de ensino e de aprendizagem, segundo a participante A1. Concluímos que no JI só se fala o português algo extremamente importante no aperfeiçoamento da língua e nota-se o esforço e boa vontade das educadoras na construção dos seus saberes profissionais.

As atividades como linguagem, historias, conversas em grupo, permitem para as crianças enriquecer os seus vocabulários e desenvolver a oralidade, na opinião de A2. Na verdade qualquer atividade ligada a expressão e comunicação desenvolve a competência cognitiva.

As participantes A1 e A2, são unanimes que a planificação e avaliação fez-se em cada sala, e consideram que são a partir de um plano diário, em que se faz avaliação das

atividades diárias e que vão consubstanciando nas avaliações das competências das crianças. Essas avaliações são feitas através de instrumentos da grelha de avaliação de competências, neste caso usados pelas educadoras. Como disseram as autoras Cindy Mutschen Carvalho e Gabriela Portugal (2017, p. 27), referem que “do processo de avaliação, que pode ser conduzido de diferentes formas, consoante as preferências e prioridades do educador, as necessidades das crianças e a filosofia da instituição”.

“Uma das possibilidades de trabalho é começar por uma observação do grupo, recorrendo a variáveis processuais como a implicação e o bem-estar, que fornecem um retrato geral de cada criança “no aqui e no agora” e abrem caminho para uma reflexão sobre a qualidade da oferta educativa” (Carvalho & Portugal, 2017, p. 27). Concluimos que as educadoras planificam as atividades com base no plano curricular, anual e interesse de crianças, fato que permite as educadoras fazerem exercícios de observações nos diferentes contextos sociais e recolher informações que vão permitir-lhas aumentar a criatividade e conhecer de perto os interesses das crianças.

O plano é flexível, portanto o previsto ou imprevisto ambos promovem as aprendizagens, dependendo do contexto e a realidade em que se desenvolve os conteúdos segundo a opinião A2.

As educadoras fazem trabalhos em colaboração com direção, recebem formações de capacitação, participam nas reuniões entre outras, segundo a opinião de participante A1.

As educadoras receberam no ano letivo 2018/2019, uma equipa de supervisores portugueses, que veio dar formação na área das atividades lúdicas, expressões, canções entre outras. Este apoio tem um impacto positivo na melhoria das nossas atividades, no ponto de vista desta participante A2, considera e avalia esses trabalhos de supervisão de forma positivo e é indispensável. Assim confirmamos a colaboração que as educadoras

têm entre elas e com a direção, fundamentamos esta colaboração com base na ideia de Alarcão e Canha (2013, citado por Varela, 2017, p. 26) que afirmam, a supervisão pedagógica quando sustentada na colaboração entre os docentes, de forma colegial e voluntária, rejeita o individualismo profissional e aceita a reflexão coletiva e partilha de saberes visando o bem comum, isto é, defende o desenvolvimento profissional e pessoal do coletivo que por sua vez, “é um processo que acompanha a vida e é potenciado através de experiências colaborativas de aprendizagem e formação”

No nosso ponto de vista o ideal seria o que está plasmado no critério mínimo para funcionamento JI, 25 crianças por sala, assim permitiria o rácio de 13/1 educador. Isso facilitava muito na organização do espaço, grupo e tempo e não só, também no desenvolvimento das competências de crianças, podemos compreender que “a sala organizada e bem definida por áreas de interesse permite que as crianças possam estar organizadas em grupos mais pequenos e a realizar diferentes atividades durante o mesmo período de tempo, (FEC, 2017b).

O JI tem segurança, tem os materiais e recursos educativos e pedagógicos suficiente e bem conservadas, segundo A1. No nosso entender, dada o número de crianças que o JI tem o espaço exterior deve ser ampliada, apesar que é grande, mas não obstante que se amplie, por simples razões vê-se que no exterior de sala, que as crianças ficam mais a vontade e desenvolvem mais competências.

Consideraram que JI é um meio de criar maior igualdades de oportunidade segundo as participantes A1 e A2. Mas para A1 faz-se a partir do dialogo, aproximação, amizade e desenvolvimento das atividades e dos jogos. Para A2, no base que se começa tudo, não fazem diferenças tentam incluir todas as crianças independentemente da posição social, económica, ética e religiosa. Verificamos a pertinência que as intervenientes têm face a promoção de igualdade de oportunidade, nisto envolvem os

pais e encarregados de educação nas atividades, jogos, palestras, reuniões, para discussão e promoção desta igualdade de oportunidade.

Os pais encarregados de educação dantes, não participam na vida do JI e muito menos acompanham os seus educandos nas suas aprendizagens, mas com criação de associação dos PEE, a situação normalizou-se, os pais estão envolvendo nos acompanhamentos dos filhos, através de envolvimento nas atividades de semana mágica, carnaval infantil, 8 de março entre outros, apesar que alguns ainda não estão consciencializados, mas com o tempo será possível o envolvimento parental de forma integra.

A supervisão é apoiar, ajudar, aproximar e controlar os trabalhos dos educadores, na opinião de A1. A supervisão é apoiar e melhorar a prática pedagógica, segundo A2. A supervisão de forma sintética, diz respeito a acompanhar de perto as atividades docentes no quadro de ensino e aprendizagem, por forma a detetar as eventuais lacunas e propor medidas de superação para as educadoras, tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem, na opinião de A3. Concluimos que a supervisão é um processo de apoio e de acompanhamento continua em todas as vertentes da prática pedagógica, para permitir o melhoramento de exercício profissional de um docente. Dali subescrevemos com alguns autores Alarcão e Tavares, quando defendem que “a supervisão dos professores é um processo em que um professor, em princípio mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional” (2003, p. 16). Se inclinamos a supervisão no âmbito da supervisão à escola, compreendemos que se relaciona com a melhoria da qualidade das aprendizagens, numa perspetiva formativa e, como tal, deve ir para além da sala de aula, da dimensão didática e ser alargada a uma dimensão institucional, Pita (2012, p. 10-11).

Conseguimos observar que este novo sonho da supervisão que, se enquadrada numa “escola reflexiva”, que anda para a sua independência através do seu projeto educativo, é, na perspetiva de Alarcão e Tavares (2003), uma escola mais situada, mais responsável, mais flexível e livre. É neste sentido que fundamentamos a supervisão reflexiva no sentido colaborativa, para permitirem entreajudas, trocas de experiência, apoios, entre outros, para poderem melhorar práticas pedagógicas e consolidar o projeto educativo do JI.

Visão ampla e superior ao supervisionado, humilde, observador, crítico, imparcial, conhecimento da matéria, pesquisador, aberto às questões, capacidade de avaliação e autoavaliação são características que um supervisor pedagógico deve ter no entendimento de participante A3. Concluímos que imparcialidade, clareza, celeridade no processo, visão crítico e amplo, capacidade colaborativa são potencialidades dos participantes neste trabalho de projeto.

A supervisão contribuí de que maneira para a eficiência e eficácia dos docentes visando a qualidade do ensino. E pontos fortes de supervisão assenta-se no desenvolvimento de construção da dinâmica transitória e diferenciada, focalizada no processo de aprender baseada na reflexão, a liberdade e responsabilidade social da construção de uma sociedade desejada, em fim o trabalho de supervisor é multifacetada, na opinião de A3. Assim subescrevemos a ideia da autora Varela (2017, p. 9), quando disse “acredita que a supervisão contribui para que haja uma reforma positiva, não só de pensamentos como também de práticas profissionais dos professores/ educadores, o que requer examinação e redefinição das funções do supervisor e do supervisionado. A supervisão deve, assim, orientar não só os professores em formação inicial, como também ajudar os demais docentes a refletirem sobre as suas práticas, numa autorreflexão crítica construtiva”. Concluímos que a supervisão é o elemento chave no

processo de desenvolvimento profissional, como na aprendizagem das crianças ou automaticamente a qualidade de fazer aumentar e incidir diretamente na aprendizagem das crianças. E melhorando assim os seus resultados qualitativos e quantitativos.

Gostaríamos de trazer a vista uma visão retrospectiva da supervisão e uma visão corrente da mesma: a mudança que se insurge decorrente destas medidas regulamentadas, traz para o seio da escola o conceito de “supervisão”, até aos anos 90 utilizado apenas em contexto de formação inicial de professores, função atribuída ao inspetor cuja presença na escola se comparava àquela de um “polícia”, pronto a castigar quando não se exerce a tarefa como deve ser. Mas a partir dos anos 90 a “supervisão”, passou a designar a atividade que tem por objetivo o desenvolvimento e a aprendizagem dos professores que supervisionam e gerem o desenvolvimento e a aprendizagem dos seus alunos/crianças. E donde a sua magna importância como alavanca para a qualidade de qualquer sistema educativo ao nível mundial, segundo opinião de A3. Entretanto, percebemos desta ideia e associamos ao pensamento da autora Pita (2012, p. 11) sobre a importância da supervisão, onde pode ainda ser entendida no âmbito da Avaliação do desempenho docente, uma vez que a contextualização jurídica prevê duas dimensões de supervisão: qualidade do serviço educativo e progressão na carreira. Doravante a supervisão e a avaliação do desempenho docente tornaram-se também indissociáveis.

A3 considera que é importante supervisionar no jardim pois, só com a supervisão que se pode levar as educadoras a operarem dentro dos padrões nacionais de qualidade obedecendo as normas de guia de critérios mínimos para o funcionamento dos jardins-de-infância. A supervisão proporciona a qualidade do trabalho dos educadores visando um produto acabado de qualidade, as crianças, segundo a opinião de A3. No JI, o objetivo das atividades e dinâmicas, são as de promover competências nas crianças e conseqüentemente, promover a qualidade do jardim, para que isso aconteça é

necessário que a supervisão funcione no jardim, assim para permitir a evolução das educadoras nas suas práticas pedagógicas. Daí que segundo Meirinho, (2012, p. 1), afirma que, “a realidade do sistema educativo, os saberes evidenciados pelas crianças e as necessidades educativas por elas exigidas invocam práticas educativas de qualidade”

Para finalizar esta breve sistematização, o participante A3, promove o desenvolvimento profissional dos professores/educadores, ministrando seminários de capacitação e atualização dos conhecimentos dos professores/educadores em diversas matérias de Pedagogia”. As ações de formação que os professores/educadores necessitam e procuram mais, têm a ver com como ensinar os conteúdos selecionados (metodologias de ensino), considerando a diversidade das crianças numa sala de aula, Gestão e Controlo das salas de atividades, Avaliação do ensino e das aprendizagens, a didática e a abordagem psicopedagógica.

Concluimos que esta análise de conteúdo, permitiu se inteirar como funciona no jardim, a supervisão da prática pedagógica principalmente nas vertentes de ambiente educativo, planificação e rotinas. Entretanto, vê-se quase inexistente o processo de supervisão no jardim, tendo em conta número de vezes que o inspetor aparece no JI, para apoiar as educadoras e também os apoios que a diretora dá no componente de supervisão, não conseguem atingir todas as educadoras, pelo número que são. No componente do ambiente educativo e das rotinas o JI está adequadamente organizado e responde também adequadamente as exigências impostas na sua organização. Mas enquanto, na planificação o grupo de educadoras apresentam ainda algumas dificuldades, na articulação de áreas de conteúdos, definição dos objetivos, descrição das atividades... ou seja compreensão e interpretação dos componentes da planificação.

Terminando a análise de conteúdo e sistematização de algumas conclusões, agora vamos apresentar os resultados de dados de opiniões recolhidos por meio de entrevistas- observação de atividades/aula.

Tendo concluída a análise de conteúdo dos entrevistados, com o objetivo de perceber o funcionamento da prática pedagógica das educadoras do Jardim de Infância, principalmente na supervisão e orientação da prática pedagógica com foco nas três componentes de: organização do ambiente educativo, planificações e rotinas, que constituem o objeto deste Trabalho de Projeto, tentamos compreender como são aplicadas e articuladas esses componentes com vista a proporcionar ou desenvolver nas crianças as dimensões: cognitiva, física e psicossocial, através da observação.

Observação

A observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise é submetido ao teste dos fatos e confrontando com dados observáveis, Quivy e Campenhoudt (1995, p. 155). Com o intuito de recolher os dados e para permitir fazer teste dos fatos como dizem os autores acima referenciados, criamos as fichas de supervisão e orientação da prática pedagógica com base nos instrumentos de supervisão pedagógica da FEC, para permitir que no final de todo o processo possamos fazer uma reflexão profunda sobre a prática.

Por observação, neste contexto, entende-se o conjunto de atividades destinadas a obter dados e informações sobre o que se passa no processo de ensino-aprendizagem com a finalidade de, mais tarde, proceder a uma análise do processo numa ou noutra das variáveis em foco, Alarcão e Tavares (2003, p. 86). E ainda os autores, afirmaram que, nunca é demais chamar a atenção para a diferença entre observação e interpretação, porque, estas duas atividades estão tão intimamente relacionadas que quase poderíamos

dizer que a observação compreende duas fases: registo do que se vê e interpretação do sentido do que viu (p. 86).

Para realizarmos a observação no jardim estudado realizamos dois acompanhamentos de supervisão da prática pedagógica (APP), duas observações da prática pedagógica (OPP) e duas reflexões para dois grupos de educadoras, isto é, duas educadoras por sala. Como se sabe no jardim de infância as atividades podem ser desenvolvidas dentro e fora da sala, depende do tema e a flexibilidade da educadora como pensa organizar. Mas na prática acontece que nos jardins, fazem mais atividades fora da sala nas sextas feiras, denominado dia de educação física, desta forma procurou-se fazer observação em dois momentos: fora e dentro da sala de atividade.

Com base nesta ideia, prosseguimos com as APP`s, os OPP`s e as reflexões, para permitir inteirar do funcionamento do jardim em termos da supervisão e orientação da prática pedagógica e profissional, com vista a propor soluções que vão melhorar o desenvolvimento profissional das educadoras, numa perspetiva colaborativa.

O acompanhamento da prática pedagógica (APP)

O primeiro APP foi realizado no dia 07/02 do corrente ano, numa sexta feira após o fecho do jardim, as 12 horas da tarde e ainda se salienta que no jardim as planificações são realizadas semanalmente, isto é, nas sextas feiras a partir das 12 horas, quando as crianças saíam para casa, as educadoras ficam e planificam as atividades de segunda à sexta feira.

Neste sentido, as educadoras agruparam em grande grupo e de novo foi explicado o objetivo do projeto. Nesta planificação o investigador enquanto observador assumiu o papel de agente passivo e poucas vezes deu sugestões de melhoramento, limitando-se a colocar perguntas relacionadas com a organização do ambiente

educativo, planificações e rotinas. Por exemplo: recebem apoio dos inspetores? Em que domínios dão apoio? têm plano anual e plano curricular? Que tema vai ser trabalhado? Qual é o vosso objetivo? Como pensam organizar as atividades: grande grupo, pequenos grupos ou grupo de pares? Como está organizada a rotina? Como pensam avaliar as atividades? Etc...depois de recolher todas as informações, terminando esta etapa, fez-se a visita escolar para verificar e confirmar os aspetos do ambiente educativo e das rotinas, e o fim da sessão.

Nesta primeira APP, conclui-se que, aparentemente o ambiente educativo e as rotinas estão bem organizadas, apesar de faltar confirmar os aspetos de desenvolvimento das atividades e de organização dos grupos, que será feito num momento posterior das OPP's. Enquanto a planificação semanal que o jardim chama de resumo semanal, que consubstancia num plano diário, as educadoras na maioria apresentaram algumas dificuldades principalmente na definição dos objetivos, de áreas de conteúdos, descrição das atividades e avaliação, ou seja, têm dificuldades na descrição de componentes de planificação e algumas educadoras até não conhecem esses componentes.

Acerca da segunda APP, em consonância com os problemas constatados no 1º ciclo de observação do dia 11/02, tivemos um encontro com o objetivo de rever o plano de sexta-feira e deixar algumas recomendações para as educadoras. No qual, o observador em quanto investigador, iria estar presente de novo para observar as atividades. Para tal, com a educadora A2, revemos área de conteúdo que é, expressão e comunicação – domínio psicomotor, que teve como atividade ginástica (exercícios físicos, jogos de saltar com pé), e teve como objetivos: - exercitar o corpo e fazer movimentos rítmicos, - desenvolver a coordenação geral ampla, pequeno e grande músculos, e – explorar as possibilidades motoras (saltar, correr, trepar, jogar, etc.). E para educadora E2, revimos a área de conteúdo expressão e comunicação – domínio

psicomotor, e a atividade é, Ginástica (exercícios físicos e jogo de malha) e teve como objetivos: -exercitar o corpo; - movimentar o corpo; e -desenvolver grandes e pequenos músculos, e por último após a uma reflexão profunda, as educadoras retocaram a descrição de atividades, recursos e avaliação. O que significa que o investigador enquanto observador nesta segunda planificação, assumiu o papel de agente ativo, participando em todas vertentes, explicando e esclarecendo dúvidas, e com isso deu por encerradas as atividades com o compromisso de apoiar e dar formação pontualmente e seguimento no processo de planificação.

Para finalizar os trabalhos percebemos da pertinência da planificação e oferecemos para assistir mais uma vez à planificação da semana seguinte, com o mesmo objetivo de apoiar na elaboração do plano, e que esta participação não será descrita neste trabalho de projeto, porque, está fora do contexto do trabalho, será um trabalho voluntário.

Observações da Prática Pedagógica (OPP)

Para melhor facilitar a identificação das educadoras, e o preenchimento da ficha de observação de atividades, atribui-se para as educadoras os seguintes códigos: A2, educadora da primeira observação e que respondeu ao guião da entrevista e E2, educadora da segunda observação da prática pedagógica apenas. Assim sendo, avançou-se com observação direta, na perspetiva de Alarcão e Tavares (2003).

1º Ciclo da OPP

A primeira OPP da educadora A2 foi realizada no dia 11/02 do corrente ano, numa terça feira e observação decorreu 1 hora 45 minutos, mas o investigador esteve todo o tempo no JI, para poder ter mais elementos. Antes de mais prossegue-se com a descrição de como correu a atividade. Para começar o plano diário elaborada pelas

educadoras de sala dos 5 aninhos borboletas-pré-escolar. O plano teve como área de conteúdo, expressão e comunicação- domínio matemática, a atividade é denominada “o número 14” e que teve como objetivos: -conhecer o nº 14 e saber representar a sua quantidade; - desenvolver o raciocínio lógico e a capacidade cognitiva; e – desenvolver a motricidade fina. Para desenvolvimento desta atividade usou seguintes materiais como: lista de presença quadro, giz, peças dos números, pedrinhas, pauzinhos, folhas de plantas, mesas, lápis de carvão, borracha, afiadeira e cadernos.

No acolhimento, a educadora levou as crianças ao cantinho de oração para rezarem, depois organizou-as para se sentarem na rada, e de seguida marcou presença finalizando com a motivação de canção- Mariana conta 1.... Após da parte introdutória, a educadora escreveu o número 14 no quadro bem legível, chama o nome do número e pede para as crianças repetirem, depois de tudo colocou peças dos números de 0 a 14 no chão e alguns objetos tipo (pedrinhas, folhas de plantas pauzinhos etc...) para representarem a sua quantidade, contando de 0 a 14.

De seguida a educadora pediu para as crianças contarem em conjunto de 0 a 14 no dedo e contar 14 objetos postos no chão anteriormente, uma criança de cada vez e assim sucessivamente até terminar a tarefa que culminou com o lanche e recreio.

Para o segundo tempo, a educadora organizou as crianças em dois grupos, grande grupo na roda e pequeno grupo na mesa. Para o grande grupo tiveram como tarefa, exercitar o nº 14 no chão e para o pequeno grupo, colou-se na mesa lápis de carvão, borracha, e afiadeira, e entregou cada criança o seu caderno, para cobrirem o grafismo do número 14, sob orientação da educadora auxiliar. Para finalizar a atividade a educadora como revisão, mandou crianças sentarem atrás uma das outras, colocou o quadro afrente e escreveu os números de 0 a 13, pediu as crianças uma de cada vez para ir ao quadro e cobrir o grafismo. Entretanto, até aqui a educadora não descreveu a

técnica de como avaliar, mas percebe-se que a atividade foi avaliada, através de observação e registo. Interrogou crianças: Gostaram de atividade? Que parte mais gostaram? E que parte menos gostaram? O Que que aprenderam com esta atividade? De 1 a 14 que nº é que mais gostaram?

Segundo o tempo estipulado, terminou-se a observação até aqui, dando possibilidade de observar o segundo grupo de educadores, mas antes fez-se algumas reflexões conjuntas, observador-educadora.

Na observação, esta apresentou um plano bem descrito, respeitando os componentes da planificação. E ela, assim como as crianças, estavam muito à vontade com a presença do observador na sala. A2 desenvolveu dinâmicas adequadas das atividades com base no que planificou. Houve muita interação entre as crianças, assim como entre as educadoras e em consequência disso conseguiu-se atingir os objetivos definidos na atividade observada. A educadora demonstrou domínio dos conteúdos, flexibilidade e capacidade de adaptar-se ao contexto, revelando competência, comunica adequadamente, valoriza e estimula as crianças.

Com o objetivo de refletirmos acerca desta OPP, notamos que existem alguns aspetos positivos e outros que podem ser melhorados. Ou seja, os aspetos positivos; a educadora é organizada, comunica adequadamente, é dinâmica, competente, respeita as crianças valoriza e estimula o esforço das crianças, flexível e amável. Aspetos a serem melhorados; são reorganização das crianças em grande grupo, deveriam ser separadas em pequenos grupos. Outro aspeto a melhorar refere-se à gestão do tempo e da avaliação.

Avaliação, deve-se fazê-lo em dois momentos, um primeiro momento através de técnicas de como avaliar e um segundo momento depois de concluir as atividades, tentando perceber como correu, avaliando assim se os objetivos foram alcançados.

Notamos também que a educadora conseguiu refletir, analisando criticamente o seu desempenho dentro da sala e identificando pontos positivos e pontos a melhorar. Assim como também identificou estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que devem ser melhorados. Isto é na reorganização do grande grupo em pequenos grupos em função das atividades e por fim pesquisar sobre avaliação e pedir mais ajuda, principalmente, ao inspetor. e assim também ao investigador enquanto observador.

A primeira OPP realizada à educadora E2 aconteceu no dia 11/02 do corrente ano, numa terça feira, observação decorreu 2 horas, mas o investigador esteve todo o tempo no JI. Prosseguiu-se com a descrição do plano diário elaborada pelas educadoras de sala dos 4 aninhos Joaninhas-jardim. O plano teve como área de conteúdo expressão e comunicação-domínio matemática, a atividade é a natureza – contar de 1 a 5. e objetivo é desenvolver a motricidade fina e desenvolver a capacidade de escuta, fixação e memorização da história. Há uma incompatibilidade, ou seja, uma incoerência na definição do conteúdo/tema, os objetivos e a própria descrição das atividades.

Esta apresentou um plano muito vago sem respeitar os componentes de planificação e limitou-se apenas a fazer uma descrição subjetiva dos conteúdos a abordar. A educadora E2 afirmou estar um pouco chateada por motivo de problemas familiares e com o barulho das crianças considerou que esta situação se tem agravado ainda mais, as crianças estavam muito intimidadas com a presença do observador na sala. Apesar destes constrangimentos a Educadora E2 desenvolveu dinâmicas adequadas nas atividades com base no que planificou vagamente, pois dividiu o grande grupo em

pequenos grupos, atribuindo à auxiliar um dos grupos, para cobrir os tracejados dos números de 1 a 5.

Em todo o caso, houve em algumas atividades interação entre as crianças, assim como entre as crianças e as educadoras e em consequência disso conseguiu-se atingir em partes os objetivos definidos. Salienta-se o papel da educadora auxiliar que foi adequado e conseguiu com a sua acalmia direcionou as crianças para se focalizarem nas atividades, notando-se que o seu grupo de crianças conseguiram atingir os objetivos mais adequadamente do que o pequeno grupo da Educadora E2. Com isso, avançou-se com as reflexões.

A educadora E2 tem domínio dos conteúdos e é muito experiente, flexível, comunica adequadamente, valoriza e estimula as crianças.

Com o objetivo de refletirmos acerca desta OPP, notamos que existem alguns aspetos positivos e outros que podem ser melhorados. Ou seja, os aspetos positivos; a educadora é organizada, comunica adequadamente, demonstra ser dinâmica, competente, respeita as crianças, valoriza e estimula o esforço das crianças e é amável. Aspetos a melhorar; descrição do plano na sua íntegra, principalmente definição das competências/objetivos, tempo e avaliação e saber lidar com aspetos sociais e em contextos diferentes, ou seja, que os problemas sociais em casa ou onde for não podem e nem devem afetar ou abalar o trabalho profissional.

A educadora E2 conseguiu refletir, analisando criticamente o seu desempenho dentro da sala e identificou pontos positivos e pontos a melhorar. Assim como também identificou estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que devem melhorar. Estes consistem na descrição íntegra dos componentes da planificação respeitando a sequência e saber lidar e superar com os problemas que nos afetam no nosso exercício

profissional. Por fim pedir mais ajuda, principalmente ao inspetor e assim também ao investigador enquanto observador.

2º Ciclo de OPP

A segunda OPP foi realizada no dia 14/02 do corrente ano, numa sexta feira fora da sala de atividade e observação decorreu 1 hora 55 minutos, mas o investigador esteve todo o tempo no JI, na observação da educadora A2. Prosseguiu-se com a descrição do plano diário elaborada pelas educadoras de sala dos 5 aninhos borboletas-pré-escolar. O plano teve como área de conteúdo, expressão e comunicação – domínio psicomotor, atividade ginástica (exercícios físicos, jogos de saltar com pé), e teve como objetivos: - exercitar o corpo e fazer movimentos rítmicos, - desenvolver a coordenação geral ampla, pequeno e grande músculos, e – explorar as possibilidades motoras (saltar, correr, trepar, jogar, etc.). para esta atividade utilizou-se os recursos como: lista de presença, argolas, bonecas e carro.

A educadora fez o acolhimento, levando as crianças como habitual para cantinho de oração, depois organizou as crianças sentados numa roda, para marcação de presença. Começou a motivação com a canção de (bom dia, com alegria, bom dia para você e para mim). De seguida organizou-as numa fila de comboio para saírem para o pátio do JI, quando lá estiverem, explicou como vão fazer os exercícios através da demonstração das educadoras. Depois as crianças foram orientadas a fazerem exercícios: rotação da cabeça, com mão na cintura, da bacia, baixar, levantar, saltar, correr, alongamentos, saltos com um pé, etc....

Depois dos exercícios físicos, a educadora colocou 5 argolas no chão em cada fila, são duas filas, deixando um distanciamento de alguns cm entre as argolas, e colocou uma boneca e um carro dentro de últimas argolas. Organizou as crianças e explicou a regra de jogo, que consiste em seguinte: cada criança que for chamado vai

para a sua fila em função de género, que foi descodificado por objetos, se for uma menina vai para a fila que tem boneca, se for um menino vai para a fila que tem carro. Entretanto, objetivo é saltar com um pé até chegar a última argola e tirar o objeto que lhe identifica, mas antes as educadoras fizeram a demonstração e dividiram as crianças em dois grupos em função do género. As crianças começaram o jogo e saem dois a dois, sucessivamente até ao fim. Para finalizar avaliou a atividade através do processo de observação e registo. E fez algumas perguntas para crianças: Gostaram de atividade? Que parte mais gostaram? E que parte menos gostaram? O Que que aprenderam com esta atividade? Querem que repetimos esta atividade? De seguida avançou-se com as reflexões.

Esta manteve-se com o mesmo ritmo e dinâmica, apresentou a mesma forma de trabalhado na sessão ou atividade anterior. E ainda melhorou bastante sobre os aspetos que deveria ser melhorado, ou seja, na reorganização dos grupos de crianças, na avaliação e na gestão do tempo, aspetos estes que ainda devem ser melhorados. Houve muita interação entre as crianças assim como as educadoras, que permitiu o desenvolvimento das competências e consolidação dos objetivos traçados.

Com o objetivo de refletirmos acerca desta OPP, notamos que existem alguns aspetos positivos e outros que podem ser melhorados. Ou seja, os aspetos positivos; são os mesmos que na primeira observação, sendo que se verificou um outro aspeto muito importante em que ela faz a consolidação da atividade sempre que necessário. Também é positiva a atitude de pedir sugestões de atividades ao observador para desenvolver com as crianças. Aspetos a melhorar; continua ainda a necessidade de organização do grande grupo em pequenos grupos e a necessidade de descrição da avaliação em dois momentos, tal qual descrito na primeira observação.

E ainda a educadora conseguiu fazer reflexão, analisando criticamente o seu desempenho fora da sala. Identificou pontos positivos e pontos a melhorar, assim também como identificou estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que devem melhorar. Estes consistem na reorganização do grande grupo em função das atividades e por fim pesquisar sobre avaliação e sugestões de atividades para os jogos motores, pedindo mais ajuda, principalmente ao inspetor e assim também ao investigador enquanto observador.

A segunda OPP da educadora E2 foi realizada no dia 14/02 do corrente ano, numa sexta feira fora da sala de atividade e observação decorreu 1 hora 50 minutos, mas o investigador esteve todo o tempo no JI. Prossegue-se com a descrição do plano diário elaborada pelas educadoras de sala dos 4 aninhos Joaninhas-jardim. O plano teve como área de conteúdo expressão e comunicação – domínio psicomotor, e a atividade é, Ginástica (exercícios físicos e jogo de malha) e teve como objetivos: -exercitar o corpo; - movimentar o corpo; e -desenvolver grandes e pequenos músculos. Para esta atividade necessita de recursos como: lista de presença, giz e pedaço de malha.

Começou-se com o acolhimento “as motivações” e levou os meninos para o cantinho de oração para a rezarem como habitual, de seguida pediu os meninos que se sentem em roda ou circulo para a marcação de presença. Depois introduziu o tema com a canção de (cabeça, ombros, joelhos e pé), terminando a canção, organizou-os em fila de comboio para saírem para o exterior do JI, assim que chegarem ao pátio ficarão de pé numa roda e a educadora primeiramente explica a partir da demonstração, os exercícios que vão fazendo. Agora vai começar os exercícios, e chamou atenção, meninos mão na cintura, começam: rotação de cabeça, da bacia, baixar, saltar, correr, saltos com dois pés, com pé, etc.

Pediu que os meninos repousem 5 minutos, de seguida organizou-os em dois grupos para o jogo de malha, e pegou no giz e desenhou duas esquadrias de malha para o jogo. Depois fez demonstração do jogo e chama dois meninos e entregou a malha a cada um, para começarem o jogo, ganha o grupo que tiver mais casa ariscadas (bonecos). A atividade foi avaliada através do processo de observação e de registo. Terminando atividade a educadora colocou algumas perguntas aos meninos: Gostaram de atividade? Que parte mais gostaram? E que parte menos gostaram? O Que que aprenderam com esta atividade? Querem que repetimos esta atividade?

Na observação esta apresentou um plano bem descrito, respeitando os componentes da planificação, dinamizando duas atividades distintas. As crianças desta vez estavam muito à vontade com a presença do observador no espaço exterior do jardim e a educadora demonstrava estar animada. A educadora E2 desenvolveu dinâmicas adequadas às atividades com base no que planificou. Ainda houve flexibilidade no plano, isto é, mudou algo que planeou em função da situação. Houve muita interação entre as crianças assim com a educadora. em consequência disto, consegui atingir os objetivos definidos na primeira atividade facilmente. Entretanto, para a segunda atividade, só atingiu os objetivos para um determinado grupo de crianças selecionadas. O resto do grupo, ou seja, outras crianças apenas assistiram o restante grupo que estava a realizar atividade com a educadora E2, enquanto tinham atividades livres. Esclarece-se que a sala é composta por 33 crianças, por duas educadoras, mas acontece que a educadora auxiliar veio muito doente insistindo em trabalhar e trabalhou nas primeiras atividades. Mas por fim no segundo momento das atividades acabou por desistir por força maior. E a educadora principal acabou por assumir a turma na integra e reajustou o plano- atividade de jogo de malha que era pensado na divisão de grande grupo em dois grupos. Cada educadora trabalha e reorganiza em pequenos grupos ou em

grupos de pares, fato que acabou por não acontecer, devido as razões mencionadas anteriormente. A educadora E2 tem domínio dos conteúdos, é flexível com a capacidade de adaptar-se ao contexto facilmente. Ela comportou-se adequadamente, comunicando efetivamente, valorizando e estimulando as crianças.

Com o objetivo de refletirmos acerca desta OPP, notamos que existem alguns aspetos positivos e outros que podem ser melhorados. Ou seja, os aspetos positivos; são os mesmos pontos descritos na primeira observação, e ainda se verificou um outro aspeto, ou seja, a flexibilidade de adaptação. Aspetos a melhorar; necessidade da organização de grande grupo em pequenos grupos. A avaliação e a sua descrição em dois momentos. Organização do espaço para atividade, pois apesar de o espaço em que ocorreu a atividade ser muito restrito, a Educadora E2 podia permutar com uma das outras salas em função da atividade, isto é, se as atividades que as outras salas estão a desenvolver não precisam do espaço maior, ela podia utilizar este espaço mais amplo.

A educadora conseguiu fazer reflexão, analisando criticamente o seu desempenho fora da sala. Identificou pontos positivos e pontos a melhorar, assim como também identificou estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que devem melhorar. Estes pontos consistem na reorganização do grande grupo em pequenos grupos em função das atividades, organização do espaço, pedir ajuda aos colegas sobre avaliação e por fim pedir mais ajuda, principalmente ao inspetor e assim também ao investigador enquanto observador.

Concluimos, ao analisar os dois momentos de observação, que as crianças se sentem mais à vontade fora da sala, isto é, no exterior, e desenvolvem mais competências ainda de que qualquer atividade realizada dentro da sala. E quanto o processo de supervisão, conclui-se inexistente, que há escassez no apoio aos educadores nas suas atividades profissionais, o inspetor- aparece poucas vezes no jardim para os

auxiliarem. Fato que dificulta muito o trabalho. Mas vê-se que, a partir das dinâmicas que se desenvolvem, esforço e vontade dos educadores de se superarem e se tiveram o apoio do inspetor ou demais entidades que trabalham neste campo, principalmente na área de supervisão, contribui-se muito nas suas práticas profissionais. Isto vai consubstanciando nas aprendizagens das crianças. E com a supervisão/observação utilizada neste jardim, desde o princípio até fim da investigação deste Trabalho de Projeto, demonstra-se que as educadoras estão interessadas e querem aprender mais, porque gostam do trabalho que fazem. Para finalizar com a observação feita e sugestões dadas verificou-se uma pequena mudança nas suas práticas profissionais, fato que se constatou varias vezes nas presenças do observador.

Entretanto, através da análise dos registos das aulas observadas concluímos que uma das tarefas inerentes à observação de aulas é o registo escrito. Verificamos que na primeira observação de aulas, as planificações apresentadas pelas educadoras divergem muito, em termos dos registos ou descrição dos componentes de planificação e da metodologia. Na segunda observação a situação já é o contrário, verificou um equilíbrio nas planificações.

Fichas de supervisão da prática pedagógica das aulas observadas

Foram associadas, numa só ficha, dois registos em que se preencheu as escalas para as participantes entrevistadas no momento de reflexão ou conferência, sobre aula/atividades ministradas, por forma a ajudar a leitura comparativa. Os documentos de sistematização para análise constituem as fichas de observação. A colheita e análise destes registos une-se com o objetivo de compreender melhor os comportamentos e estratégias de observação dos atos pedagógicos, neste contexto do ensino, bem como os conhecimentos e aprendizagens profissionais daí aprendidos.

A presente grelha enquadra-se no desenvolvimento do projeto para o mestrado que tem como tema: Supervisão da Prática Pedagógica de Educadores no Jardim de Infância, faixa etária (3-5) e (5-6) anos, com foco na organização do ambiente educativo, as planificações e as rotinas diárias, pretende acompanhar o ciclo de supervisão, enquanto investigador observador, as educadoras, e é composta por 3 partes: I. Planificação; II. Observação; III. Pós-observação. O momento de Pré-observação dá-se o acompanhamento ao educador, mas a sua observação assume carácter qualitativo, sem avaliação. Na parte I e II, correspondente à avaliação da Planificação e à observação, o supervisor enquanto investigador observador deve preencher todos os campos de todas as alíneas com um X (respeitando a escala de 1 a 5), mas aqui nos resultados observados, vamos preencher com código das educadoras à escala correspondente. Deve, ainda, recolher notas que considere pertinentes para orientar o momento de reflexão (Parte III – Pós-observação). A observação deve ter a duração de 2h.

Na parte III, que corresponde à Pós-observação, o supervisor enquanto investigador observador deve orientar a reflexão-ação com as educadoras e registar a observação deste momento. A Pós-observação deve ter a duração média de 30m.

Descrição de ficha de 1º ciclo de observação

Agora vamos fazer análise comparativa das educadoras, em termo das fichas, para permitir tirar ilações, assim começamos com análise da ficha da 1ª observação de 11/02/2020.

São itens que foram observados e preenchidos com respetivas escalas; são o que se seguem e estão distinguidos em 3 momentos:

Planificação:

- A planificação identifica com coerência as componentes essenciais (objetivos, tempo, recursos, etc.); a educadora A2, teve uma avaliação máxima de 5 valores, ao passo que E2 teve uma avaliação bom de 4 valores.

- A planificação tem em conta os interesses e o nível de desenvolvimento das crianças; a educadora A2, teve uma avaliação muito bom de 5 valores, ao passo que E2 teve uma avaliação bom de 4 valores.

- As atividades propostas são adequadas ao grupo de crianças em termos de recursos e organização do tempo e do espaço; a educadora A2, teve uma avaliação bom de 4 valores, ao passo que E2 teve uma avaliação máxima de 5 valores.

Assim, concluímos que a educadora A2 está mais à vontade em relação a E2 neste componente, ou seja, A2 é melhor que E2.

Observação

A observação se focou em 4 dimensões:

Planificação

- Implementa as atividades de acordo com o planificado; ambas as educadoras, tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

- Gere o tempo de forma adequada, valorizando as necessidades de crianças; a educadora E2, teve uma avaliação muito bom de 5 valores, ao passo que A2 teve uma avaliação bom de 4 valores.

- É flexível e capaz de reajustar a ação em função das necessidades da criança e do contexto, ambas educadoras, tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

Entretanto, concluímos que a educadora E2 está um pouco mais em vantagem, em relação a A2 neste componente, ou seja, E2 é melhor que A2.

Domínio dos Conteúdos

- Domina os conteúdos a abordar; ambas educadoras tiveram, uma avaliação boa de 4 valores.

- Na abordagem dos conteúdos promove a experimentação, atividades práticas, apresentação de exemplos, etc...; a educadora A2, teve uma avaliação muito bom de 5 valores, ao passo que E2 teve uma avaliação bom de 4 valores.

- Coloca questões e dá exemplos que encorajam as crianças a pensar e a resolver problemas, ambas educadoras tiveram, uma avaliação máxima de 5 valores.

Portanto, concluímos que a educadora A2 está um pouco mais em vantagem, em relação a E2 neste componente, ou seja, A2 é melhor que E2.

Comunicação

- Comunica com as crianças de forma clara, objetiva, com volume suficiente e velocidade adequada; ambas educadoras tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

- Domina a língua portuguesa; ambas educadoras tiveram uma avaliação bom de 4 valores.

- Comunica na língua materna introduzindo progressivamente a língua portuguesa; ambas educadoras tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

- Usa de forma funcional os materiais de apoio (quadro, imagens, mapas, calendário, etc.); ambas educadoras tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

- Circula pela sala e comunica com as crianças através da linguagem verbal e não-verbal (contacto visual, gestos, etc.); ambas educadoras tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

Assim sendo, concluímos, que ambas educadoras, estão adequadamente à vontade neste componente.

Relação Educadora – Criança

- Cria um ambiente positivo e facilitador de aprendizagens; ambas educadoras tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

- Estimula e valoriza a participação das crianças; a educadora A2, teve uma avaliação muito bom de 5 valores, ao passo que E2 teve uma avaliação bom de 4 valores.

- Reforça e valoriza no momento certo o desempenho das crianças; ambas educadoras tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

- Mostra sensibilidade e mobiliza esforços quanto aos cuidados de higiene/saúde/alimentação e/ou negligência ou maus-tratos; ambas educadoras tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

Posto isso, concluímos, que a A2, está em ligeira vantagem em relação a E2, mas num componente muito importante, que é estimular e valorizar a participação das crianças.

Pós-Observação**Reflexão**

- Analisa criticamente o seu desempenho; a educadora A2, teve uma avaliação muito bom de 5 valores, ao passo que E2 teve uma avaliação bom de 4 valores.

- Identifica e refere pontos positivos; a educadora A2, teve uma avaliação máxima de 5 valores, ao passo que E2 teve uma avaliação bom de 4 valores.

- Identifica e refere pontos a melhorar; a educadora A2, teve uma avaliação muito bom de 5 valores, ao passo que E2 teve uma avaliação bom de 4 valores.

- Identifica estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que deve melhorar; ambas educadoras tiveram uma avaliação bom de 4 valores.

Assim, concluímos que, a A2 está mais à vontade em relação a E2, ou seja, há grande diferença entre elas, neste componente.

Descrição de ficha de 2º ciclo de observação

Agora vamos finalizar com análise da ficha da 2ª observação de 14/02/2020.

Planificação

- A planificação identifica com coerência as componentes essenciais (objetivos, tempo, recursos, etc.); ambas as educadoras, tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

- A planificação tem em conta os interesses e o nível de desenvolvimento das crianças; ambas as educadoras, tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

- As atividades propostas são adequadas ao grupo de crianças em termos de recursos e organização do tempo e do espaço; a educadora A2, teve uma avaliação máxima de 5 valores, ao passo que E2 teve uma avaliação bom de 4 valores.

Assim, concluímos que a educadora A2 está um pouco mais à vontade em relação a E2 neste componente, ou seja, A2 é melhor que E2.

Observação

Implementação da Planificação

- Implementa as atividades de acordo com o planificado; ambas as educadoras, tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

- Gere o tempo de forma adequada, valorizando as necessidades de crianças; ambas as educadoras, tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

- É flexível e capaz de reajustar a ação em função das necessidades da criança e do contexto, ambas educadoras, tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

Entretanto, concluímos que ambas as educadoras se sintam à vontade neste componente ou item.

Domínio dos Conteúdos

- Domina os conteúdos a abordar; ambas educadoras tiveram, uma avaliação boa de 4 valores.

- Na abordagem dos conteúdos promove a experimentação, atividades práticas, apresentação de exemplos, etc...; ambas as educadoras, tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

- Coloca questões e dá exemplos que encorajam as crianças a pensar e a resolver problemas, ambas educadoras tiveram, uma avaliação muito boa de 5 valores.

Portanto, concluímos que ambas as educadoras estão adequadamente à vontade com esse domínio.

Comunicação

- Comunica com as crianças de forma clara, objetiva, com volume suficiente e velocidade adequada; ambas educadoras tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

- Domina a língua portuguesa; ambas educadoras tiveram uma avaliação bom de 4 valores.

- Comunica na língua materna introduzindo progressivamente a língua portuguesa; ambas educadoras tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

- Usa de forma funcional os materiais de apoio (quadro, imagens, mapas, calendário, etc.); ambas educadoras tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

- Circula pela sala e comunica com as crianças através da linguagem verbal e não-verbal (contacto visual, gestos, etc.); ambas educadoras tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

Assim sendo, concluímos, que ambas educadoras, estão adequadamente à vontade neste componente.

Relação Educadora – Criança

- Cria um ambiente positivo e facilitador de aprendizagens; ambas educadoras tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

- Estimula e valoriza a participação das crianças; ambas educadoras tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

- Reforça e valoriza no momento certo o desempenho das crianças; ambas educadoras tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

- Mostra sensibilidade e mobiliza esforços quanto aos cuidados de higiene/saúde/alimentação e/ou negligência ou maus-tratos; ambas educadoras tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

Posto isso, concluímos, que ambas educadoras têm o mesmo desempenho neste componente.

Pós-Observação

Reflexão

- Analisa criticamente o seu desempenho; ambas educadoras tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

- Identifica e refere pontos positivos; ambas educadoras tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

- Identifica e refere pontos a melhorar; ambas educadoras tiveram uma avaliação máxima de 5 valores.

- Identifica estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que deve melhorar; ambas educadoras tiveram uma avaliação muito bom de 5 valores.

Assim, concluímos que, neste componente também ambas as educadoras, estão livres e à vontade em relação a esse componente.

Como reflexão ou comentário final, as educadoras registam uma boa referencia na implementação das atividades (cumpri o plano, correu bem, aulas foram boas, etc...) e, conseguem refletir sobre aspetos a melhorar. E ainda fazendo uma comparação entre elas, vê-se que todas elas têm uma experiência invejável, mas a educadora A2, sente-se mais confortável em termos de elaboração do plano e principalmente na sua descrição e implementação, ao passo que a educadora E2, tem essas competências, mas falta-lha o desenvolvimento de alguns exercícios ou dinâmicas que vai facilitando-a no melhoramento de alguns componentes da planificação.

Conclusões

Neste capítulo apresentamos as conclusões que o presente Trabalho de Projeto atingiu, recordando que o estudo teve como a finalidade entender, com base nos fundamentos educacionais, o fenómeno da “Supervisão da Prática Pedagógica de Educadores no Jardim de Infância, faixa etária 3/5 e 5/6 anos, com foco na Supervisão de Organização do Ambiente Educativo, as Planificações e as Rotinas”, conhecer as dificuldades pedagógicas dos educadores e analisar as práticas de supervisão existente no Jardim de Infância. Começamos com o primeiro objetivo traçado apresentando os remates que se seguem.

Diante disto, concluímos, independentemente dos aspetos a melhorar, que o Jardim de Infância está adequadamente organizado na definição das suas rotinas, assim também como na organização do ambiente educativo. Entretanto, as maiores dificuldades apresentadas residem na planificação. As educadoras, na sua maioria, não conhecem modelos ou componentes da planificação. Por outro lado, têm dificuldades na articulação do plano curricular, junto do plano anual, para a descrição do plano de atividades para as crianças. Por outras palavras, a maioria das educadoras não consegue fazer a ligação entre o plano curricular e o plano anual para a planificação, ou seja, a exploração dos temas/conteúdos, objetivos e consequentemente a descrição dos mesmos. O conhecimento específico da docência e a complexidade do conhecimento científico necessário, sobretudo no âmbito da literatura, pronuncia-se sobre as tarefas de planificação, verificando que esta é uma das dificuldades habituais das educadoras. Por outro lado, ainda, conta a necessidade das educadoras trabalharem as técnicas e formas básicas de planificação do ensino e aprendizagem. Enfatizando a importância de interligar as estratégias e técnicas de ensino. Assim revelam dificuldades na planificação e organização do ensino e da aprendizagem.

Questionadas acerca de como podem solucionar as dificuldades de organização do ensino e da aprendizagem, numa conversa de reflexão, as participantes A1 e A2, referiram a necessidade da prática da elaboração de planificações, uma vez que o trabalho que as educadoras desenvolvem no jardim, relativo à organização do ensino e da aprendizagem, é pouco significativo. Portanto, recordamos que o desenvolvimento das boas práticas educativas na educação infância e das atividades desenvolvidas de forma lúdica promovem o ensino de qualidade (Fernandes et al., 2018). Portanto é necessário fazer exercícios da prática pedagógica com as educadoras no contexto do jardim, dando a oportunidade, assim, de uma aprendizagem contínua destas.

No âmbito da orientação e supervisão das tarefas da organização do ensino e aprendizagem (ou seja, planificação), a educadora A2, com mais experiência na planificação do que as demais educadoras, faz referência ao trabalho que desenvolve junto das crianças, à análise de todos os instrumentos e documentos de apoios da execução das aulas, planificações e materiais das demais educadoras.

Evidentemente que, enquanto educadora mais experiente, trabalha com as demais educadoras também a planificação, os planos curriculares, enfim toda a documentação, todos os recursos, nas palavras da participante A2: “... e no fim, faço sempre reuniões no sentido de refletirmos em conjunto sobre aquilo que ministrei, do ponto de vista quer da planificação, quer das opções metodológicas e enfim dos recursos didáticos que foram delineados para aquelas aulas para eles perceberem, no fundo, que cada acontecimento está previsto e tem a ver com um planeamento prévio, um planeamento que se quer flexível. Mas essas reuniões acontecem raramente, e nem todos aceitam as sugestões por motivo das nossas particularidades.” E ainda afirma que a diretora e a secretária do jardim observam todos planos antes de serem executados e fazem as correções possíveis, porque não dá para fazer grandes correções devido ao

tempo. Este fato reforça a ideia dos autores Isabel Alarcão e José Tavares (2003), que definem a supervisão de professores como o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.

Depreende-se desta noção que a supervisão tem lugar num tempo continuado, pois só assim se justifica a sua definição como processo. Nesta linha de pensamento, a diretora (participante A1) solicita à educadora (participante A2) como profissional mais experiente para dar os apoios necessários aos colegas no que se refere à descrição do plano, dinâmicas de organização e de construção dos materiais pedagógicos, entre outros. Mas esses apoios nem sempre têm sucesso, “pelas nossas particularidades ‘o orgulho’, esses apoios ainda que se referem só têm sucesso quando o inspetor está presente no jardim, ali todo o mundo participa de forma integrante, o trabalho é produtivo” (A2).

Nota-se a presença do inspetor da IGE (participante A3) de forma pouco significativa, pois acumula muitos jardins de infância na área geográfica que lhe é atribuída (SAB – Sector Autónomo de Bissau, sector que reúne um dos maiores números de jardins de infância na Guiné-Bissau). Consideramos esta intervenção quase insignificante em função da demanda dos educadores em todo o SAB, que tanto precisam desta presença para terem apoio pedagógico, não só no jardim de infância que investigamos, mas em todo o seu contexto de inspeção.

No que foi constatado, o trabalho de investigação realizado mostra que os participantes estão preocupados em melhorar as suas atividades profissionais, e mostram-se disponíveis a participar nas formações, seminários, palestras, etc... relacionados com a prática profissional, de forma a melhorar as práticas pedagógicas, para responder às necessidades das crianças. Na mesma lógica a diretora (A1), também

tem a preocupação de promover ensino de qualidade para com as crianças, mas realçando que isso, só será possível, se os educadores estiverem bem preparados pedagogicamente e que o jardim tenha uma boa política de saneamento básico de higiene, saúde e uma alimentação adequada ou equilibrada, como sugerem autores como Katz (2006), Oliveira-Formosinho (2008) e Oliveira-Formosinho, Kishimoto e Azevedo (2002) que confirmam que cuidados e apoios recebidos por uma criança em termos de boa saúde, nutrição, cuidados psicossociais e proteção são cruciais na formação e desenvolvimento da inteligência, personalidade e comportamento social, isso é, as três grandes dimensões físico, cognitivo e psicossocial.

Para finalizar as conclusões acerca do primeiro objetivo, afirmamos que no jardim de infância e pré-escolar, fazer e saber planificar são competências inerentes aos educadores. Segundo Meirinho (2012), a realidade do sistema educativo, os saberes evidenciados pelas crianças e as necessidades educativas por elas exigidas invocam práticas educativas de qualidade, fato que no nosso contexto guineense ainda é precário e que de forma parcial está ainda em construção. Além disto, ter condições básicas de saúde, higiene e alimentação equilibrada, são “pulmão e coração” que assegura a educação de qualidade. Por outras palavras, permitem às crianças estarem bem preparadas para entrarem no primeiro ano de primeiro ciclo (1ª classe).

Considerando o segundo objetivo: “Conhecer as dificuldades pedagógicas dos Educadores”. Este integra-se nas questões relativas ao saber e exercício profissional e sua natureza. Sobre isto, concluímos que os participantes da investigação consideram importante o desenvolvimento de um conhecimento profissional de natureza tridimensional, que se estende nas dimensões: teórico, prático e teórico-prático. Como descrevemos nas conclusões do primeiro objetivo o desenvolvimento de competências da prática pedagógica são elementos imprescindíveis para a prática de qualidade.

Servem também para este segundo objetivo, mostrando que as educadoras necessitam muito dos apoios, principalmente do inspetor da IGE (participante A3) colocado no jardim, que também não consegue cobrir todo Setor Autónomo de Bissau, pelos motivos descritos acima. Motivos esses pelos quais aparece poucas vezes no jardim ou às vezes pode até não aparecer durante o ano letivo.

Portanto, como se vê, a pertinência da supervisão no contexto da prática pedagógica, no pensamento de Meirinho (2012), define a supervisão como um requisito fundamental para a construção da qualidade das experiências educativas proporcionadas às crianças em educação de infância. Nesta mesma ideia, fundamenta-se a supervisão como um processo. Neste seria bom que os atores do processo de ensino e aprendizagem, principalmente o inspetor, que está ligado ao jardim, tenham em considerações as observações das aulas como estratégia para o acompanhamento das educadoras e a promoção do desenvolvimento profissional. Entretanto, quanto maior for o número de visitas de acompanhamento ou seguimentos no jardim, maior será a dinâmica na mudança das práticas educativas e consequentemente maior a promoção de competência nas crianças.

As educadoras na realidade precisam de ter noções de conteúdos normativos-teóricos, isto é, conhecer documentos legislativos e orientadores, por exemplo o plano curricular, ou seja, a orientação curricular, o Guia de Critérios Mínimos para Funcionamento dos Jardins de Infância, entre outros; ter domínio técnico da função de educador através do desenvolvimento das dinâmicas, práticas, para que no fim associem o teórico ao prático (teórico-prático).

O conceito de qualidade, como referido por Cindy Mutschen Carvalho e Gabriela Portugal (2017), é complexo e está no centro de muitos debates na área da educação, em geral, e na educação de infância, em particular, existindo muitas

perspetivas diferentes sobre o que é e como deve ser medida a qualidade. Deste modo concluímos que, saber avaliar constitui-se como basilar para a qualidade, fundamentado que o processo de supervisão pretende acompanhar e apoiar os docentes nas suas práticas profissionais.

Para terminar, na nossa realidade guineense e mais especificamente na realidade do jardim que foi estudado, as educadoras são dinâmicas e têm vontade e força para superar as dificuldades, isto é, esforçam-se para além do exigido, o que falta é o acompanhamento ou a supervisão. O país carece de supervisores pedagógicos para os diferentes níveis de escolaridade.

Já em relação ao terceiro objetivo, ou seja, “Analisar as práticas de supervisão existente no Jardim da Infância”, verifica-se que as referências ao saber necessário ao exercício da docência, de um modo geral, estão próximas daquelas que os orientadores dão, neste caso da diretora pedagógica, inspetor e até às educadoras mais experientes, de novo retomamos as ideias dos autores Isabel Alarcão e José Tavares (2003) que afirmam as educadoras com mais experiência orientam as com menos experiência. O jardim é o lugar onde se desenvolve a componente humana do ensino/aprendizagem e o papel dos educadores deve ser o de levar as crianças a viver a vida do jardim.

A supervisão, enquanto hipótese de reflexão sobre a experiência do dia a dia e estudo de fatos observados, manifesta-se no progresso de capacidades para lidar com as várias solicitações e sensibilizar os educadores para falhas, lacunas e problemas; indicar percursos e decisões de forma objetiva-prudente, usando o diálogo positivo, como fonte de soluções. Compreende igualmente em ajudar a mobilizar saberes teóricos indispensáveis para o exercício da prática letiva; em partilhar conhecimentos e comprometimentos; aprender no relacionamento com os outros; e aumentar aptidões pessoais de flexibilidade.

Também a partir das observações e do acompanhamento que foi realizado se pode concluir que a supervisão promove o persistente questionamento sobre o saber inerente à docência sobre as práticas (enquanto maneira de fazer) que dele resultam. Desta forma, o orientador constrói saberes novos, mas também a partir dos instrumentos normativos e teóricos de obtenção do conhecimento profissional. Este nível do conhecimento é básico para regulamentação da prática pedagógica individual e para a regulamentação dos caminhos de educação que supervisiona.

Concluimos que os participantes no nosso estudo valorizam a observação de aulas e a supervisão dá-lhes hipótese de concretizarem essa observação. E ainda pedem mais participação na escola do inspetor da IGE (participante A3) para poderem contribuir, para o avanço do sistema educativo.

Considerações finais

O envolvimento dos participantes deste Trabalho de Projeto no jardim teve o objetivo principal de os levar a experienciar a complexidade da prática letiva, sobretudo das aulas-atividades e do contacto com as crianças. Todos os intervenientes no estudo defendem o espaço aula/jardim como um sítio privilegiado de aprendizagem da profissão, em relação às capacidades e competências pedagógicas, didáticas, relacionais e sobre o ambiente de entreajuda que se vive no jardim.

Em suma, o jardim é lugar onde se desenvolve a componente humana do ensino/aprendizagem e o papel dos orientadores deve ser o de levar os meninos/crianças (em crioulo: *prentchents*) a “viver a vida do jardim”.

Sobre o trabalho realizado junto dos participantes da investigação, a descrição que fazemos destes participantes leva-nos a concluir que apresenta as seguintes fases abaixo descriminadas acerca do trabalho de supervisão:

1ª Fase- Conhecer o contexto cultural socioeconómico específicos das crianças com quem trabalharão.

2ª Fase- Conhecer o Programa das áreas curriculares e outros documentos orientadores do ensino e da aprendizagem, desde o Projeto Educativo, o Regulamento Interno do Jardim, entre outros. Além de os conhecer, a tarefa mais difícil identificada no presente estudo é a de planificar de acordo com esses documentos orientadores. As educadoras no jardim estudado carecem de orientação com vista à implementação dos referidos programas, numa perspetiva prática.

3ª Fase-Trabalhar/rever a noção de currículo. Aqui reside a dificuldade que as educadoras participantes encontram em explicitar objetivos de aula ou estabelecer processos de operacionalização e de avaliação das aprendizagens.

4ª Fase- Verificação do conhecimento por meios de reflexão e, em consequência, a eventual necessidade de aplicar mecanismos compensatórios. Se tal não se verificar, a sua tarefa será achar formas de equilibrar essas lacunas.

5ª Fase- Planificação e reformulação em função da análise realizada. Todos os participantes foram unânimes na opinião de que a planificação deve ser realizada em grande grupo e com a participação do inspetor da IGE (participante A3). Além disto os participantes são também unânimes em considerar as observações das atividades uma prática importante na supervisão. Sendo assim, após análise e reflexão conjunta entre os educadores, a planificação poderá ser reformulada, também de acordo com estas observações, que são geradas na troca de ideias entre os envolvidos (educadores, professores, direção, inspetor da IGE, etc...).

6ª Fase- Observação de aulas entre as educadoras, uma prática rara no jardim estudado, pois acontece poucas vezes. Estas aulas, quando são observadas, são igualmente objeto

de reflexão, cujas conclusões e aprendizagens devem contribuir para a melhoria das aulas seguintes a lecionar. Entretanto, ficou acordado entre os participantes do presente estudo que, independentemente da observação das atividades realizadas pelo inspetor, também as educadoras passarão a desenvolver atividade de observação entre si, sempre que se justificar. Assim poderão fazer uma análise exaustiva e contribuir nas futuras planificações.

Concluímos, igualmente, que os intervenientes valorizam a observação de aulas e a supervisão dá-lhes a possibilidade de aceitarem e realizarem essa observação a que foram submetidos. Consideram “a aula” como palco da educadora, ou seja, como o alicerce da atividade docente, e a observação das aulas com a subsequente análise e feedback da prática observada. Os intervenientes consideram ainda esta a principal estratégia de supervisão, uma vez que permite abrir as portas da sala, acedendo à “observação de atividades”, a toda a informação que é possível recolher sobre a aprendizagem e às crianças. Tudo isto com vista à melhoria dos processos, contribuindo, em última análise, para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem da docência.

Conclui-se ainda que a supervisão no contexto de educação de infância, mais precisamente acerca do jardim de infância estudado:

- a) Confirma e atualiza a importância da sala de aula e da reflexão sobre a prática pedagógica como espaços de ensino e de aprendizagem da profissão em contexto.
- b) Estabelece um processo colaborativo, recíproco, potenciador da construção do conhecimento diversos.
- c) Promove a (re)construção do conhecimento necessário ao exercício da docência através de mecanismos de observação, de reflexão, de autovigilância e de autoavaliação.

- d) Configura um novo papel do inspetor da IGE - constitui-se como recurso ele mesmo para, através da observação e reflexão, refletir e reformular o conhecimento prático e estratégico e para desenvolver instrumentos cognitivos de edificação do conhecimento profissional
- e) Representa uma oportunidade para refletir sobre os atos pedagógicos estabelecendo-se uma dinâmica de entreajuda no ensino e de aprendizagem profissional docente.

Limitação do estudo

Entre as limitações observadas pode-se salientar que a presença apenas pontual do inspetor da IGE (participante A3) foi limitadora pois dificultou a recolha de dados acerca da sua intervenção e da aprendizagem das educadoras. Além desta, outra limitação observada refere-se ao acesso às fontes científicas para a fundamentação do presente trabalho. O estudo foi desenvolvido na Guiné-Bissau e quase não há bibliotecas no país, as poucas que existem tem um acervo limitado e bastante antigo. Outra limitação está no acesso à internet que no país é extramente cara e pouco funcional. E, talvez a maior limitação, é ter concluído o presente estudo durante a pandemia de Covid-19, que limitou a circulação dificultando assim o desenvolvimento mais precoce do presente estudo.

Por fim, vale referir as limitações inerentes à metodologia usada nesta investigação, ou seja, trata-se de um estudo realizado apenas numa instituição particular muito singular, não representativa da realidade guineense, bem como o número reduzido de participantes que foram entrevistados.

Linhas de investigação futuras

O presente estudo sugere que há outras possibilidades de investigação no Jardim de Infância. Pode-se investigar a Gestão Escolar, a Gestão de Equipas, o processo de ensino e aprendizagem, higiene e segurança no trabalho e as consequências da nutrição no desenvolvimento infantil, e por fim poder-se-ia também estudar a psicologia do desenvolvimento de criança e o envolvimento parental.

Para além disso pode-se sugerir a realização de estudos semelhantes noutro tipo de instituições, tais como escolas, universidades, centros de formação, ou até mesmo em centros de acolhimento (que na Guiné-Bissau acolhem crianças abandonadas e oferecem além de abrigo atividades e ensino pré-escolar) entre outras instituições de educação. Também se sugere que hajam novas investigações em outras regiões da Guiné-Bissau, pois como têm realidades muito diferentes, também podem demonstrar resultados distintos. Por fim, poder-se-iam realizar outras investigações com o mesmo objetivo, mas utilizando metodologias distintas daquela utilizada na presente investigação. Ou seja, poder-se-ia utilizar métodos quantitativos que reforçariam a hipótese de generalização dos resultados.

Apresentação de uma proposta de melhoria da situação encontrada – Projeto de melhoria

Tendo como base as conclusões do estudo aponta-se um plano de melhoria tendo em conta os recursos materiais e humanos existentes na realidade analisada.

Com base na análise do Trabalho de Projeto que feito ao longo do desenvolvimento deste estudo, e que permitiu inteirar-nos da realidade do jardim em termos de supervisão e orientação da prática pedagógica, concretamente nas componentes de ambiente educativo, planificação e rotinas, permitiu-nos chegar a algumas conclusões que se seguem.

Dificuldades na interpretação do plano curricular; na planificação e na falta de conhecimento dos componentes da planificação, para o efeito de descrição do que é necessário; na organização e reorganização do grande grupo em pequenos grupos; insuficiência ou frequência da presença do inspetor da IGE no jardim para o apoio técnico e pedagógico e demais apoios; e falta de colaboração, ou seja, envolvimento parental dos pais encarregados da educação na íntegra, na aprendizagem dos seus filhos, com vista a permitir uma relação de aproximação entre os pais e as educadoras no que se refere aos comportamentos e evolução de aprendizagens, são dificuldades que as educadoras vivenciam no seu dia-a-dia e que não contribuem no crescimento profissional e que de forma direta influenciam na aprendizagem das crianças.

Recomendações:

Inspetor da IGE

Como é sabido, os inspetores na área do jardim e pré-escolar a nível do país são 14 e temos 11 regiões educativas com grande concentração das redes de acolhimentos e jardins. Entretanto, o Ministério da Educação Nacional e Ensino Superior através da Inspeção Geral da Educação, reafectou um inspetor por região e três inspetores no serviço central, fato que complica muitas vezes a cobertura total do país nos termos de apoio técnico administrativo e pedagógico. E para tal os inspetores de outros níveis apoiam os jardins, mas de forma limitada.

Para o inspetor tendo a importância do supervisor pedagógico para o sistema reside no facto que é o supervisor que assegura a qualidade do sistema educativo mediante o seu trabalho de supervisão diário com os educadores. a supervisão contribui para a melhoria e eficácia do sistema educativo. Aliás, é esse um dos objetivos primordiais da supervisão de qualquer que seja atividade educativa.

Para tal, sugerimos ao inspetor redobrar o esforço e estar presente mais vezes no jardim e criar um plano de disseminação dos conteúdos: plano curricular, planificações, organização dos grupos e das rotinas etc... e ainda insistir nas reuniões de conselho diretivo do ministério sobre as tomadas de decisões ao nível superior ligadas às recomendações dos inspetores.

Entretanto, os inspetores hoje são vistos como colaboradores e não como policiais, apesar que fazem tarefas de inspeção na integra – fiscalização, instaurar processos disciplinares, entre outras.

Por último, através do Ministério da Educação Nacional, melhorar a formação dos inspetores enquanto supervisores pedagógicos, e não simplesmente fiscalizadores, criar condições para que esses supervisores pedagógicos possam superar-se em matéria de supervisão podendo estar à altura de ter uma visão além daquela que tem o supervisionado, podendo assim, contribuir para a melhoria dos serviços da docência e para a qualidade do sistema no seu todo.

Pais Encarregados de Educação

No contexto guineense, muitos pais não dão importância à rede escolar de jardim de infância, alegando que o jardim é um espaço para brincadeiras sem resultados; outros pais, pensam de forma diferente, que é um espaço que permite a sua tranquilidade, porque se os filhos estiveram durante 8 horas no jardim é maior o conforto dos pais. Nesta situação percebemos que não se preocupam com a aprendizagem, preocupam-se mais com a tranquilidade, por via de afastamento dos seus filhos. Isto porque, os pais e encarregados de educação estão distantes dos processos que os envolvem na vida do jardim e do que os seus educandos lá fazem.

Por isso, devem ser encorajados e mobilizados para inverter esta tendência através da promoção e intensificação de reuniões e/ou encontros de sensibilização visando minimizar, senão mesmo, acabar com este flagelo - o distanciamento. Também se devem desenvolver estratégias visando inverter a percepção que muitos pais e encarregados de educação têm de si mesmos face aos estudos, nomeadamente pouca e/ou nenhuma esperança quanto ao futuro que os estudos poderão vir a proporcionar aos seus educandos

E ainda, reforçar junto dos pais e encarregados de educação a sensibilização levada a cabo pela UNICEF em parceria com o Ministério da Educação, a chamada campanha 6/6, que significa que as crianças aos 6 anos devem começar a escola. “(...) Estou na idade certa! Faço 6 anos e completo o 6º ano!”. Com esta sensibilização pode-se reduzir de forma segura a entrada tardia das crianças nos jardins. – Não concordo, esta campanha não orienta para o acesso à educação pré-escolar, mas sim para o início no ensino fundamental

Diretora e Educadores

Contratar as pessoas com conhecimento na área para apoiar o inspetor da IGE que tem na sua alçada inúmeros jardins para apoiar e controlar.

Elaboração de um projeto de formação num horizonte temporal de três anos, para as educadoras e pessoal de secretaria, incorporando as temáticas de planificação e avaliação; organização e reorganização de grupos; organização das rotinas-áreas de interesse de criança; psicologia de desenvolvimento infantil, de 0 aos 6 anos; e GAE - Gestão e Administração Escolar, para poder descentralizar aspetos administrativos. Essas temáticas se bem organizadas e administradas contribuirão para o desenvolvimento profissional docente, das práticas pedagógicas e consequentemente para o processo de aprendizagem das crianças.

Outra sugestão é dar certificados de mérito como incentivo aos pais, ou seja, “Certificados de honra” promovendo competitividade positiva na participação e acompanhamento dos pais na educação dos seus filhos.

Entretanto, sugerimos a criação de condições para que hajam aulas de reforço para as crianças com mais dificuldades, de forma a permitir um equilíbrio e a motivação de todos para que concluam a passagem para o próximo nível de escolaridade.

Podem-se ainda desenvolver estratégias que visam a promoção e diversificação de métodos adaptados de aprendizagem assentes no melhor aproveitamento escolar sobretudo através do jardim, isto é, uma maior motivação das crianças no sentido de prosseguirem os seus estudos até ao final desse ciclo. E, por outro lado, incorporar atividades culturais, no plano anual de atividades, disseminando a sua importância no processo de aprendizagem e o seu impacto no exercício da cidadania.

Criar condições para que as educadoras possam frequentar formação de qualidade oferecida por instituições de qualidade reconhecida e certificada. Por outro lado, que criem comissões de estudo ou grupos de discussão para trocar ideias e experiências. E, por fim, que pratiquem a supervisão entre pares para poderem melhor refletir nas respetivas atividades profissionais.

No que se refere à prática de supervisão, recomendamos que a diretora continue a auxiliar e supervisionar as educadoras com base num plano semanal definido no jardim, isto é, orientar e supervisiona-las com vista a dar os apoios necessários para melhoria das suas práticas pedagógicas.

Ao passo que, sugerimos para as educadoras que tenham um plano de supervisão aos pares, ou seja, entre as educadoras que trabalham na sala de atividades, assim como

com as demais colegas de outras salas de atividades, dando oportunidade de uma partilha mais ampla acerca de boas práticas.

Cronograma de Atividades

Atores envolvidos	Calendarização	Resultados Esperados	Atividades a realizar pelo investigador
Inspetor da IGE	De janeiro a março de 2021	Apoiar e potencializar a prática pedagógica e profissional dos educadores e em consequência nas aprendizagens das competências de crianças.	Sensibilizar o inspetor da IGE para frequentar mais vezes o jardim e dar seminários de capacitação nas temáticas da prática pedagógica.
Diretor/a	De abril a setembro de 2021	Ter um projeto de formação para superação dos educadores; Ter um pessoal que apoia as educadoras nas suas práticas pedagógicas e profissionais; Ter no plano anual atividades culturais, que vai permitindo as crianças conhecer as suas identidades e valores sociais.	Apoiar: na elaboração de projeto de formação; na contratação de pessoal com experiência na supervisão; na incorporação de atividades culturais no plano anual; e na elaboração do plano de semanal de supervisão.
Educadores	De maio a dezembro de 2021	Forte engajamento nas formações, atividades e no acompanhamento dos trabalhos laborais.	Sensibilizar as educadoras para participarem nas formações e nos acompanhamentos dos trabalhos, bem como no apoio à supervisão por pares.
Pais e Encarregados de Educação	De março a dezembro de 2021	Participação ativa nas atividades do jardim e no acompanhamento dos seus filhos ou educandos.	Promover palestras, sensibilizações e atividades de envolvimento parental

Referências Bibliográficas

- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica: uma perspetiva de desenvolvimento e aprendizagem* (2.^a Edição). Coimbra: Almedina.
- Almeida, L. S. & Freire, T. (2017). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (5^o edição). Braga: Psiquilibrios.
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: Editora McGraw-Hill de Portugal, lda.
- Bardin, L. (2018). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70 lda.
- Bassedas, E., Huguet, T. & Solé, I. (1999). *Aprender e ensinar na educação infantil*. São Paulo: Editora Artmed.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação uma introdução à teoria e os métodos*. Porto: Porto Editora, lda.
- Bronfenbrenner, U. (1996) *A ecologia de desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cabral, A. P. L. M. (2010). *Inspeção em educação controlo e/ou supervisão*. Manuscrito não publicado. Departamento de Ciência da Educação da Universidade dos Açores.
- Cavalcanti, M. R. (2018). *A prática profissional do supervisor escolar e os desafios sobre a evasão e o abandono na educação de jovens e adultos em fortaleza*. Manuscrito não publicado. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Carvalho, C. M. & Portugal, G. (2017). *Avaliação em creche: crechendo com qualidade*. Porto: Porto Editora.

DGE (no prelo). *Critérios mínimos para o funcionamento dos serviços pré-escolares*. Bissau: Ministério de Educação Ensino Superior, Juventude, Cultura e Desportos.

Erasmie T. & Lima L.C. (1989). *Investigação e projectos de desenvolvimento em educação*. Braga: Unidade de Educação de Adultos Universidade do Minho.

Estrela, M. T. (2010). *Profissão docente: dimensões afetivas e éticas*. Maia: Bloco Gráfico, Lda.

FEC (2017). *Plano estratégico*. Lisboa: Fundação Fé e Cooperação.

FEC (2017a). *Suporte teórico, módulo 7, plano curricular de grupo*. Bissau: Fundação Fé e Cooperação.

FEC (2019). *Caraterização do pré-escolar na Guiné-Bissau: levantamento Nacional volume I*. Bissau: FEC.

Fernandes, D., Neves, C., Tinoca, L., Viseu, S., & Henrique, S. et al, (2018). *Políticas educativas e desempenho de Portugal no PISA (2000-2015)*. Lisboa: Ministério da Educação/POCH.

Gaspar, M. I., Seabra, F., & Neves, C. (2012). A supervisão pedagógica: significados e operacionalização. *Revista Portuguesa De Investigação Educacional*, (12), 29-57.
Disponível em: <https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2012.3374>.

Inspeção Geral de Educação (2018). *Projeto do estatuto da carreira de inspeção de 2018*. Bissau: IGE.

Inspeção Geral de Educação (no prelo). *Estatuto orgânico da inspeção geral da educação*. Bissau: IGE.

INDE - Instituto Nacional para o Desenvolvimento da Educação (sd), *Orientações curriculares para a educação de infância - formação integral da criança até entrada do ensino básico*.

INDE (2011). *Orientações curriculares*. Bissau: Ministério de Educação Nacional, Cultura, Ciência, Juventude e Desportos.

- Katz, L., (2006). Perspetivas atuais sobre a aprendizagem na infância. *Saber (e) Educar*, 11, 7-21.
- Laranjeira, M. C. F. A. (2016). *O papel da supervisão na componente interna da avaliação docente e o seu contributo para o desenvolvimento profissional: estudo de caso numa escola secundária*. Manuscrito não publicado. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Lundin, I. B. (2016). *Metodologia de pesquisa em ciências sociais*. Moçambique: Escolar Editora.
- Meirinho, S., D. (2012). *Práticas educativas num jardim de infância para a aprendizagem das Ciências-Escutar Educadoras e Escutar Criança*. Dissertação de Mestrado Instituto de Educação. Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/7688>.
- Ministério da Educação Nacional (2015). *Relatório da situação do sistema educativo, para a reconstrução da escola da Guiné-Bissau* sobre novas bases RESEN, agosto 2015.
- Ministério de Educação Ensino Superior, Juventude, Cultura e Desportos, & Fundação Fé e Cooperação (2018). *Caraterização do pré-escolar na Guiné-Bissau, Levantamento Nacional*. Bissau:FEC.
- Mucopela, V. M. (2016). *Abandono escolar em Moçambique: políticas educativas, cultura local e práticas escolares*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade Lusófona.
- Oliveira-Formosinho, J. & Kishimoto, T. M. (2002). *Formação em contexto: uma estratégia de investigação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Oliveira-Formosinho, J. (2008). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora.
- Pita, M. L. C. M. (2012). *Supervisão e orientação da prática profissional no exercício da coordenação dos departamentos curriculares: da teoria à prática*. Manuscrito não publicado. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Pontes, J. P. (2002). *Refletir e investigar sobre a prática profissional*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Quivy, R. & Campenhondt, L. V. (1995). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Trajectos editora.

Tuckman B. W. (2012). *Manual de investigação em educação. metodologia para conceber e realizar o processo de investigação científica* (4ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Varela, M. T. (2017). *Impacto da supervisão pedagógica colaborativa nas práticas letivas: um estudo numa escola de São Tomé*. Manuscrito não publicado. Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora.

Referências Legislativa

República da Guiné-Bissau, Boletim Oficial nº 13, 29 de março de 2011, Lei nº2/2011, Lei nº 3/2011, Lei nº4/2011.

Guiné-Bissau (1996). Constituição da República da Guiné-Bissau. Bissau: Assembleia Nacional da República.

Lei nº 6/2018, de 18 de dezembro, Lei da Carreira Docente.

Apêndices

Apêndice 1 – Carta-acordo e parecer de Comissão de Ética

Carta-Acordo

Nome da Instituição: Jardim Infantil Ninho

Localidade: Bairro de Antula Zona_01

Tipo de Instituição: Privada

Mestrando: Lamine Corbum

Data: 29/04/2020

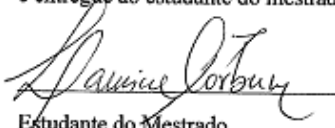
Serve a presente carta-acordo para asinalar o início do desenvolvimento do projeto

Supervisão da Prática Pedagógica de Educadores no Jardim de Infancia, faixa etária (3-5) e (5-6) anos, com foco na Supervisão da Organização do Ambiente Educativo, a planificação e as rotinas diárias, na instituição de ensino acima referida e explicar os compromissos de cada um dos intervenientes. Este projeto é da responsabilidade do diretor da instituição e do estudante de mestrado que assinam esta carta-acordo. É coordenado pela **Professor Doutor Luís Tinoca**, orientador do projeto, que é um professor do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

O estudante compromete-se a responder a todas as questões e dúvidas levantadas pelos participantes, a dar informações credíveis sobre os objetivos do projeto, a apoiar a sua participação e a garantir a confidencialidade dos dados recolhidos e tratados, bem como o garantir o anonimato dos participantes.

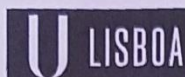
O Diretor da instituição bem como os restantes participantes devem dar acesso às informações solicitadas e a garantir as condições para a recolha de dados e o desenvolvimento das atividades inerentes ao projeto.

Devem ser assinados dois exemplares desta Carta-Acordo: um fica na instituição e outro é entregue ao estudante do mestrado (que deve figurar nos anexos do relatório Final).


Estudante do Mestrado


Diretora da Instituição





UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Instituto de Educação

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
DE UNIVERSIDADE DE LISBOA
COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER

Lamine Corbum requereu à Comissão de Ética (CE) do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa a apreciação, de natureza ética, referente ao projecto de tese de Mestrado na área de especialização de *Supervisão e Orientação da Prática Profissional*, intitulado *Supervisão da Prática Pedagógica de Educadores de Infância, Faixa Etária (3-5) e (5-6) Anos, com Foco na Supervisão da Organização do Ambiente Educativo, as Planificações e as Rotinas Diárias*

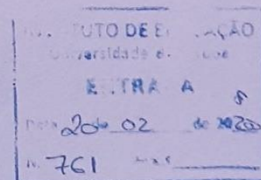
A análise da documentação apresentada revelou uma descrição geral do problema a investigar, dos objectivos específicos e processos metodológicos. O requerente não inclui uma *fundamentação geral dos cuidados de ordem ética* como consta do ponto 2 do questionário. No entanto, as respostas ao questionário — especificamente centrado nos princípios e normas de ordem ética e respectivas práticas — sugerem que o requerente conhece e aplicará os processos para satisfazer esses requisitos, nas diferentes fases da investigação a realizar. Têm relevo a obtenção do consentimento informado dos participantes, o anonimato e a protecção de dados, mesmo após a conclusão do estudo.

A Comissão de Ética deu parecer positivo a este requerimento, considerando que, tanto os princípios como as normas processuais de natureza ética, serão respeitados nesta investigação, evidenciando também concordância plena em relação ao estipulado na *Carta Ética para Investigação em Educação*, em vigor no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

Instituto de Educação, Universidade de Lisboa
Lisboa, 17 de Fevereiro, 2020

Membro da Comissão de Ética

Professora Maria de Fátima Chorão Sanches



Apêndice 2 – Ficha de Caracterização do Jardim



Ficha da Instituição

Nome: Jardim Infantil [redacted]

Localidade: [redacted] Zona 01

Diretor: [redacted]

Estudante de Mestrado: Lamine Corbum

Data: 12/02/2020

1. Tipo de Instituição (coloque uma Cruz X)

a) Pública _____ Pertencente a que Ministério?

b) Privada X Pertencente a que Organismo? Diosse de Bissau

2. Há quanto tempo está a funcionar?

a) 0-2 anos _____ b) 3-5 anos _____ c) 6-10 anos X d) + 10 anos X

3. Quais são os cursos/especialidades que a instituição oferece?

4. Em que tipo de instalações funciona?

a) Pertença própria X b) Edifício adaptado _____ c) Escola Integrada
d) Outra situação _____

Explique: _____

5. Horário da Instituição

a) Abertura 08 h 00 - 16h b) Encerramento 16h 00 - 00h c) Refeições 04 Períodos X único período das 8 h 00 a 17 h 00
(Manhã/tarde/noite)

Alunos/Crianças

6. A partir de que idade a instituição recebe alunos/crianças dos 3/6 anos dos 2/57. Perfil de entrada _____ carga horária total 40 semanal Anos _____

8. Quantas crianças / género com as idades abaixo indicadas frequentam a instituição atualmente?

Idade	Género	
	Masculino	Feminino
3- 4 anos	99 3 anos 50	50
4-5 anos	65 4 anos 41	24
5-6 anos	67 5 anos 37	30
2----anos	33 2 anos 17	16
----- anos		
----- anos		
----- anos		
---- e ou + anos		

145

120

9. Número atual de crianças por sala

3/4 anos 33 cada nível 4/5 anos

33

5/6anos 33 4°

5° 6°

7° 8

10. Quantas crianças frequentam à data a instituição? 265

11. Qual a lotação máxima permitida? 33

12. Quantas crianças ingressaram o jardim este ano? 66

13. Quantas crianças ficaram este ano em lista de espera?

70

14. Quantas crianças têm necessidades educativas especiais?

2 Indique o tipo de necessidades? a) Cegos e ambliopes

b) Surdos-mudos c) Paralisia cerebral e outras deficiências

neuro-motoras X d) Deficiência mental e) Mongoloidismo

f) Dificuldades de Aprendizagem? Outra

15. Quantas crianças não falam o português em casa?
Que línguas são faladas pelos crianças em casa?

Língua	Número de alunos
Crioulo	
Fula	
Balanta	
Mandinga	

Manjaco	
Mancanha	
Papel	
Outra? Qual?	

16. Que línguas são faladas na instituição? a) Português X b) Crioulo X c) Línguas étnicas Todas de cima? somente algumas? Quais

Explique em que situações se fala o português, em que situações se fala o crioulo e em que situação se fala as línguas étnicas.

A língua falada na nossa instituição é o português e é obrigatória. Fala-se o crioulo no início do ano letivo com aquelas crianças que não têm hábito de falar português.

17. Quantas salas, n.º crianças por sala, educador e rácio educador/crianças?

	Salas	Número	N.º crianças por sala/turma	N.º educador por sala/turma	Rácio educador/crianças
Bacharelato	3/4 ano	35	33	2	16/1
	4/5 ano	20	33	2	16/1
	5/6 ano	20	33	2	16/1
	2 ANOS	1	33	2	16/1

Pessoal

18. Gestão

- a) Qual o tipo de gestão da instituição (conselho de escola, diretor nomeado, direção eleita...)? Supervisora, diretora

b) Quais as funções da gestão (o que compete a cada órgão/membro fazer e decidir)? Supervisora, com a função de mediadora, coordenadora e fazer ponte. Diretora tem a função de gestão financeira, conduzir o jardim, gestão de relacionamentos.

19. Pais / Encarregados de Educação

- a) Existe associação das crianças? Não b) Se respondeu sim diga que atividades realiza?

b) Que apoio individual podem prestar / prestam os pais à instituição _____

Colaboração nas atividades

20. Financiamento

a) Dê uma estimativa do custo por crianças / mês ou ano? 3/4 ano

14.000 x 04
4/5 ano 14.000 x 05 5/6 ano 14.000 x 06 2
ano 15.000 x 04

b) Contribuição do estado por mês ou ano ND

c) Contribuição dos pais por mês ou ano 14.000

d) Outras fontes de financiamento? ND

Comunidade Local

21. Qual a localização geográfica da instituição?

a) Área urbana _____ b) Área suburbana X c) Área Rural _____

22. Quantas crianças

a) Vivem com ambos os pais _____ b) Vivem apenas com a mãe
_____ c) Vivem apenas com o pai _____ d) Vivem com
outros familiares (tios, avós) _____

Observações (outras informações que ache por bem registrar):

Apêndice 3 – Ficha do Espaço Educativo

Nome da Instituição: Je [redacted]
 Localização: Baixo Fátula Bona
 Estudante Mestrado: Flavine Corby
 Data: 14/02/2020

1. Descreva o edifício em breves palavras (se é novo ou velho, se está em boas condições de conservação, quantos andares tem, se tem espaço exterior ou não, etc. Tire algumas fotografias ao edifício). O edifício é uma construção definitiva relativamente nova e em boas condições de conservação, tem espaço exterior.

2. Quantas salas tem? 9 Quantas são salas de aula? 8
 Existem salas suficientes para todos os alunos? Sim

3. Faça um desenho/planta de uma sala de aula típica e tire uma fotografia (use uma folha por sala).

4. Explique porque organizou assim a sua sala (as mobílias e os materiais)

5. Dos seguintes materiais indique, colocando uma cruz, os que existem:

Materiais	
Acessos para cadeiras de rodas e espaço para cadeiras especiais	
Computadores	X
Instrumentos de música	X
Jogos de mesa (puzzles, cubos, etc.)	X
Livros	X
Manuais escolares	X
Materiais para jogar no exterior (bolas, arcos, cordas, etc.)	X
Outros? Quais? Blocos lógicos, Cuisinaire	X
Papel / cadernos	X
Placares/Expositores (para dar informações e expor trabalhos dos alunos)	X
Tintas e lápis de cor	X
Um sítio (cabides ou cafifos) para guardar as coisas dos alunos	X

Observações (se quiser dizer algo mais sobre os materiais que existem ou não existem nas suas salas):

6. A sua instituição tem (coloque uma cruz em caso de ter, deixe em branco em caso de não ter)

Acesso a água corrente	X
Biblioteca/ludoteca/centro de recursos educativos	
Cozinha	X
Ginásio	
Refeitório	X
Sala de direção	X
Sala de professores	X
Sala destinado aos pais (e à comunidade)	
Sanitários para alunos	X
Sanitários para docentes e não docentes	X
Carteiras duplas	
Carteiras individuais	X
Outro tipo de carteiras (qual?)	
Quadros móveis	X
Quadros fixos	
Materiais para impressão e fotocópia	X

Observações (se quiser dizer algo mais sobre os materiais que existem ou não existem na sua sala):

7. Espaço exterior

- a) A instituição tem espaço exterior? Sim: X Não:
- b) Em caso de ter, quantas vezes por dia é usado? 3
- c) A área exterior é coberta? Sim: X Não:
- d) Quem vigia o recreio? Educativas
- e) Que materiais existem no exterior (diga o que existe: bolas, baloiços, escorrega, campo de jogos, horta, jardim, etc.): Existem

baloiços, jardim, escorrega, horta, cavalinhos

Observações (se quiser dizer algo mais sobre o espaço educativo faça-o neste espaço):

Apêndice 4 – Ficha da Educadora

Ficha do/a Educador/a

Nome da Instituição:
 Localização: Bairro de Antula Bona
 Nome do/a Educador/a:
 Estudante do Mestrado: Flávia Cortez
 Data: 14/12/2020

1. Habilitações

a) Anos de escolaridade (Coloque um círculo de acordo com a sua situação)

3-4 5-6 9 11 12

b) Habilitações académicas

Bacharelato

☐

Na área de:

Licenciatura

☒

Na área de: Educação de Infância

Pós-graduação

☐

Na área de:

Mestrado

☐

Na área de:

Doutoramento

☐

Na área de:

Outra

☒

Qual? Especialização em Antropologia Filosófica

2. Anos de serviço

a) Total (desde que começou a trabalhar como educador/a): 20 anos

b) Nesta instituição: 5 anos

c) Que disciplinas leciona? Todas

d) Tem experiência com alunos com NEE (Necessidades Educativas Especiais)? X Explique? Sendo mudos

d) Teve formação para trabalhar com alunos com NEE? Não
 Explique?

3. Descreva as funções que desempenha nesta instituição (o que faz):

Dirigente

4. No seu trabalho

- a) O que gosta mais de fazer (que lhe dá mais satisfação)? Trabalhar com crianças, fazer com que as crianças se sintam se estivessem em família, gosto de brincar com as crianças
- b) O que gosta menos de fazer (que lhe dá menos satisfação)? Lidar com os pais

5. O que o/a levou a escolher a profissão de educadoror?

Escolhia profissões de educadora porque é uma profissão mais fascinante, mais bonita, mais gratificante que existe.

6. Como gostaria de melhorar a sua atividade profissional? Gostaria...

que os pais percebessem que o envolvimento das famílias é considerado um dos critérios de qualidade de um jardim de infância.

- a) Que dificuldades encontra? Procurar saber lidar com a diversidade física, social e cultural ser educadora apesar de ser bonita é uma missão difícil. Entre os grandes desafios da educadora é lidar com as dificuldades dos pais.
- b) O quê ou quem poderia contribuir para essa melhoria? Cabe ao bom educador buscar boas práticas e técnicas para superar essas dificuldades. Também a contribuição dos pais é muito importante.

7. Assinale os 5 temas, entre os abaixo indicados, em que gostaria de ter formação e que acha que contribuiriam para melhorar o trabalho que desenvolve na instituição, junto dos estudantes, colegas e pais (Assinale com 1 o que acha mais importante, 2 como importante, e assim sucessivamente até 5, o que acha menos importante- numerar por ordem de importância).

Temas	Importância
Aprendizagem e desenvolvimento do aluno na idade escolar	2
Aprendizagem da leitura	
Atividades lúdicas e jogos	
Computadores	
Crianças em risco	
Educação para a saúde	
Expressão oral e expressão escrita	5
Manuais escolares e outros recursos educativos	
Necessidades educativas especiais	
Organização do espaço e dos materiais	
Planear e organizar atividades educativas	4
Português	1
Trabalho com pais	

Trabalho em equipa (entre educadores)	3
Outro (escreva qual)	

Apêndice 5 – FICHAS DE SUPERVISÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA EDUCADORA –A2 – 1ª OBSERVAÇÃO

Ciclo de Supervisão	01
Data	11/02/2020
Nome de Jardim	-----
Observador	Lamine Corbum
Educadoras	Participante A2
Faixa Etária	5 anos
Número de crianças	34 crianças (M- 18 ; F- 16)

A presente grelha enquadra-se no desenvolvimento do projeto para o mestrado que tem como tema: Supervisão da Prática Pedagógica de Educadores no Jardim de Infância, faixa etária (3-5) e (5-6) anos, com foco na organização do ambiente educativo, as planificações e as rotinas diárias, pretende acompanhar o ciclo de supervisão, enquanto investigador observador, aos educadores, e é composta por 3 partes: I. Planificação; II. Observação; II. Pós-observação. O momento de Pré-observação dá-se o acompanhamento ao educador, mas a sua observação assume carácter qualitativo, sem avaliação.

Na parte I e II, correspondente à avaliação da Planificação e à observação o supervisor enquanto investigador observador deve preencher todos os campos de todas as alíneas com um X (respeitando a escala de 1 a 5). Deve, ainda, recolher notas que considere pertinentes para orientar o momento de reflexão (Parte III – Pós-observação). A observação deve ter a duração de 2h.

Na parte III, que corresponde à Pós-observação, o supervisor enquanto investigador observador deve orientar a reflexão-ação com as educadoras e registar a observação deste momento.

A Pós-observação deve ter a duração média de 30m.

A observação corresponde à seguinte escala:

1	2	3	4	5
Muito Insuficiente	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
Não atinge o padrão, revela muitas dificuldades	Não atinge o padrão, revela algumas dificuldades	Padrão	Supera o padrão	Excede claramente o padrão

I. PLANIFICAÇÃO

A. Planificação

	1	2	3	4	5
1. A planificação identifica com coerência as componentes essenciais (objetivos, tempo, recursos, etc.)					X
2. A planificação tem em conta os interesses e o nível de desenvolvimento das crianças					X
3. As atividades propostas são adequadas ao grupo de crianças em termos de recursos e organização do tempo e do espaço				X	
Observações para a reflexão:					

II. OBSERVAÇÃO

B. Implementação da Planificação

	1	2	3	4	5
1. Implementa as atividades de acordo com o planificado					X
2. Gere o tempo de forma adequada, valorizando as necessidades de crianças				X	
3. É flexível e capaz de reajustar a ação em função das necessidades da criança e do contexto					X
Observações para a reflexão: Flexível com a capacidade de adaptar-se ao contexto facilmente.					

C. Domínio dos Conteúdos

	1	2	3	4	5
--	---	---	---	---	---

1. Domina os conteúdos a abordar				X	
2. Na abordagem dos conteúdos promove a experimentação, atividades práticas, apresentação de exemplos, etc.					X
3. Coloca questões e dá exemplos que encorajam as crianças a pensar e a resolver problemas					X
Observações para a reflexão:					

D. Comunicação

	1	2	3	4	5
1. Comunica com as crianças de forma clara, objetiva, com volume suficiente e velocidade adequada					X
2. Domina a língua portuguesa				X	
3. Comunica na língua materna introduzindo progressivamente a língua portuguesa					X
4. Usa de forma funcional os materiais de apoio (quadro, imagens, mapas, calendário, etc.)					X
5. Circula pela sala e comunica com as crianças através da linguagem verbal e não-verbal (contacto visual, gestos, etc.)					X
Observações para a reflexão: As crianças sabem falar o português a educadora é espetacular, comunica bem e estimula as crianças					

E. Relação Educadora – Criança

	1	2	3	4	5
1. Cria um ambiente positivo e facilitador de aprendizagens					X
2. Estimula e valoriza a participação das crianças					X
3. Reforça e valoriza no momento certo o desempenho das crianças					X
4. Mostra sensibilidade e mobiliza esforços quanto aos cuidados de higiene/saúde/alimentação e/ou negligência ou maus-tratos					X
Observações para a reflexão: Valoriza e estimula as crianças, elas se sentem a vontade com a educadora					

III.PÓS-OBSERVAÇÃO

Notas para Reflexão	
Pontos positivos	Pontos a melhorar
- Organizada - Comunica muito bem -Dinâmica -Competente - Respeita as crianças -Valoriza e estimula o esforço das crianças -Flexível -Amável	- Organização de grande grupo em pequenos grupos. - Gerência do tempo - Avaliação

E. Reflexão

	1	2	3	4	5
1. Analisa criticamente o seu desempenho					X
2. Identifica e refere pontos positivos					X
3. Identifica e refere pontos a melhorar					X
4. Identifica estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que deve melhorar				X	
Observações:					

Data: _____

Assinatura do supervisor: _____

Assinatura da educadora: _____

FICHA DE SUPERVISÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A2 – 2ª OBSERVAÇÃO

Ciclo de Supervisão

02

Data

14/02/2020

Nome de Jardim

Observador

Lamine Corbum

Educadora

Participante A2

Faixa Etária

5 anos

Número de crianças

34 crianças (M- 18 ; F- 16)

A observação corresponde à seguinte escala:

1	2	3	4	5
Muito Insuficiente	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
Não atinge o padrão, revela muitas dificuldades	Não atinge o padrão, revela algumas dificuldades	Padrão	Supera o padrão	Excede claramente o padrão

I. PLANIFICAÇÃO

A. Planificação

	1	2	3	4	5
1. A planificação identifica com coerência as componentes essenciais (objetivos, tempo, recursos, etc.)					X
2. A planificação tem em conta os interesses e o nível de desenvolvimento das crianças					X
3. As atividades propostas são adequadas ao grupo de crianças em termos de recursos e organização do tempo e do espaço					X
Observações para a reflexão:					

II. OBSERVAÇÃO

B. Implementação da Planificação

	1	2	3	4	5
1. Implementa as atividades de acordo com o planificado					X
2. Gere o tempo de forma adequada, valorizando as necessidades de crianças					X
3. É flexível e capaz de reajustar a ação em função das necessidades da criança e do contexto					X
Observações para a reflexão: flexível com a capacidade de adaptar-se ao contexto facilmente.					

C. Domínio dos Conteúdos

	1	2	3	4	5
1. Domina os conteúdos a abordar				X	
2. Na abordagem dos conteúdos promove a experimentação, atividades práticas, apresentação de exemplos, etc.					X
3. Coloca questões e dá exemplos que encorajam as crianças a pensar e a resolver problemas					X
Observações para a reflexão:					

D. Comunicação

	1	2	3	4	5
1. Comunica com as crianças de forma clara, objetiva, com volume suficiente e velocidade adequada					X
2. Domina a língua portuguesa				X	
3. Comunica na língua materna introduzindo progressivamente a língua portuguesa					X
4. Usa de forma funcional os materiais de apoio (quadro, imagens, mapas, calendário, etc.)					X
5. Circula pela sala e comunica com as crianças através da linguagem verbal e não-verbal (contacto visual, gestos, etc.)					X
Observações para a reflexão: as crianças sabem falar o português a educadora é dinâmica e flexível, comunica bem e estimula as crianças					

E. Relação Educadora – Criança	1	2	3	4	5
1. Cria um ambiente positivo e facilitador de aprendizagens					X
2. Estimula e valoriza a participação das crianças					X
3. Reforça e valoriza no momento certo o desempenho das crianças					X
4. Mostra sensibilidade e mobiliza esforços quanto aos cuidados de higiene/saúde/alimentação e/ou negligência ou maus-tratos					X
Observações para a reflexão: Valoriza e estimula as crianças, elas se sentem a vontade e confortável para com a educadora.					

III.PÓS-OBSERVAÇÃO

Notas para Reflexão	
Pontos positivos	Pontos a melhorar
<ul style="list-style-type: none"> - Organizada - Motivadora - Comunica muito bem -Dinâmica -Competente - Respeita as crianças -Valoriza e estimula o esforço das crianças -Flexível -Amável pelas crianças - Faz consolidação de atividade sempre que necessário 	<p>Avaliação e organização de grande grupo em pequenos grupos.</p>

E. Reflexão	1	2	3	4	5
1. Analisa criticamente o seu desempenho					X

2. Identifica e refere pontos positivos					X
3. Identifica e refere pontos a melhorar					X
4. Identifica estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que deve melhorar					X
Observações:					

Data: _____

Assinatura do supervisor: _____

Assinatura da educadora: _____

FICHA DE SUPERVISÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

EDUCADORA- E2 – 1ª OBSERVAÇÃO

Ciclo de Supervisão

01

Data

11/02/2020

Nome de Jardim

Observador

Lamine Corbum

Educadora

Participante E2

Faixa Etária

4 anos

Número de crianças

33 crianças (M- 20 ; F-13)

A observação corresponde à seguinte escala:

1	2	3	4	5
Muito Insuficiente	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
Não atinge o padrão, revela muitas dificuldades	Não atinge o padrão, revela algumas dificuldades	Padrão	Supera o padrão	Excede claramente o padrão

I. PLANIFICAÇÃO

A. Planificação	1	2	3	4	5
1. A planificação identifica com coerência as componentes essenciais (objetivos, tempo, recursos, etc.)				X	
2. A planificação tem em conta os interesses e o nível de desenvolvimento das crianças				X	
3. As atividades propostas são adequadas ao grupo de crianças em termos de recursos e organização do tempo e do espaço					X
Observações para a reflexão:					

II. OBSERVAÇÃO

B. Implementação da Planificação	1	2	3	4	5
1. Implementa as atividades de acordo com o planificado					X
2. Gere o tempo de forma adequada, valorizando as necessidades de crianças					X
3. É flexível e capaz de reajustar a ação em função das necessidades da criança e do contexto					X
Observações para a reflexão: flexível com a capacidade de adaptar-se ao contexto					

C. Domínio dos Conteúdos	1	2	3	4	5
1. Domina os conteúdos a abordar				X	
2. Na abordagem dos conteúdos promove a experimentação, atividades práticas, apresentação de exemplos, etc.				X	
3. Coloca questões e dá exemplos que encorajam as crianças a pensar e a resolver problemas					X
Observações para a reflexão:					

D. Comunicação	1	2	3	4	5
----------------	---	---	---	---	---

1. Comunica com as crianças de forma clara, objetiva, com volume suficiente e velocidade adequada					X
2. Domina a língua portuguesa				X	
3. Comunica na língua materna introduzindo progressivamente a língua portuguesa					X
4. Usa de forma funcional os materiais de apoio (quadro, imagens, mapas, calendário, etc.)					X
5. Circula pela sala e comunica com as crianças através da linguagem verbal e não-verbal (contacto visual, gestos, etc.)					X
Observações para a reflexão: As crianças quase na totalidade sabem falar o português.					

E. Relação Educadora – Criança

	1	2	3	4	5
1. Cria um ambiente positivo e facilitador de aprendizagens					X
2. Estimula e valoriza a participação das crianças				X	
3. Reforça e valoriza no momento certo o desempenho das crianças					X
4. Mostra sensibilidade e mobiliza esforços quanto aos cuidados de higiene/saúde/alimentação e/ou negligência ou maus-tratos					X
Observações para a reflexão:					

III.PÓS-OBSERVAÇÃO

Notas para Reflexão	
Pontos positivos	Pontos a melhorar
-Organizada e dinâmica -Comunicativa e amável - Respeita e valoriza a participação das crianças - Competente.	- Planos (definição das competências/objetivos, tempo e avaliação

E. Reflexão	1	2	3	4	5
1. Analisa criticamente o seu desempenho				X	
2. Identifica e refere pontos positivos				X	
3. Identifica e refere pontos a melhorar				X	
4. Identifica estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que deve melhorar				X	
Observações:					

Data: _____

Assinatura do supervisor: _____

Assinatura da educadora: _____

FICHA DE SUPERVISÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

EDUCADORA- E2 – 2ª OBSERVAÇÃO

Ciclo de Supervisão

02

Data

14/02/2020

Nome de Jardim

Observador

Lamine Corbum

Educadora

Participante E2

Faixa Etária

4 anos

Número de crianças

33 crianças (M- 20 ; F- 13)

A observação corresponde à seguinte escala:

1	2	3	4	5
Muito Insuficiente	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
Não atinge o padrão, revela muitas dificuldades	Não atinge o padrão, revela algumas dificuldades	Padrão	Supera o padrão	Excede claramente o padrão

I. PLANIFICAÇÃO

A. Planificação	1	2	3	4	5
1. A planificação identifica com coerência as componentes essenciais (objetivos, tempo, recursos, etc.)					X
2. A planificação tem em conta os interesses e o nível de desenvolvimento das crianças					X
3. As atividades propostas são adequadas ao grupo de crianças em termos de recursos e organização do tempo e do espaço				X	
Observações para a reflexão:					

II. OBSERVAÇÃO

B. Implementação da Planificação	1	2	3	4	5
1. Implementa as atividades de acordo com o planificado					X
2. Gere o tempo de forma adequada, valorizando as necessidades de crianças					X
3. É flexível e capaz de reajustar a ação em função das necessidades da criança e do contexto					X
Observações para a reflexão: : Flexível com a capacidade de adaptar-se ao contexto de forma fácil.					

C. Domínio dos Conteúdos	1	2	3	4	5
1. Domina os conteúdos a abordar				X	
2. Na abordagem dos conteúdos promove a experimentação, atividades práticas, apresentação de exemplos, etc.					X
3. Coloca questões e dá exemplos que encorajam as crianças a pensar e a resolver problemas					X
Observações para a reflexão:					

D. Comunicação	1	2	3	4	5
----------------	---	---	---	---	---

1. Comunica com as crianças de forma clara, objetiva, com volume suficiente e velocidade adequada					X
2. Domina a língua portuguesa				X	
3. Comunica na língua materna introduzindo progressivamente a língua portuguesa					X
4. Usa de forma funcional os materiais de apoio (quadro, imagens, mapas, calendário, etc.)					X
5. Circula pela sala e comunica com as crianças através da linguagem verbal e não-verbal (contacto visual, gestos, etc.)					X
Observações para a reflexão: As crianças quase na totalidade sabem falar o português, muita das vez não é necessário.					

E. Relação Educadora – Criança

	1	2	3	4	5
1. Cria um ambiente positivo e facilitador de aprendizagens					X
2. Estimula e valoriza a participação das crianças					X
3. Reforça e valoriza no momento certo o desempenho das crianças					X
4. Mostra sensibilidade e mobiliza esforços quanto aos cuidados de higiene/saúde/alimentação e/ou negligência ou maus-tratos					X
Observações para a reflexão:					

III.PÓS-OBSERVAÇÃO

Notas para Reflexão	
Pontos positivos	Pontos a melhorar
Organizada e dinâmica -Comunicativa e amável - Respeita e valoriza a participação das crianças - Competente.	- Organização E reorganização de grande grupo em pequenos grupos - Organização do espaço para atividade.

E. Reflexão	1	2	3	4	5
1. Analisa criticamente o seu desempenho					X
2. Identifica e refere pontos positivos					X
3. Identifica e refere pontos a melhorar					X
4. Identifica estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que deve melhorar					X
Observações:					

Data: _____

Assinatura do supervisor: _____

Assinatura da educadora: _____



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Apêndice 6 – Guiões das entrevistas

Guião de Entrevista Semi-diretiva aplicada a diretora do Jardim

TEMA: Supervisão da Prática Pedagógica de Educadores no Jardim de Infância, faixa etária 3/5 e 5/6 anos, com foco na Organização do Ambiente Educativo, as Planificações e as Rotinas.

Objetivos: -Conhecer as dificuldades pedagógicas dos Educadores

-Analisar as práticas de supervisão existente no Jardim da Infância

Blocos	Objetivos específicos	Questões	Tópicos
--------	-----------------------	----------	---------

Bloco-1 A – Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	<p>Agradecer e informar objetivos do estudo;</p> <p>Solicitar a colaboração do entrevistado, explicitar a sua importância para o estudo em curso;</p> <p>Assegurar o anonimato das suas opiniões;</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista.</p>	<p>Escola: Jardim de Infância e Pré-Escolar (3-5) e (5-6).</p> <p>A presente investigação visa recolher informações sobre supervisão de prática pedagógica.</p> <p>Encontro-me aqui na qualidade de estudante do Instituto da Educação - Universidade de Lisboa, curso de Mestrado em Educação, área de especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional. A nossa intenção é fazer um estudo com o intuito de levantar dados que descrevem a realidade vivida neste estabelecimento de ensino como também perspetivar medidas viáveis para a melhoria das situações que põem o avanço do jardim e da aprendizagem das crianças.</p> <p>Gostaríamos de poder contar com a sua colaboração, uma vez que é um interlocutor privilegiado, pelo que nos poderá fornecer informações preciosas para o desenvolvimento deste trabalho.</p> <p>Gostaríamos de informar que é nossa pretensão respeitar o anonimato do conteúdo das entrevistas.</p> <p>Gostaríamos de obter da sua parte autorização para procedermos ao registo da entrevista em gravação áudio.</p>	<p>Empatia</p> <p>Clareza</p> <p>Registo</p>
Bloco-2 Perfil do entrevistado (percurso académico e profissional)	<p>Caracterizar o sujeito</p>	<p>Para iniciarmos esta nossa conversa gostaríamos de saber da sua idade?</p> <p>Você mora próximo do jardim?</p> <p>Ocupou esta função desde quando?</p> <p>Podia-nos falar um pouco da sua formação académica e experiência profissional neste campo educacional?</p>	<p>Caracterização</p>

Bloco- 3 Identificação das condições do jardim	Identificar as linhas orientadoras do Projeto educativo do jardim e as suas implicações	<p>Considera importante que as crianças frequentem o jardim?</p> <p>Considera que esta instituição dá resposta às necessidades das crianças e dos pais?</p> <p>Quais as principais preocupações face as crianças e face aos pais?</p> <p>A instituição tem um projeto educativo? Porquê? e por quem foi elaborado?</p> <p>Quais as principais linhas orientadoras do projeto educativo? Como são concretizadas na prática?</p>	Identificação
Bloco 4 Currículo/Experiências de Aprendizagem	<p>Identificar os métodos pedagógicos que o jardim adota para aprendizagem das crianças</p> <p>Identificar as áreas curriculares existentes no jardim</p>	<p>Que tipo de atividades /experiências são proporcionadas para as crianças?</p> <p>Considera que as atividades desenvolvidas no jardim respondem às necessidades das crianças? Facilitam a transjetoriedade para o nível seguinte da escolaridade?</p> <p>A instituição adota algum modelo / método pedagógico específico (ex: método tradicional, centrado no educador e expositivo; método centrado na crianças e em trabalhos de grupo; método misto: expositivo e trabalhos de grupo...)</p>	Identificação

Bloco- 5 Estratégias de Ensino e Aprendizagem	Explicar como são organizadas as salas, rotinas diárias das crianças e dos educadores	<p>O jardim trabalha em quantos períodos letivos?</p> <p>Como são organizadas as salas e as rotinas das crianças e educadores?</p> <p>Quais são as áreas de conteúdos/temas mais valorizadas no jardim? E menos valorizadas?</p> <p>É dada a devida importância à aprendizagem da língua da escolarização, o português?</p> <p>Como valoriza o trabalho dos educadores?</p> <p>Acha que as atividades e experiências de ensino que são propiciadas para as crianças são as mais adequadas?</p> <p>Acha que existe uma preocupação com a aprendizagem de todas as crianças, de não deixar nenhuma criança ficar para trás?</p>	
Bloco- 6 Planeamento, Avaliação e Registo	Descrever os meios que a instituição usa para planejar e avaliar as atividades da instituição	<p>Como é planeado e avaliado o projeto educativo da instituição? Existe um plano anual?</p> <p>Como é feito o planeamento e a avaliação em cada sala? Por cada educador? Quais são os critérios usados? Existe algum trabalho entre os educadores e a direção?</p>	Planeamento e avaliação

Bloco- 7 Educadores /Pessoal	<p>Identificar os recursos humanos</p> <p>Compreender os critérios usados para a contratação do pessoal docente e não docente</p> <p>Compreender de que formas são promovidas o desenvolvimento pessoal docente e não docente através da avaliação interna da instituição</p>	<p>Quantos educadores e outro pessoal existe na instituição? Como são contratados? Quem contrata? Com que critérios?</p> <p>Qual é o horário e como é feita a distribuição dos educadores e outro pessoal?</p> <p>Acha que é suficiente o número de educador e de outro pessoal para as necessidades da jardim?</p> <p>Quais os principais problemas que existem no jardim e no seio dos educadores?</p> <p>Como promove o desenvolvimento profissional dos educadores e do outro pessoal?</p> <p>Quais as ações de formação que os educadores procuram mais? Acha mais importante a frequência de ações de formação no exterior ou as que se realizam ou poderiam realizar no jardim, aqui na instituição?</p>	
Bloco- 8 Espaço e Materiais	<p>Compreender em que medida os espaços interiores e exteriores são adequados às necessidades das crianças, educadores, pais e a comunidade educativa.</p>	<p>Pensa que os espaços interiores e exteriores e as salas são suficientes e adequados para as crianças e educadores e o acolhimento aos pais e outros elementos da comunidade educativa?</p> <p>O que gostaria de ter e de melhorar em relação aos espaços e materiais e recursos educativos?</p>	
Bloco- 9 Relação e Interações	<p>Identificar as relações estabelecidas entre a direção do jardim com os educadores e os restantes pessoais do jardim</p>	<p>Que tipo de relações procura estabelecer entre todos os educadores e restante pessoal?</p> <p>Existem reuniões periódicas formais e informais, partilha de informações?</p> <p>Como vê o seu papel na promoção de um bom clima relacional entre elementos da instituição?</p>	

Bloco- 10 Igualdade de Oportunidades	Compreender de que forma o jardim cria maior igualdade de oportunidades para todas crianças	Há uma preocupação na instituição em criar uma maior igualdade de oportunidades: étincas, deficiência física e mental, língua, de género? Como faz para a pôr em prática? Acha que o jardim pode ser um meio de criar maior igualdade de oportunidades? Porquê? E Como?	
Bloco- 11 Participação dos Pais e da Comunidade	Compreender a relação existente entre a instituição jardim com outros serviços na comunidade (Serviços de saúde, associações e outras instituições)	Qual é a relação da comunidade- escola e relação das famílias com o jardim? Serviços de saúde, associações e outras instituições, etc.? Os pais e encarregados de educação (EE) participam na vida do jardim? Como é assegurada a participação dos pais e dos EE? Que formas de participação são desenvolvidas?	
Bloco- 12 Monotorização e Avaliação	Descrever os processos de avaliação interna da instituição.	Existe uma preocupação em melhorar as condições de aprendizagem das crianças? E as condições de trabalho dos educadores? Como avaliam a melhoria da qualidade das aprendizagem das crianças? O que é a Supervisão? Para terminar: Como Diretora desta instituição quais são neste momento as suas maiores preocupações face as crianças, face aos educadores e face aos pais? Podes fornecer mais informações que achares conveniente e que não perguntamos? Podes fornecer cópia dos documentos ou instrumentos como : plano de atividade anual, plano curricular etc... ? Muito Obrigado senhora Diretora.	



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Instituto de Educação

CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

Guião de Entrevista Semi-diretiva aplicado a educadora

TEMA: Supervisão da Prática Pedagógica de Educadores no Jardim de Infância, faixa etária 3/5 e 5/6 anos, com foco na Organização do Ambiente Educativo, as Planificações e as Rotinas.

Objetivos: -Conhecer as dificuldades pedagógicas dos Educadores

-Analisar as práticas de supervisão existente no Jardim da Infância

Blocos	Objetivos específicos	Questões	Tópicos
--------	-----------------------	----------	---------

Bloco-1 A – Legitimação da entrevista e Motivação do entrevistado	<p>Agradecer e formar objetivos do estudo;</p> <p>Solicitar a colaboração do entrevistado, explicitar a sua importância para o estudo em curso;</p> <p>Assegurar o anonimato das suas opiniões;</p> <p>Solicitar a autorização para gravar a entrevista.</p>	<p>Escola: Jardim de Infância e Pré-Escolar (3-5) e (5-6).</p> <p>A presente investigação visa recolher informações sobre supervisão de prática pedagógica</p> <p>Encontro-me aqui na qualidade de estudante do Instituto da Educação - Universidade de Lisboa, curso de Mestrado em Educação, área de especialização em Supervisão e Orientação da Prática Profissional. A nossa intenção é fazer um estudo com o intuito de levantar dados que descrevem a realidade vivida neste estabelecimento de ensino como também perspetivar medidas viáveis para a melhoria das situações que põem o avanço do jardim e da aprendizagem das crianças...</p> <p>Gostaríamos de poder contar com a sua colaboração, uma vez que é um interlocutor privilegiado, pelo que nos poderá fornecer informações preciosas para o desenvolvimento deste trabalho.</p> <p>Gostaríamos de informar que é nossa pretensão respeitar o anonimato do conteúdo das entrevistas.</p> <p>Gostaríamos de obter da sua parte autorização para procedermos ao registo da entrevista em gravação áudio.</p>	Empatia Clareza Registo
Bloco- 2 Perfil do entrevistado (percurso académico e profissional)	Caracterizar o sujeito	<p>Para iniciarmos esta nossa conversa gostaríamos de saber da sua idade?</p> <p>Você mora próximo do jardim?</p> <p>Ocupou esta função desde quando?</p> <p>Podia-nos falar um pouco da sua formação académica e experiência profissional?</p>	Caracterização

Bloco- 3 Finalidades e Objetivos	Compreender as principais preocupações dos educadores para com as crianças	Considera que este jardim dá resposta às necessidades das crianças? Quais são as suas principais preocupações para com as suas crianças nestes níveis? Quais são as suas principais preocupações como educadora?	Identificação dos fatores
Bloco- 4 Currículo/Experiências de Aprendizagem	Reconhecer as experiências do educador na organização das atividades de aprendizagem das crianças	Considera que as atividades que organiza na sala e fora elas dão resposta às necessidades das crianças? Tem algum método de ensino/ estratégias de ensino que usa com as suas crianças?	Identificação Apoios/estratégias
Bloco- 5 Estratégias de Ensino e Aprendizagem	Identificar as estratégias adotadas pelo educador na organização das atividades das crianças na sala.	Quais são as atividades que as crianças realizam todos os dias na sala de aula? Pensa que estas atividades contribuem para a aprendizagem das crianças? Como organiza as suas crianças na sala para aprenderem com mais facilidade? Consegue organizar as crianças em pares, em pequenos grupos ou grande grupo? Porquê? Existe uma preocupação permanente em cada aula com a aprendizagem das crianças? Como consegue saber que todas as crianças estão envolvidos na aprendizagem das atividades promovidas? Que estratégia adota para as crianças com dificuldades de aprendizagem nos conteúdos ou temas desenvolvidas?	

Bloco- 6 Apoio, Planeamento, Avaliação e Registo	<p>Identificar os principais apoios da equipa da supervisão na melhoria da prática profissional</p> <p>Descrever os meios que os educadores usam para planear e avaliar a aprendizagem das crianças</p>	<p>Recebe apoio da equipa de supervisão para facilitar o seu trabalho?</p> <p>Como avalia o trabalho de supervisor no desenvolvimento profissional e pessoal do seu trabalho?</p> <p>Como planeia e avalia a sua atividade como educadora?</p> <p>Planeia com base em que conteúdos ou temáticas?</p> <p>Quais são os componentes que consideras importante numa planificação?</p> <p>Tens uma visão clara do que as crianças podem aprender com atividades previstas?</p> <p>As atividades realizadas são adequadas á faixa etária das crianças?</p> <p>Interage com a turma através da linguagem verbal, não-verbal, contatos visual, gestos e outros...? Isto promove o desenvolvimento das crianças?</p> <p>Como faz o registo do trabalho e dos progressos da crianças? Atraves de que instrumentos?</p> <p>Como avalia os conhecimentos das crianças?</p> <p>Podes fornecer cópias de instrumentos do seu trabalho, por ex. plano diário, semanal, mensal e anual, horário das rotinas e grelha de avaliação?</p>	
Bloco- 7 Educadores/Pessoal	<p>Identificar a condição laboral do trabalho de educador</p>	<p>Qual é o seu horário de trabalho semanal? Quantas horas trabalha por semana? E quantos meses por ano?</p> <p>Quantas crianças tem na sua sala?</p> <p>Trabalhas que faixa etária?</p> <p>Quantas turmas/salas tem?</p> <p>Tem preocupação em se atualizar, quer dizer, em fazer formação?</p> <p>Desde a sua última formação, frequentou uma outra formação contínua?</p> <p>Que instituição promoveu: o seu jardim ou o Estado?</p>	

Bloco- 8 Espaço e Materiais	Reconhecer de que forma os espaços interiores e exteriores e os materiais didáticos são adequados às necessidades das crianças e educadores.	<p>Pensa que os espaços interiores e exteriores são suficientes e adequados para as crianças e educadores? Como? E tem segurança?</p> <p>Acha que a sala de educadores é confortável para preparação da aula e encontros de pequenos acertos com colegas educadores?</p> <p>Tem materiais suficientes para trabalhar com as crianças? Papel, lápis, canetas, manuais, livros, jogos, cartolinas, abacos, tintas, pincheis, lápis de cores e de ceras,...</p> <p>Existem computadores no jardim para facilitar no seu trabalho? E as crianças têm computador ou telemóvel para verem desenhos animados e ouvirem músicas? Se sim, faz uso pedagógico dos mesmos? Como?</p> <p>Pensa na construção dos recursos pedagógicos através dos materiais reciclados? tens construído apenas um recurso? Qual? Fala da experiência desta construção?</p>	
Bloco-9 Relações e Interações	Identificar as relações estabelecidas entre educadores, a direção do jardim e os pais	<p>Como avalia as suas relações com a direção, com os colegas, com as crianças e com os pais?</p> <p>O que faz para gerar um bom clima relacional no jardim?</p>	
Bloco- 10 Igualdade de Oportunidades	Identificar a igualdade de oportunidade que o educador cria na sua sala de aula.	<p>Tem a preocupação de gerar igualdade de oportunidades na sua sala de aulas? Étnicas, de género, língua, etc.? O que faz para isso?</p> <p>Acha que o jardim é um bom meio para gerar maior igualdade de oportunidades? Porquê? Como?</p>	

Bloco- 11 Participação dos Pais e da Comunidade	Identificar as estratégias que promovam a participação dos pais e da comunidade no jardim	Como faz para assegurar a participação dos pais e encarregados de educação na aprendizagem das suas crianças? Que atividades desenvolve?	
Bloco- 12 Monotorização e Avaliação	Descrever os processos de avaliação de educador na sala de aula .	<p>Tem uma preocupação com a qualidade do que as crianças aprendem aqui no jardim, sobretudo nas suas aulas? Porquê?, de que forma? O que acha que podia fazer para melhorar?</p> <p>Pretende que seja avaliado de ano para ano? Porquê?</p> <p>O que é a Supervisão?</p> <p>Será que fazem supervisão entre vocês-educadoras?</p> <p>Não sei se deseja dizer algo mais?</p> <p>Muito Obrigado senhora Educadora.</p>	



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



**CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL**

Guião de Entrevista Semi-diretiva aplicado ao inspetor/ supervisor pedagógico

TEMA: Supervisão da Prática Pedagógica de Educadores no Jardim de Infância, faixa etária 3/5 e 5/6 anos, com foco na Organização do Ambiente Educativo, as Planificações e as Rotinas.

Objetivos: -Conhecer as dificuldades pedagógicas dos Educadores

-Analisar as práticas de supervisão existente no Jardim da Infância

Blocos	Objetivos específicos	Questões	Tópicos
--------	-----------------------	----------	---------

Bloco- 4 A figura do supervisor	<p>Refletir sobre as potencialidades e dificuldades no exercício da profissão em supervisão pedagógica.</p> <p>Perceber as estratégias utilizadas para superar as dificuldades sentidas no exercício da atividade supervisão</p>	<p>Quais julga ser as suas potencialidades como supervisor pedagógico?</p> <p>Que dificuldades tem sentido no desempenho de suas funções como supervisor pedagógico?</p> <p>Como tem tentado ultrapassar essas dificuldades?</p>	
Bloco- 5 As vantagens da supervisão	<p>Identificar as vantagens da supervisão.</p>	<p>Quais, no seu entender, são os contributos da supervisão no ensino? Quais os pontos fortes da supervisão para o desenvolvimento do ensino e das aprendizagens das crianças?</p> <p>Qual a intencionalidade/utilidade da Supervisão Pedagógica na melhoria da prática profissional dos educadores e na aprendizagem das crianças?</p>	

<p>Bloco- 6 A importância da Supervisão Pedagógica</p>	<p>Perceber a importância da Supervisão Pedagógica</p>	<p>Podes descrever em síntese sobre a supervisão pedagógica? Qual é a importância da supervisão no Jardim? Qual é o objetivo da supervisão pedagógica? Qual é o trabalho prévio da supervisão? "entre supervisor e educador" ? Enquanto Inspetor-Supervisor quais são os instrumentos utilizados na prática de supervisão? E podes fornecer esses instrumentos Qual é o foco essencial destes instrumentos na prática de supervisão? Será que o inspetor-supervisor pode de alguma maneira interferir na plena aula do educador? porquê? De que maneira? Quais são os procedimentos do desencadeamento de um processo inspetivo-supervisor dentro da sala de aula? Apos observação o que se discute com educador inspecionado ou supervisionado? Como é que os educadores encaram a supervisão? Como é que os educadores veem o inspetor –supervisor na prática de supervisão? Quantas vezes é que o inspetor-supervisor visita um educador num ano letivo? Quais são para si os aspetos mais críticos num processo de supervisão em educação de infância? Qual é para si a importância do supervisor pedagógico para o sistema educativo? Acha que a supervisão pode contribuir para a melhoria e eficácia do sistema educativo? Como?</p>	
---	--	---	--

Bloco- 7 Apoio concedido aos educadores	Perceber como o supervisor ajuda os educadores a desenvolverem as suas competências profissionais e pessoais?	Como ajuda os educadores à desenvolverem as suas competências profissionais na realização das suas atividades como sendo um inspetor-supervisor e professor das escolas de formação de educadores? Considera a sua prática supervisão uma oportunidade de melhoria para os educadores? Como adquiriu e desenvolveu as suas competências profissionais como inspetor/supervisor pedagógico? O que no seu entender poderá ser feito para melhorar a formação dos supervisor pedagógico como profissionais?	
Bloco- 8 Currículo/Experiências de Aprendizagem	Identificar os métodos pedagógicos que o jardim adota para aprendizagem das crianças	O que acha que crianças devem aprender no Jardim? Que tipo de atividades /experiências são proporcionadas pelos educadores para as crianças? Considera que as atividades desenvolvidas no jardim pelos educadores respondem às necessidades de crianças? Facilitam a aprendizagem e a transitoriedade?	

<p>Bloco- 9 Inspetor/Pessoal</p>	<p>Identificar os recursos humanos Verificar o nível de cooperação estabelecido entre os docentes.</p> <p>Compreender de que forma são promovidas o desenvolvimento pessoal docente e não docente através da avaliação interna da instituição.</p>	<p>Como é feita a distribuição dos professores/educadores? Acha que é suficiente o número de professores/educadores para todas as áreas? Há cooperação entre todo o corpo docente? Como é feita? Que problemas encontra com a falta de cooperação do corpo docente? Como promove o desenvolvimento profissional dos professores/educadores? Quais as ações de formação que os professores/educadores necessitam e procuram mais? Que ações de formação a escola promove para melhoria dos seus profissionais? O inspetor supervisor gostaria de dar informações que achar importante, e que não perguntamos?</p> <p>Muito Obrigado senhor Inspetor.</p>	
---	--	---	--

Apêndice 7 – Transcrição das Entrevistas

Participante - A1

DIRETORA

Para iniciarmos esta nossa conversa gostaríamos de saber da sua idade?

A1- tenho 53 anos de idade.

Você mora próximo do jardim?

A1- Sim morro ao pé de jardim, e ele fica muito (...).

Ocupou esta função desde quando?

A1- Ocupo esta função desde de 2014

Podia-nos falar um pouco da sua formação académica e experiência profissional neste campo educacional?

A1- Licenciada em educação de Infância, e sou educadora de infância desde 1999, comecei a trabalhar nos colégios (...), e Internato (...), e depois vim para Guiné-Bissau, onde trabalhei no Jardim (...), e depois fui para Buba onde não ocupei o cargo de diretora a tempo inteiro, por motivos de saúde e acabei por transferir para Bissau no Jardim de Infância (...), onde atualmente desempenho funções de diretora.

Considera importante que as crianças frequentem o jardim?

A1- Claro que sim, é muito importante desde já que a partir do jardim que as crianças desenvolvem suas aprendizagens.

Considera que esta Instituição-Jardim dá resposta as necessidades das crianças e dos pais?

A1- Procuramos e tentamos que assim seja, dar respostas e alcançar os objetivos que consiste em educar, desenvolver as aprendizagens das crianças , que também é o desejo dos pais.

Quais as principais preocupações face as crianças e face aos pais?

A1- Atendendo o papel de diretora é de tentar fazer o elo de união, unidade, hermonia, entre as educadoras, crianças e promover o envolvimento parental dos pais no processo de desenvolvimento de aprendizagem dos seus filhos ou educandos.

A instituição tem um projeto educativo? Porquê? e por quem foi elaborado?

A1- Sim, porque o projeto educativo é um documento orientadora que orienta o plano do jardim, as atividades e o seu funcionamento. E nenhuma instituição pode funcionar sem este documento. E foi elaborado por mim diretora, educadoras e associação dos pais e encarregados, ou seja a comunidade educativa, e o projeto tem um horizonte temporal de 5 anos.

Quais as principais linhas orientadoras do projeto educativo ? Como são concretizadas na prática?

A1- As linhas orientadoras acenta-se nos princípios e valores da educação, e são concretizadas a partir das atividades desenvolvidas.

Que tipo de atividades /experiências são proporcionadas para as crianças?

A1- Temos muitas atividades, atividades essas alguns são realizados na sala de atividade e alguns fora da sala de atividade exterior/recinto do jardim. Exemplos de atividades iniciação a leituras e a escrita, histórias, jogos, dramatizações, lenga-lengas, desenhos, matemática (blocos lógicos),etc...para estimular a capacidade lógica das crianças.

Considera que as atividades desenvolvidas no jardim respondem às necessidades das crianças? Facilitam a transjetoriedade para o nível seguinte da escolaridade?

A1- Sim respondem as necessidades das crianças, em função das atividades que se desenvolvem e das aprendizagens, mas não digo à cem por cento, entretanto, estamos a trabalhar nisto, para potencializar as três dimensões do desenvolvimento (cognitivos, físico e psicossocial). Dimensões essas quando forem bem trabalhadas e desenvolvidas facilitam a tranjetoriedade das crianças para o nível seguinte da escolarieda.

A instituição adota algum modelo / método pedagógico específico (ex: método tradicional, centrado no educador e expositivo; método centrado nas crianças e em trabalhos de grupo; método misto: expositivo e trabalhos de grupo...)?

A1- Aqui nos adotamos o método expositivo centrado nas crianças (aprendizagem e ensino) e principalmente trabalhos de grupo, isto é, usamos o método misto expositivo e trabalhos de grupos, por exemplo grande grupo, pequenos grupos e grupo de pares.

O jardim trabalha em quantos períodos letivos?

A1- O Jardim trabalha num período só, das 8 horas de manha as 16 horas da tarde.

Como são organizadas as salas e as rotinas das crianças e educadores?

A1- As rotinas são organizados assim: temos 8 salas; uma (1) sala de 2 anos, três (3) salas de 3 anos, duas (2) salas de 4 anos e duas (2) salas de 5 anos. E cada sala tem duas (2) educadoras. Ainda algumas salas, como uma das salas dos 3 anos e as salas de 5 anos com mais de duas educadoras, por causa das estagiarias. Essas estagiarias não permanecem no jardim todo o dia saem em tempos alternados.

Quais são as áreas de conteúdos/temas mais valorizadas no jardim? E menos valorizadas?

A1- Valorizamos a Escrita, Matemática, Expressão Plástica, Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Histórias, e entre outros, os menos valorizados é corrida das crianças, mas também se forem bem reestruturados, trabalhados e postos em prática,

promovem o processo de desenvolvimento de ensino e de aprendizagem. Em suma todos os conteúdos são importantes e valorizados, porque se não, não faria sentido de estar no Jardim para os desenvolver.

É dada a devida importância à aprendizagem da língua da escolarização, o português? Como valoriza o trabalho dos educadores?

A1- Muito, porque é tão importante à aprendizagem, é isto, que é a base fundamental, para permitir as crianças a socializarem e familiarizarem com a linguagem.

As educadoras são valorizadas e são muito importantes para o processo, alguns tem formação outras tem menos, mas nota-se o esforço e a boa vontade delas em continuar aperfeiçoar os seus trabalhos profissionais, com vista a traduzir as experiências e os ensinamentos na prática do dia a dia em prol das crianças, e são valorizadas a partir destas dinâmicas.

Acha que as atividades e experiências de ensino que são propocinadas para as crianças são as mais adequadas?

A1- Nos tentamos que sejam adequadas e proporcionadas para as crianças, mas as vezes não, os métodos que as educadores trazem a partir das escolas dos citos onde formaram, nos reestruturamos, adaptamos/adequamos de forma que poderá trazer ainda mais o benefício para as crianças. por que o nosso objetivo é que as atividades e os métodos que vão ser usados sejam adequadas para as crianças.

Acha que existe uma preocupação com a aprendizagem de todas as crianças, de não deixar nenhum criança ficar para trás?

A1- Claro que é, a nossa preocupação é essa, que todas as crianças saem daqui bem preparadas e formadas com base nos princípios e valores que regem o processo de ensino e de aprendizagem.

Como é planeado e avaliado o projeto educativo da instituição? Existe um plano anual?

A1- Sim existe plano anual, trimestral, semanal e diário, e é aválido três em três meses, mas se há uma necessidade de fazer correções fazemos.

Como é feito o planeamento e a avaliação em cada sala? Por cada educador? Quais são os critérios usados? Existe algum trabalho entre os educadores e a direção?

A1- Temos plano diário em que se faz avaliação das atividades diárias, essas avaliações vão desembocando nas avaliações das competências de crianças, através da grelha de avaliação de competências usadas pelas educadoras.

O critério usado é a grelha de avaliação de competência da criança.

Entre a Direção e as educadoras existem trabalhos que se realizam, formações de capacitação, reúnem 15 em 15 dias para o balanço dos trabalhos de duas semanas, assim como troca de ideias e de experiências.

Quantos educadores e outro pessoal existe na instituição? Como são contratados? Quem contrata? Com que critérios?

A1- Tem 22 trabalhadores (1 Diretora, 14 Educadoras, 01 Secretária, 03 Pessoal de Limpeza, 02 Cozinheiras e 01 Porteiro).

São contratados mediante a um concurso documental, depois uma entrevista e por fim estágio e seguimento ou melhor período de experiência, isto é, observar o/a candidato/a, se tens condições para tal.

A Diretora e Secretária é que contratam os educadores, mediante as vagas existentes, com base nos critérios acima mencionado – concurso documental.

Qual é o horário e como é feita a distribuição dos educadores e outro pessoal?

A1- Horário é das 8 h 00 a 16 h 00, com um repouso de 1 uma hora para o almoço, este horário abrange dos os trabalhadores docentes e não docentes, com exceção do jardineiro que trabalha até as 13 h 00 da tarde

Acha que é suficiente o número de educador e de outro pessoal para as necessidades da jardim?

A1- Para as educadoras sim é suficiente, mas para o pessoal da limpeza não é suficiente, para tal, estamos a pensar no assunto, para no próximo ano aumentar mais pessoal de limpeza.

Quais os principais problemas que existem no jardim e no seio dos educadores?

A1- Graças a Deus sou pessoa de sorte felizmente não tenho grandes problemas, até posso considerar que não existem problemas, rezamos também para que não acontece problemas mais complexos.

Como promove o desenvolvimento profissional dos educadores e do outro pessoal?

A1- O que eu faço sempre é o diálogo franco, boa relacionamento, e nos mantemos o diálogo constantemente em ordens diferentes no que refere resolução dos problemas, troca de ideias e experiências, definição das estratégias e métodos para o trabalho, etc...

Quais as ações de formação que os educadores procuram mais? Acha mais importante a frequência de ações de formação no exterior ou as que se realizam ou poderiam realizar no jardim, aqui na instituição?

A1- Elas interessam por toda ação de formações que estão ligados as suas áreas, pelo menos quando há, maioria delas participam. A formação dentro ou fora da instituição, ambas são importantes na medida em que vai aumentar o conhecimento profissional e a mudança da prática profissional não é de mais assistir as formações fora da instituição; se acolher vai permitir troca das ideias e experiências e não só ver a outra realidade, que vai ajudar muito na consolidação ou melhoramento da prática das educadoras

Pensa que os espaços interiores e exteriores e as salas são suficientes e adequados para as crianças e educadores e o acolhimento aos pais e outros elementos da comunidade educativa?

A1- Dentro das nossas possibilidades sim, é suficiente e há aspetos ou cenários que nos permitam a fazer flexibilidade no uso do espaço, para respondermos as necessidades das crianças, dos pais ou em geral da comunidade educativa.

O que gostaria de ter e de melhorar em relação aos espaços e materiais e recursos educativos?

A1- Gostaria de melhorar em relação aos espaço, ter mais salas amplas ou seja grandes; em relação aos materiais e recursos educativos, ter mais materiais em quantidade suficiente e se possível ter de sobra para aguardar.

Que tipo de relações procura estabelecer entre todos os educadores e restante pessoal?

A1- Relação de confiança, de diálogo, de amizade, porque sem isso, não há uma boa relação, esses fatores são indispensáveis na construção de uma relação sã e cordial.

Existem reuniões periódicas formais e informais, partilha de informações?

A1- Sim, fazemos reuniões periódicas sempre, formais e informais. Mas não obstante se houver uma situação ou um imprevisto reunimos com a urgência para fazer cobro a situação ou problema, assim também como partilha de informação quando é necessário. Saliento ainda que este presente ano letivo 2019/2020 intensificamos as reuniões periódicas para mensais visto que é necessário para a consolidação do plano anual.

Como vê o seu papel na promoção de um bom clima relacional entre elementos da instituição?

A1- Bom não posso julgar a mim mesmo, mas sei que desempenho um papel de promoção de uma boa clima relacional, porque eu onde estou quero a paz elas sabem se falares com elas vão te dizer há certas coisas que eu passo em cima dele para que haja uma boa clima. E eu faço isto através do diálogo, da aproximação, de atenção e de compreensão

Há uma preocupação na instituição em criar uma maior igualdade de oportunidades: étnicas, deficiência física e mental, língua, de género? Como faz para a pôr em prática?

A1- claro que sim há uma preocupação em criar uma maior igualdade, sentamos as crianças de forma integrante para os jogos, através de desenvolvimento das atividades e dos jogos com base no respeito dos aspetos físicos, culturas e sociais, e procuramos não fazer as diferenças, porque somos todos iguais e devemos ter mesmos oprotunidades e promover maior equilíbrio em termos de igualdades.

Acha que o jardim pode ser um meio de criar maior igualdade de oportunidades? Porquê? E Como?

A1- Sim, ele é um meio de criar igualdades de oportunidades, como disse isto só se faz a partir do diálogo, aproximação, amizade, a nossa maneira de ser e desenvolvimento das atividades e dos jogos.

Qual é a relação da comunidade- escola e relação das famílias com o jardim, Serviços de saúde, associações e outras instituições, etc.?

A1- Há uma boa relação, apesar que é sempre difícil né, porque alguns pais batem as palmas e elogiam os trabalhos realizados pela direção e educadoras, mas também alguns criticam os trabalhos, mas nós não devemos ficar mal com isso, a única coisa que podemos fazer é aceitar essas críticas construtivas, transforma-los num desafio com vista ao melhoramento do nosso jardim.

Enquanto serviços de saúde, associação e outras instituições procuramos sempre que haja uma boa relação recíproca com os nossos parceiros.

Os pais e encarregados de educação (PEE) participam na vida do jardim? Como é assegurada a participação dos pais e dos PEE? Que formas de participação são desenvolvidas?

A1- Nós já estamos a ver com a criação de associação dos pais encarregados de educação, que de fato estão ajudar muito, e também estão aperceber que há uma dificuldade grande dos pais participarem na vida do jardim ou dos seus filhos, nas atividades desenvolvidas e nem se quer acompanham os seus filhos nas aprendizagens, mas graças a Deus a situação está mudar paulatinamente.

O asseguramento é feita nas atividades desenvolvidas pela direção, através dos convites para participarem nas palestras, nas atividades, como se vê neste momento, o jardim está nos preparativos para o carnaval e este ano queremos fazer um carnaval de anos 60. Em que os pais vão vestir do carnaval dos tempos mais remotos, mostrando a diversidade cultural do povo guineense e permitir as crianças conhecerem as suas identidades culturais. E não só, depois de carnaval, haverá atividade de semana mágica que nos anos atrás não havia envolvimento dos pais, mas graças a Deus com a criação de associação dos pais estes últimos anos houve envolvimento dos pais de forma positiva e até alguns constoem alguns objetos e oferecem o Jardim para a venda na atividade de semana mágica e ganhar algum dinheiro. Significa se associação dos pais continuarem a funcionar assim, obviamente que haverá o envolvimento parental muito forte e a direção do jardim, as educadoras ficarão satisfeitos, porque tudo isso vai consubstanciar nas valências ou aprendizagem das crianças.

Existe uma preocupação em melhorar as condições de aprendizagem das crianças? E as condições de trabalho dos educadores? Como avaliam a melhoria da qualidade das aprendizagens das crianças?

A1- Claro que sim, existe mais e mais ainda é a nossa preocupação do dia a dia. Para com as educadoras investir nas formações e assim como na formação humana. E eu avalio a melhoria da qualidade das aprendizagens dentro da sala eu sou a pessoa que frequenta as salas constantemente, vejo como as educadoras desenvolvem as atividades e como as crianças estão absorver as aprendizagens, se houver algo que não está bem tento corrigi-lo com educadoras no sentido de melhorar o trabalho, mas essas correções se fazem nos momentos oportunos. Aliás, também antes observo os planos diários e faço feedback. Entretanto, esses são elementos que permitam me fazer uma avaliação da qualidade.

O que é supervisão?

A1- É apoiar, ajudar, aproximar e controlar os trabalhos das educadoras.

Para terminar: Como Diretora desta instituição quais são neste momento as suas maiores preocupações face as crianças, face aos educadores e face aos pais?

A1- A minha maior preocupação é sempre bem estar social dessas crianças, principalmente as suas aprendizagens e cuidados, e para as educadoras empenho, dedicação, formação e amor para com as crianças e por fim aos pais, o maior envolvimento parental e a acompanhamentos dos seus filhos ou educandos.

Podes fornecer mais informações que achares conveniente e que não perguntamos?

A1- Não acho que falei tudo.

Podes fornecer cópia dos documentos ou instrumentos como : plano de atividade anual, plano curricular etc... ?

A1- Posso sem problemas.

Muito obrigado.

Participante-A2**EDUCADORA**

Para iniciarmos esta nossa conversa gostaríamos de saber da sua idade?

A2- Tenho 29 anos de idade

Você mora próximo do jardim?

A2- Não, morro no (...), e o jardim fica no (...).

Ocupou esta função desde quando?

A2- Ocupou esta função desde 2010

Podia-nos falar um pouco da sua formação académica e experiência profissional?

A2- Antes de mesmo eu me formar, estava-me a trabalhar como educadora de infância, depois eu me formei na escola de Artes e Ofícios de Quelelé no curso da educadora de infância, após de isso, tive contratação das (...), no qual estou a trabalhar até hoje no jardim (...). Mas antes disso, eu estava a trabalhar num jardim (...) trabalhei ali durante 6 anos e depois segui para atual jardim (...).

Considera que este jardim dá resposta às necessidades das crianças?

A2- Sim dá resposta; tirando as crianças com NEE que no alguns momentos das atividades sentem-se dificuldades, mas mesmo assim eles também conseguem um grande respostas das suas necessidades à uma escala grande de percentagens.

Quais são as suas principais preocupações para com as suas crianças nestes níveis?

A2- A minha preocupação é conseguir desenvolver nelas os meus objetivos traçados, tendo em conta isso, ver o nível de desenvolvimento de aprendizagens, se estão progredir ou arregredir.

Quais são as suas principais preocupações como educadora?

A2- O que me preocupa mais, não é só atingir os meus objetivos traçados, mas também fazer as crianças sentirem o jardim como a sua segunda casa, e eu como a sua segunda mãe.

Considera que as atividades que organiza na sala e fora elas dão resposta às necessidades das crianças?

A2- Sim, promovem o processo de desenvolvimento de aprendizagem das crianças, e dão resposta às necessidades das crianças.

Tem algum método de ensino/ estratégias de ensino que usa com as suas crianças?

A2- Os métodos que eu uso sempre é método participativo, eu faço as crianças interagirem nas atividades, as atividades não podem ficar só comigo, neste ordem de ideia nos interagimos nas atividades.

Quais são as atividades que as crianças realizam todos os dias na sala de aula? Pensa que estas atividades contribuem para a aprendizagem das crianças?

A2- Atividades de linguagem, Histórias, conversas em grupos são uma das atividades que realizamos todos os dias, para poderem irriquecer os seus vocabulários e desenvolver à oralidade. Essas atividades contribuem muito na aprendizagem da criança, ao conversar com as crianças logo vê-se a oralidade a forma como elas pronunciam e falam. Por isso nas minhas atividades dou sempre a prioridade de conversar em grupo, porque ajuda muito.

Como organiza as suas crianças na sala para aprenderem com mais facilidade?

A2- Eu organizo as minhas crianças em forma de um círculo sentamos a volta de uma roda do círculo para poderem me ver eu também vê-las, E em termos de dinâmica, devida o grande grupo em dois grupos desta forma facilita o meu trabalho e aprendizagem das crianças.

Consegue organizar as crianças em pares, em pequenos grupos ou grande grupo? Porquê?

A2- Em termos das dinâmicas e de organização dos grupos, sabendo que cada tipo de organização em termos de grupo tem o seu objetivo que a educadora quero atingir. Entretanto, eu organizo a minha sala em grande grupo, pequenos grupo e grupo de pares em função dos objetivos que quero atingir com os meus meninos.

Existe uma preocupação permanente em cada aula com a aprendizagem das crianças?

A2- Claro que sim, preocupe bastante, por isso faço sempre as dinâmicas para motivar e estimular as crianças, para que elas possam no desenvolvimentos dos conteúdos conseguirem atingir os objetivos traçados. Confesso que a maior preocupação que tenho dia pos dia é que as minhas crianças progredem no desenvolvimento das suas competências, físicas, cognitivas e psicossocial.

Como consegue saber que todas as crianças estão envolvidos na aprendizagem das atividades promovidas?

A2- No momento de desenvolvimento das atividades, faço sempre a OBSERVAÇÃO/REGISTO para ver as crianças se estão envolvidos nas aprendizagens.

Que estratégia adota para as crianças com dificuldades de aprendizagem nos conteúdos ou temas desenvolvidas?

A2- A estratégia que eu adoto para as crianças com dificuldades de aprendizagem, quando umas crianças não conseguem eu retiro-lhes e ponho-lhes num pequeno grupo e tento trabalhar com elas para ver se vai sortir algum efeito.

Recebe apoio da equipa de supervisão para facilitar o seu trabalho?

A2- Sim, no ano passado recebemos uma equipa Portuguesa, que veio dar formação na área das atividades lúdicas, expressões, canções etc... para melhorar o nosso trabalho.

Como avalia o trabalho de supervisor no desenvolvimento profissional e pessoal do seu trabalho?

A2- Independentemente dos apoios que recebemos da equipa portuguesa, que tem um impacto positivo na melhoria das nossas atividades; considero e avalio esses trabalhos de supervisão de forma super positiva e é indispensável.

Como planeia e avalia a sua atividade como educadora?

A2- As minhas atividades são planificadas, tendo em conta a faixa etária e as competências; e avaliação que eu faço é de dois momentos, primeiro momento é observação e registo e no segundo momento é consolidar e ver se os objetivos traçados foram atingidos pelo grande grupo.

Planeia com base em que conteúdos ou temáticas?

A2- Como sabes temos plano curricular, que contém os conteúdos ou temáticas e plano anual, para tal, eu planeio com base nestes instrumentos.

Quais são os componentes que consideras importante numa planificação?

A2- Todos os componentes são indispensáveis, desde os Conteúdos, Objetivos, Público-Alvo, Descrição das atividades, recursos, tempo e avaliação, porque todos estes, elementos são conjunto que visam uma aprendizagem.

Tens uma visão clara do que as crianças podem aprender com atividades previstas?

A2- Claro que sim aprendem, o plano é flexível, o previsto, assim como o imprevisto ambos promovem as aprendizagens, depende do contexto e a realidade em que se desenvolve os conteúdos, se permitam uma agilização de mudar ou não mudar.

As atividades realizadas são adequadas á faixa etária das crianças?

A2- Sim, é base de uma planificação, saber a quem estamos a planear. Portanto, as minhas atividades sempre estão adequadas em função da faixa etária das crianças. Aliás aqui no jardim para planificarmos, costumamos agrupar as educadoras em função das faixas etárias, isto é, as educadoras de 2 anos agrupam-se dos 3 anos também assim sucessivamente até aos 5 anos. Com base no plano curricular os temas a planificar são as

mesmas para todas as faixas etárias, mas cabe cada grupo de educadoras enquadrar ou adequar o tema em função da sua faixa etária, respeitando o ritmo do seu público-alvo

Interage com a turma através da linguagem verbal, não-verbal, contatos visual, gestos e outros...? Isto promove o desenvolvimento das crianças?

A2- Obviamente que sim, uso linguagem verbal e não verbal, contatos visuais, gestos, circulação dentro de sala e movimentos corporais em todo o sentido. Claro que tudo isso promove o desenvolvimento das crianças, porque dá possibilidades de elas observarem e registrar nas suas mentes.

Como faz o registo do trabalho e dos progressos da criança? Atraves de que instrumentos?

A2- Temos dos instrumentos para registrar os progressos da criança;o primeiro instrumento é chamado caderno de ocorrência em que nós registamos diariamente os progressos ou os acontecimentos da criança; e o segundo é chamado ficha de avaliação mensal.

Como avalia os conhecimentos das crianças?

A2- É apartir da ficha de avaliação mensal, nos avaliamos as competências, linguísticos, motoras, socio-afetivo, cognitivas entre outras....

Podes fornecer cópias de instrumentos do seu trabalho, por ex. plano diário, semanal, mensal e anual, horário das rotinas e grelha de avaliação?

A2- Sim, posso sem problema alguma.

Qual é o seu horário de trabalho semanal? Quantas horas trabalha por semana? E quantos meses por ano?

A2- O meu horário de trabalho são das 8 horas diário, isto é, entro das 8 horas e saio as 16 horas. Por semana trabalho 40 horas e por meses, 10 meses para o desenvolvimentos das atividades letivas, e 1 mês para os preparativos, planificações e organização dos materiais para o próximo ano letivo, assim totaliza 11 meses por ano, que eu trabalho.

Quantas crianças tem na sua sala?

A2- Tenho 34 crianças; (Masculino -18 e Femenino - 16).

Trabalhas que faixa etária?

A2- Faixa etária dos 5 anos.

Quantas turmas/salas tem?

A2- 1 (uma) turma/sala.

Tem preocupação em se atualizar, quer dizer, em fazer formação?

A2- Quero sim, quero e muito.

Desde a sua última formação, frequentou uma outra formação contínua?

A2- Sim frequentei a formação na área de educação de infância que durou 3 anos, promovida pela Fundação Fé e Cooperação (FEC)

Que instituição promoveu: o seu jardim ou o Estado?

A2- Promovida pela Fundação Fé e Cooperação (FEC) e me foi selacionada a quando estava a trabalhar no jardim Aruna Embaló.

Pensa que os espaços interiores e exteriores são suficientes e adequados para as crianças e educadores? Como? E tem segurança?

A2- Sim são adequados para as crianças assim como para as educadoras e também tem segurança porque o jardim é vedado e tem o portão principal que fecha quando as crianças entram, e abri só quando vão para casa.

Acha que a sala de educadores é confortável para preparação da aula e encontros de pequenos acertos com colegas educadores?

A2- Sim é confortável para os acertos e preparação das aulas.

Tem materiais suficientes para trabalhar com as crianças? Papel, lápis, canetas, manuais, livros, jogos, cartolinas, abacos, tintas, pincheis, lápis de cores e de ceras,...?

A2- Sim, tem materiais suficientes e se encontram num bom estado de conservação.

Existem computadores no jardim para facilitar no seu trabalho? E as crianças têm computador ou telemóvel para verem desenhos animados e ouvirem músicas? Se sim, faz uso pedagógico dos mesmos? Como?

A2- Sim, cada sala tem um computador para facilitar os trabalhos; mas as crianças não têm computadores e nem telemóveis individuais, aproveitamos o computador que está na sala para vermos desenhos animados e ouvir músicas. Faço o uso destes materiais quando tivemos atividade que vai exigir o seu uso, usamos.

Pensa na construção dos recursos pedagógicos através dos materiais reciclados ? tens construído apenas um recurso? Qual? Fala da experiência desta construção?

A2- Sim, nos construímos o réki réki que é um material de som, porque temos aulas de música. Isto foi construído com lata de sumo vazio, colocamos pedrinhas lá dentro e também construímos os números e letras através de papelões e entre outros. A experiência foi boa, quando eu cheguei no jardim vi os números construídos com plásticos, logo veio-me na cabeça a ideia de construir os números com papelões em vez de plásticos, logo fui

ter com a Irmã e ela por sua vez autorizou me para fazer. Assim procurei papelons e chamei os meus mininos sentamos numa roda como de costume e começamos a conversar sobre as técnicas e ao mesmo tempo pomo-la em prática a construção dos números com papelons, depois de aprenderem as técnicas de construção, e fomos para outra fase da pintura e pintamos todos os números, de modo que ficou clorido e bonito, as crianças gostaram muito.

Como avalia as suas realções com a direção, com os colegas, com as crianças e com os pais?

A2- A minha relação com a direção, pais e criança são boas.

O que faz para gerar um bom clima relacional no jardim?

A2- Pronto, aqui no jardim trabalhamos em equipe, eu vou sempre ao encontro das minhas colegas para discutir atividades, pergunto se tiver dúvida, faço as pesquisas, diálogos e ajudamos uns ao outra para encontrar soluções dos nossos problemas, estou sempre desposto para ajudar na medida da minha possibilidade, no fundo há uma boa clima de relacionamento.

Tem a preocupação de gerar igualdade de oportunidades na sua sala de aulas? Étnicas, de género, língua, etc.? O que faz para isso?

A2- Eu tento no máximo para fazer o equilíbrio e gerar igualdade de oportunidade na sala assim como fora de sala, nos aspetos étnico, género, língua, cultural etc....

Nas atividades tento incluir todas as crianças, por exemplo na atividade de natal ou carnaval que está a porta incluo os muçulmanos em todas atividades; de igual modo, quando se desenvolve atividades ligados a cultura muçulmana também incluo os cristões, é vice-versa, isto é, para mostrar que perante sociedade e as leis temos a mesma igualdade de oportunidade.

Acha que o jardim é um bom meio para gerar maior igualdade de oportunidades? Porquê? Como?

A2- Sim, o jardim é um meio , porque é no base que se começa tudo, porque também no jardim nos não fazemos as diferenças, tentamos incluir todas as crianças, idependentemente da posição social, económica, étnica, religiosa por aí fora.

Como faz para assegurar a participação dos pais e encarregados de educação na aprendizagem das suas crianças? Que atividades desenvolve?

A2- O jardim tem um calendário de atividades, nos fazemos atividade de atendimento com os pais, isto se faz após da reunião trimestral, ali aproveitamos esta oportunidade para mostrar os trabalhos dos filhos, para os pais poderem ver o desenvolvimento dos seus filhos, quais são as dificuldades e tentamos também conversar com os pais sobre o comportamento dos filhos.

E ainda fazemos outra atividade que é 8 de março, em que convidamos e tentamos trazer os pais, para formarem uma equipa, com vista ao jogo de futebol com as educadoras e envolvendo-os nas atividades.

Temos também outra atividade chamado semana mágica é uma atividade lúdica e criativa que exige não só participação das educadoras, mas também como dos pais e encarregados de educação, é uma semana em que cada educadora e cada pai, cada um com diferentes habilidades fazem uma criação artística. Depois fazemos exposição juntamente com trabalho das crianças, em que elas-crianças vão passar na exposição para verem e saberem quais os pais que fizeram os trabalhos.

E por últimos estamos a preparar o carnaval de ano 60 Em que os pais vão envolver e vestir do carnaval dos tempos mais remotos, mostrando a diversidade cultural do povo guineense e permitir as crianças conhecerem as suas identidades culturais. Entretanto, o mais bonito é que os pais vão também dançar e perfilar, à moda 60.

Tem uma preocupação com a qualidade do que as crianças aprendem aqui no jardim, sobretudo nas suas aulas? Porquê?, de que forma? O que acha que podia fazer para melhorar?

A2- A minha preocupação é desenvolver competências nas crianças, e tento sempre observar as crianças que não conseguem desenvolver as suas competências, aranje outra estratégias para poder ajudar essas crianças. E a partir dessa observação vejo se os meus objetivos, se estão a ser cumpridos ou não e daí penso nos aspetos a melhorar, através das pesquisas, dos colegas, das novas dinâmicas ou trabalhar em pequenos grupos.

Pretende que seja avaliado de ano para ano? Porquê?

A2- Eu perfiro que me seja avaliada mensalmente, assim poderia melhorar a minha atividade profissional. E no jardim eu avalio as minhas crianças mensalmente, apesar que tenho caderno de ocorrência em que eu noto as aprendizagens diários, para ver se atingi o objetivos traçados.

O que é a Supervisão?

A2- É apoiar e melhorar a prática pedagógica.

Será que fazem supervisão entre vocês-educadoras?

A2- Sim, fazemos. Principalmente eu dada experiência que tenho, quando fui para uma sala, se vi que a educadora a forma como está desenvolver a atividade não vai ao encontro dos objetivos eu chamo-a ou espero num momento oportuno conversamos sobre a atividades e procuramos junto melhorar aspetos em causa. E também no momento da planificação se eu vi algo que está mal eu tento conversar com os colegas, antes de submeter o plano para apreciação da irmã. E alguns colegas recorrem a mim para pedir ajuda e, eu estou sempre disponível. E também se tiver dificuldades recorre junto dos colegas para procurarmos solução.

Estamos disponíveis para sermos sempre mais sempre supervisionados.

Não sei se deseja dizer algo mais?

A2- Não tenho nada a dizer, penso que já diz tudo.

Muito obrigado.

Participante-A3**INSPETOR DA IGE**

Para iniciarmos esta nossa conversa gostaríamos de saber da sua idade?

A3- 34 anos.

Você mora próximo da escola?

A3- Já morei próximo da escola, mas agora não.

Desempenhou a função de inspetor/ supervisor pedagógico desde quando?

A3- Desempenhou esta função desde dezembro de 2017.

Podia-nos falar um pouco da sua formação académica e experiência profissional neste campo educacional?

A3- Tenho licenciatura em Pedagogia com especialização em Gestão, Administração e Planificação Escolar. Antes de me formar, já tinha desempenhado as funções do diretor, subdiretor, secretário adjunto, presidente do conselho disciplinar e presidente de conselho técnico pedagógico (PCTP), da escola. Após a formação profissional, trabalhei como professor, diretor da escola por 3 anos, secretário administrativo e docente da escola de formação de professores (...) por 3 anos letivos (2014 a 2017).

Na sua opinião, o que significa o conceito de Supervisão Pedagógica? / O que entende por Supervisão Pedagógica?

A3- Na minha modesta opinião e de forma sintética, a Supervisão pedagógica diz respeito a acompanhar de perto as atividades docentes no quadro de ensino e aprendizagem, por forma a detetar as eventuais lacunas e propor medidas de superação para os professores, tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem.

Tem formação na área da supervisão?

A3- Durante a minha formação, fui submetido aos estudos teóricos na área de supervisão pedagógica, cadeira constante no plano curricular estudado, além de estudos teóricos, fiz estágios em supervisão pedagógica numa das escolas de formação de professores denominado ENIEGE, na República dos Camarões. Ainda durante a formação de Inspetores a que fui submetido em 2017 na Guiné-Bissau, fui submetido às práticas pedagógicas de supervisão nas escolas do país.

Como define Supervisão?

A3- Na minha visão particular, considero a supervisão como sendo seguimento e pontual correção de eventuais falhas durante a implementação de umas atividades, em função do plano pré-estabelecido, a fim de, baseado no conhecimento da matéria em causa, facilitar e apoiar os executores. Nesta perspetiva, a supervisão escolar moderna passou a ser entendida não apenas como supervisão pedagógica inicial, mas, num sentido mais abrangente, como supervisão das práticas.

Que característica deve ter um supervisor pedagógico?

A3- As características de um supervisor, são entre outras: Visão ampla e superior ao supervisionado, humilde, observador, crítico, imparcial, conhecimento da matéria, pesquisador, aberto às sugestões, capacidade de avaliação e autoavaliação...

Quais julga ser as suas potencialidades como supervisor pedagógico?

A3- . As minhas potencialidades como supervisor são estas: Imparcialidade, clareza, celeridade no processo, visão crítica e ampla, pontualidade e assiduidade, sigilo profissional, ética e deontologia profissional, capacidade colaborativa.

Que dificuldades tem sentido no desempenho de suas funções como supervisor pedagógico?

A3- As dificuldades existentes são imensas, entretanto, sublinho as seguintes ou principais: Acesso às instituições do ensino do país na sua totalidade devido a falta de meio de transporte (Viaturas, Motorizadas e vedetas), falta de meios financeiros para aquisição de equipamentos necessários para que o supervisionado faça cabalmente seu trabalho, incluindo as recomendações deixadas pelo supervisor, falta de tomada de decisões, por parte dos decisores, baseadas nas recomendações dos supervisores, politização da parte técnica dos serviços da educação...

Como tem tentado ultrapassar essas dificuldades?

A3- As tentativas de ultrapassar as dificuldades se assentam na utilização de meios de transporte particular (motorizada) sustentada com combustível adquirido por meios financeiros próprios, insistências nas reuniões do conselho diretivo sobre as tomadas de decisões ao nível superior ligadas as recomendações dos supervisores. Por outro lado, desenvolvo projetos para aquisição de vedeta para supervisão das atividades letivas nas ilhas...

Quais, no seu entender, são os contributos da supervisão no ensino? Quais os pontos fortes da supervisão para o desenvolvimento do ensino e das aprendizagens das crianças?

A3- A supervisão contribui de que maneira para a eficácia e eficiência dos docentes visando a qualidade do ensino no país. Os pontos fortes da supervisão para o desenvolvimento do ensino e das aprendizagens das crianças assentam-se no facto que a supervisão desenvolve a construção da Dinâmica transitória e diferenciada, focaliza no processo de aprender baseada na reflexão, experimentação, regulação e negociação resultando na autonomização progressiva dos alunos através da criação de um clima democrático e informal, visando, em fim, a liberdade e responsabilidades social da construção de uma sociedade desejada. Portanto, o trabalho do supervisor é multifacetado.

Qual a intencionalidade/utilidade da Supervisão Pedagógica na melhoria da prática profissional dos educadores e na aprendizagem das crianças?

A3- A Supervisão pedagógica é útil para a prática profissional dos educadores e na aprendizagem das crianças visto que, a supervisão pedagógica, desenvolve a qualidade do ensino dos educadores através de pontuais correções de eventuais falhas e preenchimento de lacunas. Supridas as dificuldades dos educadores, automaticamente a qualidade do

fazer aumentar e incidir diretamente na aprendizagem das crianças, melhorando assim os seus resultados qualitativos e quantitativos.

Podes descrever em síntese sobre a supervisão pedagógica?

A3- Gostaria de trazer a vista uma visão retrospectiva da supervisão e uma visão corrente da mesma: a mudança que se insurge decorrente destas medidas regulamentadas, traz para o seio da escola o conceito de “supervisão”, até aos anos 90 utilizado apenas em contexto de formação inicial de professores, função atribuída ao inspetor cuja presença na escola se comparava àquela de um “polícia”, pronto a castigar quando não se exerce a tarefa como deve ser.

A Supervisão é sempre conotada com inspeção e controlo, segundo Duffy, 1998; McIntyre & Byrd, 1998, citados por Vieira, 2009. A partir dos anos 90 a “supervisão”, passou a designar a atividade que tem por objetivo o desenvolvimento e a aprendizagem dos professores que supervisionam e gerem o desenvolvimento e a aprendizagem dos seus alunos. A primeira designação pretendia uma relação de poder contrária aos valores de respeito pela pessoa humana e pelas suas capacidades autoafirmativas e a designação atual pretende ajudar a desenvolver capacidades de Auto supervisão. Donde a sua magna importância como alavanca para a qualidade de qualquer sistema educativo ao nível mundial.

Qual é a importância da supervisão no Jardim?

A3- É importante supervisionar no jardim pois, só com a supervisão que se pode levar as educadoras a operarem dentro dos padrões nacionais de qualidade obedecendo as normas de guia de critérios mínimos para o funcionamento dos jardins-de-infância. A supervisão proporciona a qualidade do trabalho dos educadores visando um produto acabado de qualidade, as crianças.

Qual é o objetivo da supervisão pedagógica?

A3- O objetivo da supervisão é de ver se o processo está a decorrer de acordo com o plano traçado e se as metodologias e estratégias a ser implementados estão a favorecer o alcance dos objetivos visados. Por outro lado, a supervisão visa a formação contínua e continuada dos supervisionados através de ajustes que se fazem no decorrer do processo.

Qual é o trabalho prévio da supervisão? "entre supervisor e educador"?

A3- O trabalho prévio entre o supervisor e educador centra-se basicamente na sensibilização, apoio na seleção e organização dos materiais necessários e adequados para o seu trabalho, orientação ligados aos procedimentos e outros aspetos-chave para seu sucesso do educador...

Enquanto Inspetor-Supervisor quais são os instrumentos utilizados na prática de supervisão? E podes fornecer esses instrumentos?

Na prática de supervisão, utilizamos seguintes instrumentos: boletim de supervisão pedagógica e administrativa, acompanhadas de respectivos descritores, fichas de relatórios pós visita. Posso fornece-los sem problemas, assim que terminamos a entrevista.

Qual é o foco essencial destes instrumentos na prática de supervisão?

A3- O foco essencial é recolher informações sobre a atuação do educador na sala de atividade durante o processo por forma a avaliar a qualidade do seu trabalho mediante a quantificação por notas atribuídas a cada rúbrica avaliada e avaliar o funcionamento administrativo da escola ou jardim baseado nos padrões definidos no Guia de Critérios Mínimos para o funcionamento dos Jardins-de-infância.

Será que o inspetor-supervisor pode de alguma maneira interferir na plena aula do educador? porquê? De que maneira?

A3- O Supervisor não é parte integrante da aula, não faz parte da equipa interna da sala, é um corpo estranho, sobretudo para as crianças, pelo que, não deve interferir na plena aula. O seu ponto de vista será apresentado e analisado só no momento de conferência pós aula, com o educador.

Quais são os procedimentos do desencadeamento de um processo inspetivo-supervisor dentro da sala de aula?

A3- Os procedimentos são simples e são os seguintes: após um aviso prévio à direção do jardim sobre a sua presença no jardim, o inspetor-supervisor deve chegar o jardim antes ou junto com os educadores, sendo que nenhum deles sabe se é ele o visado, aguardando a sineta de entrada às aulas. Este é o momento em que o supervisor deve começar a fazer anotações relativas a pontualidade. O supervisor não deve entrar depois da entrada do educador, para evitar constrangimentos e perturbações as aulas. Estando já na sala com o educador, pode começar a observar restantes aspetos durante a aula.

Após observação o que se discute com educador inspecionado ou supervisionado?
Como é que os educadores encaram a supervisão?

A3- No final da supervisão, o supervisor cria uma mine-sessão denominada conferência, onde discute com o educador sobre os aspetos a serem melhorados nas próximas aulas com as crianças relativamente as metodologias, as técnicas e formas de abordar os temas com as crianças, em suma, aspetos pedagógicos que o educador precisa melhorar ou implementar. Contudo, o realço de pontos fortes/aspetos positivos do educador e apelo a perseverança.

Como é que os educadores veem o inspetor-supervisor na prática de supervisão?

A3- Geralmente, a visão dos educadores em relação ao inspetor, varia de educador para educador, dependendo da concepção de cada um do termo inspetor-supervisor. Não obstante, considerando os trabalhos já realizados com os educadores no terreno, vêm o inspetor-supervisor como sendo um coadjuvante/auxiliar nos seus trabalhos quotidianos, de forma que desejam e as vezes solicitam a presença do inspetor-supervisor.

Quantas vezes é que o inspetor-supervisor visita um educador num ano letivo?

A3- A frequência de visitas aos educadores durante o ano letivo varia de acordo com o número de escolas a serem supervisionadas num ano e dos turnos em que funcionam os jardins. Entretanto, em média, o educador é visitado três vezes durante um ano letivo.

Quais são para si os aspetos mais críticos num processo de supervisão em educação de infância?

A3- . Os aspetos mais críticos num processo de supervisão são, na minha opinião, os momentos em que o supervisor terá que confrontar o educador, nos momentos finais após a conclusão de uma aula, para a conferência, onde se resume em um espelho tudo o que foi a atuação do educador na sala mediante o realce dos pontos fortes e correção dos potenciais falhos ou lapsos verificados, o que requer do supervisor habilidades e humildade intelectual.

Qual é para si a importância do supervisor pedagógico para o sistema educativo?

A3- A Importância do supervisor pedagógico para o sistema reside no facto que é o supervisor que assegura a qualidade do sistema educativo mediante o seu trabalho de supervisão diário com os educadores.

Acha que a supervisão pode contribuir para a melhoria e eficácia do sistema educativo? Como?

A3- É óbvio que a supervisão contribui para a melhoria e eficácia do sistema educativo. Aliás, é esse um dos objetivos primordiais da supervisão de qualquer que seja atividade educativa.

Como ajuda os educadores à desenvolverem as suas competências profissionais na realização das suas atividades como sendo um inspetor-supervisor e professor das escolas de formação de educadores?

A3- Consigo ajudar os educadores que já se encontram no terreno, através das sessões de seminários de capacitação e atualização dos conhecimentos que organizo de vez em quando com ajuda de outros parceiros e/ou colegas além das conferências pontuais durante as visitas de supervisão, por um lado. Por outro lado, enquanto professor das escolas de formação de educadores, aproveito não só os conhecimentos teóricos que ministro, mas também a partilha de experiências adquiridas durante o exercício da supervisão e/ou inspeção regulares às escolas.

Considera a sua prática supervisiva uma oportunidade de melhoria para os educadores?

A3- Considero a minha prática supervisiva como uma oportunidade para qualquer professor/educador/técnico da área da educação com quem já trabalhei e irei trabalhar, considerando as minhas qualidades e competências nesta matéria.

Como adquiriu e desenvolveu as suas competências profissionais como inspetor/supervisor pedagógico?

A3- Adquiri as minhas competências profissionais de forma muito fácil, eficaz e eficiente. Isto é, além dos conhecimentos teóricos adquiridos durante a formação académica, empenho bastante na aplicação prática de tudo que já li, ouvi, leio e ouço diariamente nas relações com outros profissionais da que já foram inspetores/supervisores pedagógicos, assim ganho mais experiências e competências relativas a inspeção/supervisão. Por outro lado, além de exercer como professor por mais de 9 anos e como diretor da escola por mais de três anos exerci quase todas as funções administrativas de uma escola. A vontade acompanhada da experiência faz um profissional qualificado e competente.

O que no seu entender poderá ser feito para melhorar a formação do supervisor pedagógico como profissional?

A3- Além dos reforços de capacidades pontuais, deve-se criar condições para que os supervisores pedagógicos possam superar-se em matéria de supervisão podendo estar a altura de ter uma visão além da visão do supervisionado, podendo assim, contribuir para a melhoria dos serviços da docência e para a qualidade do sistema no seu todo.

O que acha que crianças devem aprender no Jardim?

A3- As crianças devem aprender todos os conteúdos ligados ao seu desenvolvimento integral, obedecendo os três domínios do desenvolvimento humano: domínios Físico, Cognitivo e Psicossocial, respeitando a sua idade mental ou psicológica.

Que tipo de atividades /experiências são proporcionadas pelos educadores para as crianças?

A3- Atividades e/ou experiências proporcionadas pelos educadores para as crianças são de diversos tipos e decorrem dos programas que são utilizados pelos educadores nos jardins. Os referidos programas orientam os educadores para as atividades desenvolvidoras das áreas de competências como, Área de Formação Pessoal e Social, Área de Expressão e Comunicação e Área do Conhecimento do Mundo.

Considera que as atividades desenvolvidas no jardim pelos educadores respondem às necessidades de crianças? Facilitam a aprendizagem e a transitoriedade?

A3- Desde que passaram pelas escolas de formação das educadoras de infância e que utilizam programas resultantes do curriculum escolar estabelecido respeitando os padrões nacionais de qualidade e as orientações de Guias de Critérios Mínimos para o funcionamento dos Jardins-de-infância, digo que sim, facilitam a aprendizagem e a transitoriedade. Não obstante isso, nunca é demais atualizar os educadores e os programas ligados ao desenvolvimento das competências das crianças nos jardins.

Como é feita a distribuição dos professores/educadores?

A3- A distribuição dos professores/educadores é feita mediante o levantamento de guias onde consta a região e o nome do jardim em que o educador irá trabalhar, obedecendo as grelhas de necessidades levantadas por região, pelas equipas técnicas regionais (ETR).

Acha que é suficiente o número de professores/educadores para todas as áreas?

A3- Não, o número de professores/educadores é insuficiente para as áreas curriculares ministrados nas escolas públicas do país.

Há cooperação entre todo o corpo docente? Como é feita?

A3- Seria um pouco desonesto estar a afirmar que há cooperação entre todo o corpo docente, considerando a situação geográfica das localidades em que se encontram e a falta de comunicação entre eles, por um lado. Por outro lado, não há nenhuma ocasião onde se reúnem todos para tratar de um assunto ligado a profissão que exercem (reforço de capacidade dos docentes), mesmo ao docentes da mesma região, têm estado a enfrentar esta enorme dificuldade de cooperar entre si, satisfazendo, assim, uma necessidade imperial para o sucesso do sistema educativo. As ondas de greves também nos mostram quão difícil é falar na cooperação entre todo o corpo docente.

Que problemas encontra com a falta de cooperação do corpo docente?

A3- Todos esses elementos acima mencionados têm como consequência uma progressão muito deficiente do processo de ensino e aprendizagem ao nível nacional, pois sem a cooperação, haverá enormes problemas de equidade em termos de conteúdos ministrados por diferentes professores/educadores da mesma área curricular.

Como promove o desenvolvimento profissional dos professores/educadores?

A3- Pessoalmente, tenho estado a promover o desenvolvimento profissional dos professores/educadores enquanto ponto focal da Inspeção Geral da Educação, com ajuda da Missão Andrews (uma Associação Brasileira de Missionários Voluntários), ministrando seminários de capacitação e atualização dos conhecimentos dos professores/educadores em matérias de Pedagogia, Didáctica e Gestão e Administração Escolar, entre outras, juntando todos os professores/educadores das escolas públicas e privadas da região de Bolama (duas sessões) e Sub-região de Buaque (uma sessão) para o efeito.

Quais as ações de formação que os professores necessitam e procuram mais?

A3- As ações de formações que os professores/educadores necessitam e procuram mais, têm a ver com como ensinar os conteúdos selecionados (metodologias de ensino), considerando a diversidade das crianças numa sala de aula, Gestão e Controlo das salas de atividades, Avaliação do ensino e das aprendizagens, a didáctica e a abordagem psicopedagógica são pouco conhecidas pelos docentes, sobretudo os da geração passada. Sendo a lista exaustiva, estas são a chave para tudo o que o professor/educador faz no seu dia-a-dia.

Que ações de formação a escola promove para melhoria dos seus profissionais?

A3- As escolas que de vez em quando organizam sessões de capacitação dos professores/educadores por forma a promover melhoria da qualidade dos trabalhos dos seus docentes, são as escolas de natureza privada. Essas ações de formações decorrem em grande maioria, no final do ano letivo, semanas antes do início do novo ano letivo e ainda podem decorrer pontualmente ao longo do ano letivo nos intervalos docentes (pequenas férias).

O Inspetor supervisor gostaria de dar informações que achar importante, e que não perguntamos?

A3- Não, penso que respondi quase todas as perguntas e também estou cansado são muitas perguntas.

Muito Obrigado

Apêndice 8 – Grelha de análise dos conteúdos das entrevistas

Nesta parte o estudo dará a conhecer os resultados obtidos que levam às respostas aos objetivos preconizados. Será feita uma análise de conteúdo à questão colocada aos atores de educação pré-escolar. Neste perguntava-se o que eles entendiam ser a supervisão pedagógica e ainda uma análise dos resultados das entrevistas que foram aplicados à diretora (A1), à educadora (A2) e ao inspetor-supervisor de estabelecimentos de ensino (A3), apresentando uma grelha dos principais temas e a sua respetiva análise e posterior reflexão acerca destes.

De seguida podemos ver a grelha de análise de conteúdo das questões colocadas aos nossos entrevistados, que foram identificados por códigos de A1, A2 e A3, sobre a supervisão e funcionamento da prática pedagógica na educação pré-escolar. As categorias de análise de conteúdo foram criadas a partir das perguntas dos respetivos guiões que antecederam as respostas. A grelha foi dividida em categoria, subcategoria, registo e frequência.

Categoria	Subcategoria	Registro	Frequência
A - Legitimação da entrevista e motivação do entrevistado	1. Solicito a Colaboração do entrevistado	A1 “... aceito ...” A2 “... aceito ...” A3 “... aceito ...”	1 1 1
	2. Asseguro o anonimato	A1 “tranquilo e não se preocupe.” A2 “ok...” A3 “fique à vontade.”	1 1 1
	3. Peço que autorize a gravação	A1 “autorizado...” A2 “sim, podes.” A3 “a vontade...”	1 1 1
B - Perfil do entrevistado (percurso acadêmico e profissional)	1. Idade do entrevistado	A1 “53 anos.” A2 “29 anos.” A3 “34 anos.”	1 1 1

	2. Proximidade de onde vive ao Jardim?	A1 “sim moro...” A2 “não moro...” A3 “já morei, mas agora não.”	1 1 1
	3. Desde quando tem a atual ocupação?	A1 “Ocupa esta função desde 2014.” A2 “...esta função desde 2011.” A3 “... esta função desde 2017.”	1 1 1
	4. Formação acadêmica e experiência profissional?	A1 “Licenciada em Educação de Infância (...) educadora de infância desde 1999 (...) me formei (...). E tenho mais de 20 anos experiência como educadora, assim também como diretora...” A2 “Formada na Educação de Infância (...). Tem 10 anos de experiência...” A3 “Licenciado em Pedagogia com especialização em Gestão, Administração e Planificação escolar (...) desempenhou várias funções do diretor, secretário, presidente de conselho técnico pedagógico entre outros (...) e tem mais de 12 anos de experiência como docente/diretor e dois anos como inspetor-supervisor...”	1 1 1
C - Identificação das condições do jardim	1. Considera importante que as crianças frequentem o jardim?	A1 “claro que sim (...) a partir dele, que as crianças desenvolvem suas aprendizagens...”	1

	2. Considera que esta instituição dá resposta às necessidades das crianças e dos pais?	A1 “sim dá resposta (...) que consiste em educar, desenvolver as aprendizagens...” A2 “ dá resposta sim...”	2
	3. Quais as principais preocupações face as crianças e face aos pais? Educadora face as crianças?	A1 “é de tentar fazer o elo de união, unidade, harmonia, entre educadoras e crianças (...) promover o envolvimento parental dos pais no processo de desenvolvimento de aprendizagem dos seus filhos.” A2 “... é de conseguir desenvolver nelas os meus objetivos traçados, ao nível de aprendizagens...”	1 1
	4. A instituição tem um projeto educativo? Porquê? e por quem foi elaborado?	A1 “sim. Porque é um documento orientadora, que orienta o plano do jardim, atividades e o seu funcionamento (...) foi elaborado por diretora, educadoras e associação dos pais/ comunidade educativa...”	1
	5. Quais as principais linhas orientadoras do projeto educativo? Como são concretizadas na prática?	A1 “...assenta-se nos princípios e valores da educação, e são concretizadas a partir das atividades.”	1

D - Finalidades e Objetivos	1. Quais são as suas principais preocupações como educadora?	A2 “...independentemente atingir os meus objetivos, quero fazer elas sentirem o jardim como a sua segunda casa, e eu como a sua segunda mãe.”	1
E - Currículo/Experiências de Aprendizagem	1. Que tipo de atividades /experiências são proporcionadas para as crianças?	A1 “diversas atividades, essas atividades são realizados dentro e fora de sala (...) exemplo de atividades, iniciação a leitura e escrita, histórias, jogos, matemática...” A3 “... são de diversos tipos e decorrem dos programas que são utilizados pelos educadores nos jardins (...) essas atividades desenvolvem áreas de competências como: formação pessoal e social, expressão e comunicação e conhecimento do mundo.”	1 1
	2. Considera que as atividades que organiza na sala e fora elas dão resposta às necessidades das crianças?	A2 “ sim promovem o processo de desenvolvimento de aprendizagem, e dão respostas às necessidades das crianças.”	1

	3. Considera que as atividades desenvolvidas no jardim respondem às necessidades das crianças?	<p>A1 “ sim respondem as necessidades, em função das atividades que se desenvolvem e das aprendizagens (...) não digo a cem por cento, mas, entretanto, estamos a trabalhar nisso, para potencializar as dimensões do desenvolvimento...”</p> <p>A3 “ desde que os educadores passaram pelas escolas de formação dos educadores de infância e que utilizam programas resultantes do curriculum escolar estabelecido (...) digo que sim, facilitam o processo de aprendizagem, e dá respostas...”</p>	<p>1</p> <p>1</p>
	4. As atividades desenvolvidas facilitam a transjetoriedade para o nível seguinte da escolaridade?	<p>A1 “...desenvolvendo bem as três dimensões do desenvolvimento, cognitivo, físico e psicossocial, facilitam a tranjetoriedade para o nível seguinte.”</p> <p>A3 “desde que os educadores passaram pelas escolas de formação dos educadores de infância e que utilizam programas resultantes do curriculum escolar estabelecido (...) digo que sim, facilitam o processo de tranjetoriedade...”</p>	<p>1</p> <p>1</p>
	5. A instituição adota algum modelo / método pedagógico específico (ex: método tradicional, centrado no educador e expositivo; método centrado na criança e em trabalhos de grupo; método misto: expositivo e trabalhos de grupo...)	<p>A1 “aqui adotamos o método expositivo centrado nas crianças (aprendizagem e ensino) e principalmente trabalhos de grupos, grandes, pequenos e pares...”</p> <p>A2 “ ...método participativo eu faço as crianças interagirem nas atividades e evito que as atividades não fiquem comigo...”</p>	<p>1</p> <p>1</p>

	6. O que acha que crianças devem aprender no Jardim?	A3 “...devem aprender todos os conteúdos ligados ao seu desenvolvimento integral, obdecendo os três domínios do desenvolvimento humano: físico, cognitivo e psicossocial e respeitando a sua idade mental ou psicológica.”	1
F - Estratégias de Ensino e Aprendizagem	1. O jardim trabalha em quantos períodos letivos?	A1 “...num período só, das 8 horas de manhã as 16 horas da tarde.”	1
	2. Como são organizadas as salas e as rotinas das crianças e educadores?	A1 “... são organizados assim: temos oito salas; uma sala de 2 anos, três salas de 3 anos, duas salas de 4 anos e duas salas de 5 anos (...) e cada sala tem duas educadoras, com execução de três salas com 3 educadoras estagiárias (...). Essas estagiárias não permanecem no jardim todo o dia saem em tempos alternados.”	1
	3. Como organiza as suas crianças na sala para aprenderem com mais facilidade?	A2 “... organizo-as em forma de um círculo, e sentamos a volta da roda do círculo, para podermos nos ver (...) em termos de dinâmicas, devido o grande grupo em dois grupos (...) desta forma facilita o meu trabalho, assim como aprendizagem das crianças.”	1
	4. Quais são as áreas de conteúdos/temas mais valorizadas no jardim? E menos valorizadas?	A1 “valorizamos a Escrita, Matemática, Expressão Plástica, Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, Histórias (...) os menos valorizados é corrida das crianças, mas também se forem bem reestruturados, trabalhados e postos em prática, promovem o processo de desenvolvimento de ensino e de aprendizagem (...) em suma todos os conteúdos são importantes e valorizados.”	1

	5. É dada a devida importância à aprendizagem da língua da escolarização, o português?	A1 “muito, porque é tão importante à aprendizagem, é isto, que é a base fundamental, para permitir as crianças a socializarem e familiarizarem com a linguagem...”	1
	6. Como valoriza o trabalho dos educadores?	A1 “as educadoras são valorizadas e são muito importantes para o processo.... nota-se o esforço e a boa vontade delas em continuar aperfeiçoar os seus trabalhos profissionais, com vista a traduzir as experiências e os ensinamentos na prática do dia a dia em prol das crianças, e são valorizadas a partir destas dinâmicas.”	1
	7. Acha que as atividades e experiências de ensino que são propiciadas para as crianças são as mais adequadas?	A1 “... tentamos que sejam adequadas e proporcionadas para as crianças, ora reestruturamos os métodos, nos adaptamos/adequamos de forma que poderá trazer ainda mais o benefício para as crianças. por que o nosso objetivo é que as atividades e os métodos que vão ser usados sejam adequadas para as crianças...”	1
	8. Acha que existe uma preocupação com a aprendizagem de todas as crianças, de não deixar nenhuma criança ficar para trás?	A1 “ sim, pretende, que todas as crianças saem daqui bem preparadas e formadas com base nos princípios e valores que regem o processo de ensino e de aprendizagem.”	1

	9. Quais são as atividades que as crianças realizam todos os dias na sala de aula? Pensa que estas atividades contribuem para a aprendizagem das crianças?	A2 “ linguagem, histórias, conversas em grupo (...) pretende-se com essas atividades irriquecer os seus vocabulários e desenvolve à oralidade (...) claro que essas atividades contribuem no desenvolvimento da oralidade-pronuncia e falar...”	1
	10. Existe uma preocupação permanente em cada aula com a aprendizagem das crianças?	A2 “ sim procupo me bastante e faço dinâmicas motivadoras e estimulantes, para que elas possam absorver os conteúdos para poderem atingir os objetivos...”	1
	11. Como consegue saber que todas as crianças estão envolvidos na aprendizagem das atividades promovidas?	A2 “ foço as minhas observações e registos, para ver como elas estão envolvidos nas aprendizagens...”	1
	12. Que estratégia adota para as crianças com dificuldades de aprendizagem nos conteúdos ou temas desenvolvidas?	A2 “ eu retiro-lhes e ponho-lhes num pequeno grupo, e trabalho com elas para ver se vai surtir um efeito...”	1

G - Apoio, Planeamento, Avaliação e Registo	1. Como é planeado e avaliado o projeto educativo da instituição?	A1 “é aválido três em três meses, mas se há uma necessidade de fazer correções fazemos.”	1
	2. Existe um plano anual?	A1 “Sim existe plano anual, trimestral, semanal e diário.”	1
	3. Como é feito o planeamento e a avaliação em cada sala? Como faz o registo do trabalho e dos progressos da crianças? Atraves de que instrumentos?	A1 “... é feita a partir de um plano diário, em que se faz avaliação das atividades diárias (...) essas avaliações vão desembocando nas avaliações das competências de crianças (...) e, é feita através do instrumento da grelha de avaliação de competências usadas pelas educadoras.” A2 “... eu planifico e avalio as minhas atividades em função dos componentes da planificação (...) através do instrumento da grelha de avaliação de competências.”	1 1
	4. Planeia com base em que conteúdos ou temáticas?	A2 “--- planifico com base no plano curricular e plano anual.”	1
	5. Quais são os componentes que consideras importante numa planificação?	A2 “... todos os componentes são indispensáveis...”	1

	6. As atividades realizadas são adequadas á faixa etária das crianças?	A2 “ sim, é a base de uma planificação, saber quem estamos a planear...”	1
	7. Interage com a turma através da linguagem verbal, não-verbal, contatos visual, gestos e outros...? Isto promove o desenvolvimento das crianças?	A2 “... sim, uso linguagem verbal e não verbal, contatos visuais, gestos, circulação dentro de sala e movimentos corporais em todo o sentido...”	1
	8. Existe algum trabalho entre os educadores e a direção?	A1 “ ... existem trabalhos que se realizam, formações de capacitação, reuniões, e troca de ideias e de experiências...”	1
	9. Recebe apoio da equipa de supervisão para facilitar o seu trabalho?	A2 “Sim, no ano passado recebemos uma equipa Portuguesa,que veio dar formação na área das atividades lúdicas, expressões, canções etc... para melhorar o nosso trabalho.”	1
	10. Como avalia o trabalho de supervisor no desenvolvimento profissional e pessoal do seu trabalho?	A2 “Independentemente dos apoios que recebemos da equipa portuguesa, que tem um impacto positivo na melhoria das nossas atividades; considero e avalio esses trabalhos de supervisão de forma super positiva e, é indispensável.”	1

	11. Tens uma visão clara do que as crianças podem aprender com atividades previstas?	A2 “...sim, o plano é flexível, o previsto, assim como o imprevisto ambos promovem as aprendizagens, depende do contexto e a realidade em que se desenvolve os conteúdos...”	1
	12. Podes fornecer cópias de instrumentos do seu trabalho, por ex. plano diário, semanal, mensal e anual, horário das rotinas e grelha de avaliação?	A2 “... sim posso, principalmente os instrumentos que estão na minha alcance.”	1
H - Educadores /Pessoal	1. Quantos educadores e outro pessoal existe na instituição?	A1 “Tem 22 trabalhadores (1 diretora, 14 educadoras, 1 secretária, 3 pessoal de limpeza, 2 cozinheiras e 1 porteiro).”	1
	2. Como são contratados?	A1 “... mediante a um anúncio, concurso documental, entrevista e estágio.”	1
	3. Quem contrata?	A1 “... diretora e secretária.”	1
	4. Com que critérios?	A1 “... entrega das candidaturas- concurso documenta.”	1
	5. Qual é o horário e como é feita a distribuição dos educadores e outro pessoal?	A1 “... das 8 h 00 a 16 h 00, com um repouso de 1 uma hora para o almoço, este horário abrange dos os trabalhadores docentes e não docentes, com excepção do jardineiro que trabalha até as 13 h 00 da tarde (...) duas educadoras e mais um pessoal de limpeza por sala.”	1

	6. Acha que é suficiente o número de educador e de outro pessoal para as necessidades da jardim?	A1 “... para as educadoras, sim é suficiente, mas para pessoal de limpeza é insuficiente...”	1
	7. Quais os principais problemas que existem no jardim e no seio dos educadores?	A1 “... graças a Deus até neste momento felizmente não tenho grandes problemas...”	1
	8. Como promove o desenvolvimento profissional dos educadores e do outro pessoal?	A1 “O que eu faço sempre é o diálogo franco, boa relacionamento, e nos mantemos o diálogo constantemente em ordens diferentes no que refere resolução dos problemas, troca de ideias e experiências, definição das estratégias e métodos para o trabalho...”	1
	9. Quais as ações de formações que os educadores procuram mais?	A1 “Elas interessam por toda ações de formações que estão ligados as suas áreas...”	1
	10. Acha mais importante a frequência de ações de formação no exterior ou as que se realizam ou poderiam realizar no jardim, aqui na instituição?	A1 “A formação dentro ou fora da instituição, ambas são importantes na medida em que vai aumentar o conhecimento profissional e a mudança da prática profissional...”	1

	11. Qual é o seu horário de trabalho diário? Quantas horas trabalha por semana? E quantos meses por ano? Quantas crianças tem na sua sala? Trabalhas que faixa etária? Quantas turmas/salas tem?	A2 "...8 horas diário; 40 horas semanal; 11 meses por ano; tenho 34 crianças (M-18; F-16); trabalho com faixa etária dos 5 anos e tenho uma sala."	1
	12. Tem preocupação em se atualizar, quer dizer, em fazer formação?	A2 "... quero sim e quero muito."	1
	13. Desde a sua última formação, frequentou uma outra formação contínua? Que instituição promoveu: o seu jardim ou o Estado?	A2 "Sim frequentei a formação na área de educação de infância que durou 3 anos, promovida pela Fundação Fé e Cooperação (FEC)."	1
I - Espaço e Materiais	1. Pensa que os espaços interiores e exteriores e as salas são suficientes e adequados para as crianças e educadores e o acolhimento aos pais e outros elementos da comunidade educativa? E tem segurança?	<p>A1 "... dentro das nossas possibilidades sim, é suficiente e há aspetos ou cenários que nos permitam a fazer flexibilidade no uso do espaço, para respondermos as necessidades das crianças, dos pais ou em geral da comunidade educativa."</p> <p>A2 "Sim são adequados para as crianças assim como para as educadoras e também tem segurança porque o jardim é vedado e tem o portão principal que fecha quando as crianças entrarem, e abri só quando vão para casa."</p>	<p>1</p> <p>1</p>

	2. O que gostaria de ter e de melhorar em relação aos espaços e materiais e recursos educativos?	A1 “... gostaria de melhorar em relação aos espaço, ter mais salas amplas ou seja grandes; em relação aos materiais e recursos educativos, ter mais materiais em quantidade suficiente e se possível ter de sobra para aguardar.”	1
	3. Acha que a sala de educadores é confortável para preparação da aula e encontros de pequenos acertos com colegas educadores?	A2 “... sim é confortável para os acertos e preparação das aulas.”	1
	4. Tem materiais suficientes para trabalhar com as crianças? Papel, lápis, canetas, manuais, livros, jogos, cartolinas, abacos, tintas, pincheis, lápis de cores e de ceras,...	A2 “... sim, tem materiais suficientes e se encontram num bom estado de conservação.”	1
	5. Existem computadores no jardim para facilitar no seu trabalho? E as crianças têm computador ou telemóvel para verem desenhos animados e ouvirem músicas? Se sim, faz uso pedagógico dos mesmos? Como?	A2 “... sim, cada sala tem um computador para facilitar os trabalhos; mas as crianças não têm computadores e nem telemóveis individuais, aproveitamos o computador que está na sala para vermos desenhos animados e ouvir músicas (...) faço o uso destes materiais quando tivemos atividade que vai exigir o seu uso, usamos.”	1

	6. Pensa na construção dos recursos pedagógicos através dos materiais reciclados ? tens construído apenas um recurso? Qual? Fala da experiência desta construção?	A2 “... sim, sim nos construímos o réki réki que é um material de som (...). A experiência foi boa...”,	1
J - Relações e Interações	1. Que tipo de relações procura estabelecer entre todos os educadores e restante pessoal? Enquanto educadora, entre colegas, crianças e pais?	A1 “... relação de confiança, de diálogo, de amizade, porque sem isso, não há uma boa relação, esses fatores são indispensáveis na construção de uma relação sã e cordial.” A2 “... procuro sempre manter boas relações...”	1 1
	2. Existem reuniões periódicas formais e informais, partilha de informações?	A1 “... sim, fazemos reuniões periódicas sempre, formais e informais (...) na situação imprevisto reunimos com a urgência (...) partilha de informação...”	1
	3. Como vê o seu papel na promoção de um bom clima relacional entre elementos da instituição? Enquanto educadora o que faz para gerar um bom clima no JI?	A1 “bom não posso julgar a mim mesmo, mas sei que desempenho um papel de promoção de um bom clima relacional (...) através do diálogo, da aproximação, de atenção e de compreensão.” A2 “... trabalhamos em equipe (...) dialogamos e ajudamos uns aos outros para encontrar soluções dos nossos problemas (...) no fundo há um bom clima de relacionamento.”	1 1

K - Igualdade de Oportunidades	1. Há uma preocupação na instituição em criar uma maior igualdade de oportunidades: étnicas, deficiência física e mental, língua, de género?	A1 "...sim, há uma preocupação em criar uma maior igualdade (...) ...procuramos não fazer as diferenças, e promover maior equilíbrio em termos de igualdades." A2 "...tento equilibrar e gerar igualdade de oportunidade, nos aspetos étnico, género, língua, cultural etc...." "...esta igualdade é feita através das atividades desenvolvidos..."	1 1
	2. Como faz para a pôr em prática?	A1 "...envolvemos as crianças de forma integrante, através de desenvolvimento das atividades e dos jogos com base no respeito dos aspetos físicos, culturas e sociais" A2 "...essa igualdade de oportunidade é feita através do desenvolvimento das atividades..."	1 1
	3. Acha que o jardim pode ser um meio de criar maior igualdade de oportunidades?	A1 "sim..." A2 "sim..."	2
	4. Porquê? E Como?	A1 "... ele é um meio de criar igualdades de oportunidades (...) faz-se a partir do diálogo, aproximação, amizade, a nossa maneira de ser, e desenvolvimento das atividades e dos jogos." A2 "... o jardim é um meio , porque é no base que se começa tudo (...) não fazemos as diferenças, tentamos incluir todas as crianças nas atividades, independentemente da posição social, económica, étnica, religiosa por aí fora."	1 1

L - Participação dos Pais e da Comunidade	1. Qual é a relação da comunidade- escola e relação das famílias com o jardim? Serviços de saúde, associações e outras instituições, etc.?	A1 "... há uma boa relação, apesar que é sempre difícil, porque alguns pais elógiam outros criticam os trabalhos (...) aceitamos essas críticas construtivas, e transformamo-los num desafio com vista ao melhoramento do nosso jardim (...) enquanto serviços de saúde, associação e outras instituições procuramos sempre que haja uma boa relação recíproca com os nossos parceiros."	1
	2. Os pais e encarregados de educação (PEE) participam na vida do jardim?	A1 "... não dantes (...) mas com a criação de associação dos pais encarregados de educação, que de fato estão ajudar muito, e também estão aperceber que há uma dificuldade grande dos pais participarem na vida do jardim e nem se quer acompanham os seus filhos nas aprendizagens (...) mas, graças a Deus com associação dos pais a situação está mudar paulatinamente."	1
	3. Como é assegurada a participação dos pais e dos PEE?	A1 "... o asseguramento é feita nas atividades desenvolvidas pela direção, através dos convites para participarem nas palestras, nas atividades, etc..."	1
	4. Que formas de participação são desenvolvidas?	A1 "... participação nas atividades, palestras, reuniões, etc..."	1
	5. Como faz para assegurar a participação dos pais e encarregados de educação na aprendizagem das suas crianças? Que atividades desenvolve?	A2 "O jardim tem um calendário de atividades diversas tipo (...) semana mágica, carnaval infantil, 8 de março, etc... , nos fazemos atividade de atendimento com os pais, isto se faz após da reunião trimestral (...) aproveitamos este atendimento, para mostrar os trabalhos dos filhos, para os pais poderem ver o desenvolvimento dos seus filhos, quais são as dificuldades e tentamos também conversar com os pais sobre o comportamento dos filhos..."	1

M - Monitorização e Avaliação	1. Existe uma preocupação em melhorar as condições de aprendizagem das crianças? E as condições de trabalho dos educadores? Como avalia a melhoria da qualidade das educadoras?	A1 "... sim, existe essas preocupações (...) Para com as educadoras investir nas formações e assim como na formação humana (...) e, eu avalio a melhoria da qualidade das aprendizagens dentro da sala, frequenta as salas constantemente, vejo como as educadoras desenvolvem as atividades e como as crianças estão absorver as aprendizagens (...) se houver algo que não está bem tento corrigi-lo com educadoras nos momentos oportunos no sentido de melhorar o trabalho (...) também antes observo os planos diários e faço feedback" "entretanto, esses são elementos que permitam me fazer uma avaliação da qualidade."	1
	2. Tem uma preocupação com a qualidade do que as crianças aprendem aqui no jardim, sobretudo nas suas aulas? Porquê?, de que forma? O que acha que podia fazer para melhorar?	A2 "... sim, a minha preocupação é desenvolver competências nas crianças (...) e tento sempre observar as crianças que não conseguem desenvolver as suas competências, arranjo outras estratégias para poder ajudar essas crianças (...) e a partir dessa observação vejo se os meus objetivos, se estão a ser cumpridos ou não e daí penso nos aspetos a melhorar, através das pesquisas, dos colegas, das novas dinâmicas ou trabalhar em pequenos grupos."	1
	3. Como avaliam a melhoria da qualidade das aprendizagens das crianças?	A2 "... mediante a um acompanhamento, em que avalio as competências linguísticas, motoras, socio-afetivo, cognitivoas entre outras (...) avalio as minhas crianças mensalmente, apesar que tenho caderno de ocorrência em que eu noto as aprendizagens diárias, para permitir ver se atingiram os objetivos traçados."	1
	4. O que é a Supervisão?	A1 "É apoiar, ajudar, aproximar e controlar os trabalhos dos educadores..." A2 "É apoiar e melhorar a prática pedagógica..."	1 1

	5. Será que fazem supervisão entre vocês-educadoras?	A2 "... sim, fazemos, apesar que não é tão patente, mas subentende-se...".	1
	6. Pretende que seja avaliado de ano para ano? Porquê?	A2 "... não, eu perfiro que me seja avaliada mensalmente, assim poderia melhorar a minha atividade profissional..."	1
	7. Para terminar: Como (...) desta instituição quais são neste momento as suas maiores preocupações face as crianças, face aos educadores e face aos pais?	A1 "... a minha maior preocupação é sempre bem estar social dessas crianças, principalmente as suas aprendizagens e cuidados, e para as educadoras empenho, dedicação, formação e amor para com as crianças e por fim aos pais, o maior envolvimento parental e a acompanhamentos dos seus filhos ou educandos."	1
	8. Podes fornecer mais informações que achares conveniente e que não perguntamos?	A1 "Não acho que falei tudo. "	1
	9. Podes fornecer cópia dos documentos ou instrumentos como : plano de atividade anual, plano curricular etc... ?	A1 "Posso sem problemas. "	1

N - Perceber quais as conceções que têm de Supervisão e Avaliação.	1. Na sua opinião, o que significa o conceito de Supervisão Pedagógica? / O que entende por Supervisão Pedagógica?	A3 "... na minha modesta opinião e de forma sintética, a Supervisão pedagógica diz respeito a acompanhar de perto as atividades docentes no quadro de ensino e aprendizagem, por forma a detetar as eventuais lacunas e propor medidas de superação para os professores, tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino e aprendizagem."	1
	2. Tem formação na área da supervisão?	A3 "... durante a minha formação, fui submetido aos estudos teóricos na área de supervisão pedagógica, cadeira constante no plano curricular estudado, além de estudos teóricos, fiz estágios em supervisão pedagógica numa das escolas de formação de professores denominado ENIEGE, na República dos Camarões. Ainda durante a formação de Inspetores a que fui submetido em 2017 na Guiné-Bissau, fui submetido às práticas pedagógicas de supervisão nas escolas do país."	1
	3. Como define Supervisão?	A3 "... na minha visão particular, considero a supervisão como sendo seguimento e pontual correção de eventuais falhas durante a implementação de umas atividades, em função do plano pré-estabelecido..."	1
	4.vQue caraterística deve ter um supervisor pedagógico?	A3 "... as características de um supervisor, são entre outras: Visão ampla e superior ao supervisionado, humilde, observador, crítico, imparcial, conhecimento da matéria, pesquisador, aberto às sugestões, capacidade de avaliação e autoavaliação..."	1

O - A figura do supervisor	1. Quais julga ser as suas potencialidades como supervisor pedagógico?	A3 “... as minhas potencialidades como supervisor são estas: Imparcialidade, clareza, celeridade no processo, visão crítica e ampla, pontualidade e assiduidade, sigilo profissional, ética e deontologia profissional, capacidade colaborativa...”	1
	2. Que dificuldades tem sentido no desempenho de suas funções como supervisor pedagógico?	A3 “... as dificuldades existentes são imensas, entretanto, sublinho as seguintes ou principais: Acesso às instituições do ensino do país na sua totalidade devido a falta de meio de transporte (Viaturas, Motorizadas e vedetas) (...) falta de meios financeiros para aquisição de equipamentos necessários para que o supervisionado faça cabalmente seu trabalho, incluindo as recomendações deixadas pelo supervisor (...) falta de tomada de decisões, por parte dos decisores, baseadas nas recomendações dos supervisores (...) politização da parte técnica dos serviços da educação...”	1
	3. Como tem tentado ultrapassar essas dificuldades?	A3 “As tentativas de ultrapassar as dificuldades se assentam na utilização de meios de transporte particular (motorizada) sustentada com combustível adquirido por meios financeiros próprios (...) insistências nas reuniões do conselho diretivo sobre as tomadas de decisões ao nível superior ligadas as recomendações dos supervisores” “por outro lado, desenvolvo projetos para aquisição de vedeta para supervisão das atividades letivas nas ilhas...”	1
P - vantagens da supervisão	1. Quais, no seu entender, são os contributos da supervisão no ensino?	A3 “... a supervisão contribui de que maneira para a eficácia e eficiência dos docentes visando a qualidade do ensino no país...”	1

Q - A importância da Supervisão Pedagógica	2. Quais os pontos fortes da supervisão para o desenvolvimento do ensino e das aprendizagens das crianças?	A3 "... os pontos fortes da supervisão para o desenvolvimento do ensino e das aprendizagens das crianças assentam-se no facto que a supervisão desenvolve a construção da Dinâmica transitória e diferenciada, focaliza no processo de aprender baseada na reflexão (...) a liberdade e responsabilidades social da construção de uma sociedade desejada (...) o trabalho do supervisor é multifacetado."	1
	3. Qual a intencionalidade/utilidade da Supervisão Pedagógica na melhoria da prática profissional dos educadores e na aprendizagem das crianças?	A3 "... a supervisão pedagógica é útil para a prática profissional dos educadores e na aprendizagem das crianças visto que, a supervisão pedagógica, desenvolve a qualidade do ensino dos educadores através de pontuais correções de eventuais falhas e preenchimento de lacunas (...) supridas as dificuldades dos educadores, automaticamente a qualidade do fazer aumentar e incidir diretamente na aprendizagem das crianças, melhorando assim os seus resultados qualitativos e quantitativos..."	1
	1. Podes descrever em síntese sobre a supervisão pedagógica?	A3 "... gostaria de trazer a vista uma visão retrospectiva da supervisão e uma visão corrente da mesma: a mudança que se insurge decorrente destas medidas regulamentadas, traz para o seio da escola o conceito de 'supervisão', até aos anos 90 utilizado apenas em contexto de formação inicial de professores, função atribuída ao inspetor cuja presença na escola se comparava àquela de um 'polícia', pronto a castigar quando não se exerce a tarefa como deve ser (...) a partir dos anos 90 a 'supervisão', passou a designar a atividade que tem por objetivo o desenvolvimento e a aprendizagem dos professores que supervisionam e gerem o desenvolvimento e a aprendizagem dos seus alunos/crianças (...) donde a sua magna importância como alavanca para a qualidade de qualquer sistema educativo ao nível mundial."	1
	2. Qual é a importância da supervisão no Jardim?	A3 "... é importante supervisionar no jardim pois, só com a supervisão que se pode levar as educadoras a operarem dentro dos padrões nacionais de qualidade obedecendo as normas de guia de critérios mínimos para o funcionamento dos jardins-de-infância (...) a supervisão proporciona a qualidade do trabalho dos educadores visando um produto acabado de qualidade, as crianças."	1

	3. Qual é o objetivo da supervisão pedagógica?	A3 "... o objetivo da supervisão é de ver se o processo está a decorrer de acordo com o plano traçado e se as metodologias e estratégias a ser implementados estão a favorecer o alcance dos objetivos visados (...) por outro lado, a supervisão visa a formação contínua e continuada dos supervisionados através de ajustes que se fazem no decorrer do processo."	1
	4. Qual é o trabalho prévio da supervisão? "entre supervisor e educador" ?	A3 "... o trabalho prévio entre o supervisor e educador centra-se basicamente na sensibilização, apoio na seleção e organização dos materiais necessários e adequados para o seu trabalho, orientação ligados aos procedimentos e outros aspetos-chave para o sucesso do educador..."	1
	5. Enquanto Inspetor-Supervisor quais são os instrumentos utilizados na prática de supervisão? E podes fornecer esses instrumentos	A3 "... na prática de supervisão, utilizamos seguintes instrumentos: boletim de supervisão pedagógica e administrativa, acompanhadas de respetivos descritores, fichas de relatórios pós visita (...) posso fornece-los sem problemas, assim que terminamos a entrevista."	1
	6. Qual é o foco essencial destes instrumentos na prática de supervisão?	A3 "O foco essencial é recolher informações sobre a atuação do educador na sala de atividade durante o processo por forma a avaliar a qualidade do seu trabalho mediante a quantificação por notas atribuídas a cada rúbrica avaliada (...) e avaliar o funcionamento administrativo da escola ou jardim baseado nos padrões definidos no Guia de Critérios Mínimos para o funcionamento dos Jardins-de-infância."	1

	7. Será que o inspetor-supervisor pode de alguma maneira interferir na plena aula do educador? porquê? De que maneira?	A3 “... o supervisor não é parte integrante da aula/atividade, não faz parte da equipa interna da sala, é um corpo estranho, sobretudo para as crianças, pelo que, não deve interferir na plena aula (...) o seu ponto de vista será apresentado e analisado só no momento de conferência pós aula, com o educador.”	1
	8. Quais são os procedimentos do desencadeamento de um processo inspetivo-supervisor dentro da sala de aula/atividade?	A3 “... os procedimentos são simples e são os seguintes: após um aviso prévio à direção do jardim sobre a sua presença no jardim, o inspetor-supervisor deve chegar o jardim antes ou junto com os educadores, sendo que nenhum deles sabe se é ele o visado, aguardando a sineta de entrada às salas (...) este é o momento em que o supervisor deve começar a fazer anotações relativas a pontualidade (...) o supervisor não deve entrar depois da entrada do educador, para evitar constrangimentos e perturbações as atividades (...) estando já na sala com o educador, pode começar a observar restantes aspetos durante a atividade.”	1
	9. Após observação o que se discute com educador inspecionado ou supervisionado? Como é que os educadores encaram a supervisão?	A3 “... no final da supervisão, o supervisor cria uma mine-sessão denominada conferência, onde discute com o educador sobre os aspetos a serem melhorados nas próximas atividades com as crianças relativamente as metodologias, as técnicas e formas de abordar os temas com as crianças, em suma, aspetos pedagógicos que o educador precisa melhorar ou implementar (...), contudo, o realço de pontos fortes/aspetos positivos do educador e apelo a perseverança.”	1
	10. Como é que os educadores veem o inspetor –supervisor na prática de supervisão?	A3 “... geralmente, a visão dos educadores em relação ao inspetor, varia de educador para educador, dependendo da conceção de cada um do termo inspetor-supervisor (...) vêm o inspetor-supervisor como sendo um coadjuvante/auxiliar nos seus trabalhos quotidianos, de forma que desejam e as vezes solicitam a presença do inspetor-supervisor.”	1

	11. Quantas vezes é que o inspetor-supervisor visita um educador num ano letivo?	A3 “... a frequência de visitas aos educadores durante o ano letivo varia de acordo com o número de escolas a serem supervisionadas num ano e dos turnos em que funcionam os jardins (...) entretanto, em média, o educador é visitado três vezes durante um ano letivo.”	1
	12. Quais são para si os aspetos mais críticos num processo de supervisão em educação de infância?	A3 “Os aspetos mais críticos num processo de supervisão são, na minha opinião, os momentos em que o supervisor terá que confrontar o educador, nos momentos finais após a conclusão de uma aula, para a conferência, onde se resume em um espelho tudo o que foi a atuação do educador na sala mediante o realce dos pontos fortes e correção das potenciais falhas ou lapsos verificados, o que requer do supervisor habilidades e humildade intelectual.”	1
	13. Qual é para si a importância do supervisor pedagógico para o sistema educativo?	A3 “... a importância do supervisor pedagógico para o sistema reside no facto que é o supervisor que assegura a qualidade do sistema educativo mediante o seu trabalho de supervisão diário com os educadores.”	1
	14. Acha que a supervisão pode contribuir para a melhoria e eficácia do sistema educativo? Como?	A3 “... é óbvio que a supervisão contribui para a melhoria e eficácia do sistema educativo. Aliás, é esse um dos objetivos primordiais da supervisão de qualquer que seja atividade educativa.”	1

R - Apoio concedido aos educadores	1. Como ajuda os educadores à desenvolverem as suas competências profissionais na realização das suas atividades como sendo um inspetor-supervisor e professor das escolas de formação de educadores?	A3 “Consigo ajudar os educadores que já se encontram no terreno, através das sessões de seminários de capacitação e atualização dos conhecimentos que organizo de vez em quando com ajuda de outros parceiros e/ou colegas além das conferências pontuais durante as visitas de supervisão, por um lado (...) Por outro lado, enquanto professor das escolas de formação de educadores, aproveito não só os conhecimentos teóricos que ministro, mas também a partilha de experiências adquiridas durante o exercício da supervisão e/ou inspeção regulares às escolas.”	1
	2. Considera a sua prática supervisão uma oportunidade de melhoria para os educadores?	A3 “... considero a minha prática supervisiva como uma oportunidade para qualquer professor/educador/técnico da área da educação com quem já trabalhei e irei trabalhar, considerando as minhas qualidades e competências nesta matéria.”	1
	3. Como adquiriu e desenvolveu as suas competências profissionais como inspetor/ supervisor pedagógico?	A3 “... adquiri as minhas competências profissionais de forma muito fácil, eficaz e eficiente (...) independentemente da minha formação, empenho bastante na aplicação prática de tudo que já li, ouvi, leio e ouço diariamente nas relações com outros profissionais da que já foram inspetores/supervisores pedagógicos (...) por outro lado, além de exercer como professor por mais de 9 anos e como diretor da escola por mais de três anos exerci quase todas as funções administrativas de uma escola. A vontade acompanhada da experiência faz um profissional qualificado e competente...”	1
	4. O que no seu entender poderá ser feito para melhorar a formação dos supervisores pedagógicos como profissionais?	A3 “Além dos reforços de capacidades pontuais, deve-se criar condições para que os supervisores pedagógicos possam superar-se em matéria de supervisão podendo estar a altura de ter uma visão além da visão do supervisionado, podendo assim, contribuir para a melhoria dos serviços da docência e para a qualidade do sistema no seu todo...”	1

S - Inspetor/Pessoal	1. Como é feita a distribuição dos professores/educadores?	A3 “a distribuição dos professores/educadores é feita mediante o levantamento de guias onde consta a região e o nome do jardim em que o educador irá trabalhar, obedecendo as grelhas de necessidades levantadas por região, pelas equipas técnicas regionais (ETR).”	1
	2. Acha que é suficiente o número de professores/educadores para todas as áreas?	A3 “... não, o número de professores/educadores é insuficiente para as áreas curriculares ministrados nas escolas públicas do país.”	1
	3. Há cooperação entre todo o corpo docente? Como é feita?	A3 “... seria um pouco desonesto estar a afirmar que há cooperação entre todo o corpo docente, considerando a situação geográfica das localidades em que se encontram e a falta de comunicação entre eles, por um lado (...) por outro lado, não há nenhuma ocasião onde se reúnem todos para tratar de um assunto ligado a profissão que exercem (reforço de capacidade dos docentes), mesmo ao docentes da mesma região, têm estado a enfrentar esta enorme dificuldade de cooperar entre si (...) as ondas de greves também nos mostram quão difícil é falar na cooperação entre todo o corpo docente...”	1
	4. Que problemas encontra com a falta de cooperação do corpo docente?	A3 “... falta de reuniões de reforço de capacidade (...) têm como consequência uma progressão muito deficiente do processo de ensino e aprendizagem ao nível nacional, pois sem a cooperação, haverá enormes problemas de equidade em termos de conteúdos ministrados por diferentes professores/educadores da mesma área curricular...”	1

	5. Como promove o desenvolvimento profissional dos professores/educadores?	A3 “... pessoalmente, tenho estado a promover o desenvolvimento profissional dos professores/educadores enquanto ponto focal da Inspeção Geral da Educação, com ajuda da Missão Andrews (uma Associação Brasileira de Missionários Voluntários),ministrando seminários de capacitação e atualização dos conhecimentos dos professores/educadores em matérias de Pedagogia, Didáctica e Gestão e Administração Escolar...”	1
	6. Quais as ações de formação que os professores/educadores necessitam e procuram mais?	A3 “... as ações de formações que os professores/educadores necessitam e procuram mais, têm a ver com como ensinar os conteúdos selecionados (metodologias de ensino), considerando a diversidade das crianças numa sala de aula, Gestão e Controlo das salas de atividades, Avaliação do ensino e das aprendizagens, a didáctica e a abordagem psicopedagógica ...”	1
	7. Que ações de formação a escola promove para melhoria dos seus profissionais?	A3 “... as escolas que de vez em quando organizam sessões de capacitação dos professores/educadores por forma a promover melhoria da qualidade dos trabalhos dos seus docentes, são as escolas de natureza privada (...) essas ações de formações decorrem em grande maioria, no final do ano letivo, semanas antes do início do novo ano letivo e ainda podem decorrer pontualmente ao longo do ano letivo nos intervalos docentes (pequenas férias) ...”	1
	8. O inspetor supervisor gostaria de dar informações que achar importante, e que não perguntamos?	A3 “... não, penso que respondi quase todas as perguntas e também estou cansado são muitas perguntas.”	1

Apêndice 9

Quadro Nº 1 - FICHA Nº 1 DE SUPERVISÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

1ª OBSERVAÇÃO, 11/02/2020

A observação corresponde à seguinte escala:

1	2	3	4	5
Muito Insuficiente	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
Não atinge o padrão, revela muitas dificuldades	Não atinge o padrão, revela algumas dificuldades	Padrão	Supera o padrão	Excede claramente o padrão

I. PLANIFICAÇÃO

A. Planificação

	1	2	3	4	5
1. A planificação identifica com coerência as componentes essenciais (objetivos, tempo, recursos, etc.)				E2	A2
2. A planificação tem em conta os interesses e o nível de desenvolvimento das crianças				E2	A2
3. As atividades propostas são adequadas ao grupo de crianças em termos de recursos e organização do tempo e do espaço				A2	E2

II. OBSERVAÇÃO

B. Implementação da Planificação

	1	2	3	4	5
1. Implementa as atividades de acordo com o planificado					A2 E2
2. Gere o tempo de forma adequada, valorizando as necessidades de crianças				A2	E2
3. É flexível e capaz de reajustar a ação em função das necessidades da criança e do contexto					A2 E2

C. Domínio dos Conteúdos

	1	2	3	4	5
--	---	---	---	---	---

1. Domina os conteúdos a abordar				A2 E2	
2. Na abordagem dos conteúdos promove a experimentação, atividades práticas, apresentação de exemplos, etc.				E2	A2
3. Coloca questões e dá exemplos que encorajam as crianças a pensar e a resolver problemas					A2 E2

D. Comunicação

	1	2	3	4	5
1. Comunica com as crianças de forma clara, objetiva, com volume suficiente e velocidade adequada					A2 E2
2. Domina a língua portuguesa				A2 E2	
3. Comunica na língua materna introduzindo progressivamente a língua portuguesa					A2 E2
4. Usa de forma funcional os materiais de apoio (quadro, imagens, mapas, calendário, etc.)					A2 E2
5. Circula pela sala e comunica com as crianças através da linguagem verbal e não-verbal (contacto visual, gestos, etc.)					A2 E2

E. Relação Educadora – Criança

	1	2	3	4	5
1. Cria um ambiente positivo e facilitador de aprendizagens					A2 E2
2. Estimula e valoriza a participação das crianças				E2	A2
3. Reforça e valoriza no momento certo o desempenho das crianças					A2 E2
4. Mostra sensibilidade e mobiliza esforços quanto aos cuidados de higiene/saúde/alimentação e/ou negligência ou maus-tratos					A2 E2

III.PÓS-OBSERVAÇÃO

E. Reflexão

	1	2	3	4	5
1. Analisa criticamente o seu desempenho				E2	A2

2. Identifica e refere pontos positivos				E2	A2
3. Identifica e refere pontos a melhorar				E2	A2
4. Identifica estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que deve melhorar				A2 E2	

A seguir, conclui-se este subtítulo com a apresentação da ficha nº 2 que se segue:

Quadro Nº 2 - FICHA Nº 2 DE SUPERVISÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

2ª OBSERVAÇÃO, 14/02/2020

A observação corresponde à seguinte escala:

1	2	3	4	5
Muito Insuficiente	Insuficiente	Suficiente	Bom	Muito Bom
Não atinge o padrão, revela muitas dificuldades	Não atinge o padrão, revela algumas dificuldades	Padrão	Supera o padrão	Excede claramente o padrão

I. PLANIFICAÇÃO

A. Planificação

	1	2	3	4	5
1. A planificação identifica com coerência as componentes essenciais (objetivos, tempo, recursos, etc.)					A2 E2
2. A planificação tem em conta os interesses e o nível de desenvolvimento das crianças					A2 E2
3. As atividades propostas são adequadas ao grupo de crianças em termos de recursos e organização do tempo e do espaço				E2	A2

II. OBSERVAÇÃO

B. Implementação da Planificação

	1	2	3	4	5
--	---	---	---	---	---

1. Implementa as atividades de acordo com o planificado					A2 E2
2. Gere o tempo de forma adequada, valorizando as necessidades de crianças					A2 E2
3. É flexível e capaz de reajustar a ação em função das necessidades da criança e do contexto					A2 E2

C. Domínio dos Conteúdos

	1	2	3	4	5
1. Domina os conteúdos a abordar				A2 E2	
2. Na abordagem dos conteúdos promove a experimentação, atividades práticas, apresentação de exemplos, etc.					A2 E2
3. Coloca questões e dá exemplos que encorajam as crianças a pensar e a resolver problemas					A2 E2

D. Comunicação

	1	2	3	4	5
1. Comunica com as crianças de forma clara, objetiva, com volume suficiente e velocidade adequada					A2 E2
2. Domina a língua portuguesa				A2 E2	
3. Comunica na língua materna introduzindo progressivamente a língua portuguesa					A2 E2
4. Usa de forma funcional os materiais de apoio (quadro, imagens, mapas, calendário, etc.)					A2 E2
5. Circula pela sala e comunica com as crianças através da linguagem verbal e não-verbal (contacto visual, gestos, etc.)					A2 E2

E. Relação Educadora – Criança

	1	2	3	4	5
1. Cria um ambiente positivo e facilitador de aprendizagens					A2 E2

2. Estimula e valoriza a participação das crianças					A2 E2
3. Reforça e valoriza no momento certo o desempenho das crianças					A2 E2
4. Mostra sensibilidade e mobiliza esforços quanto aos cuidados de higiene/saúde/alimentação e/ou negligência ou maus-tratos					A2 E2

III.PÓS-OBSERVAÇÃO

E. Reflexão	1	2	3	4	5
1. Analisa criticamente o seu desempenho					A2 E2
2. Identifica e refere pontos positivos					A2 E2
3. Identifica e refere pontos a melhorar					A2 E2
4. Identifica estratégias, soluções e medidas para superar os pontos que deve melhorar					A2 E2